

ANA CAROLINA GONÇALVES REIS

**IMAGENS E IMAGINÁRIOS DA PROFISSÃO DE
SECRETARIADO NA REVISTA EXCELÊNCIA**

**Belo Horizonte
Faculdade de Letras da UFMG
2012**

ANA CAROLINA GONÇAVES REIS

**IMAGENS E IMAGINÁRIOS DA PROFISSÃO DE
SECRETARIADO NA REVISTA EXCELÊNCIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Lingüísticos, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Lingüística do Texto e do Discurso.

Área de concentração: Lingüística do Texto e do Discurso.

Linha de pesquisa: Análise do Discurso.

Orientadora: Prof^a Dr^a Emília Mendes.

**Belo Horizonte
Faculdade de Letras da UFMG
2012**

Dissertação defendida por Ana Carolina Gonçalves Reis em 26-3-2012 e aprovada pela banca examinadora, constituída pelas professoras doutoras relacionadas a seguir:

Emília Mendes – UFMG
Orientadora

Ida Lúcia Machado - UFMG

Rosane Santos Mauro Monnerat - UFF

Este trabalho é dedicado aos
estudantes e profissionais de
Secretariado e Secretariado
Executivo no Brasil.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelas bênçãos que sempre me concede e por nunca me deixar desistir. A São Judas Tadeu, pelas graças alcançadas.

À UFV, pelo período consentido para a realização do Mestrado e pela bolsa de estudos com a qual fui contemplada. Particularmente ao Prof. Walmer Faroni, pelo auxílio na consecução dessa bolsa, e à Suely, funcionária da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, pela prontidão com que sempre me atendeu.

Ao Poslin e à UFMG pelo acolhimento. Agradeço em específico ao funcionário Divino, que se mostra sempre atencioso para nos orientar nas diversas situações acadêmicas com que nos deparamos.

À Profa. Ida Lúcia Machado, com quem fiz duas disciplinas, pelos ensinamentos, pela gentileza em sala, pelo que representa para a AD e por ter aceitado o convite para participar da minha banca.

À Profa. Rosane Monnerat, por ter-se disponibilizado de bom grado a vir a Belo Horizonte avaliar o meu trabalho.

À Profa. Wiliane Rolim, suplente da minha banca, pela leitura tão cuidadosa da dissertação.

Aos professores das disciplinas cursadas no Poslin, principalmente, à Profa. Helcira Lima, que foi parecerista do meu projeto, pelos relevantes apontamentos.

Aos professores Antonio Campos e Cristina Pimentel, por terem me iniciado no mundo da pesquisa como meus orientadores de Iniciação Científica e Monografia.

Às professora e colegas Maria Carmen Gomes, Mônica Melo e Cristiane Cataldi, da UFV, que leram meu projeto e me deram sugestões valiosas. Notadamente à Maria Carmen por todo o auxílio, inclusive, ao meu ensinar a Teoria Semiolingüística, mesmo trilhando agora outros caminhos teóricos.

À minha família – pais, irmãos, sobrinhos e cunhados – pela presença e pela força em todos os momentos. Em especial à minha mãe (e amiga), Alba, pelo amor incondicional; ao meu pai e ao Matheus, que carinhosamente estiverem presentes em minha defesa.

Ao Argus, que se mostrou um grande amigo quando o medo de não dar conta me bateu: obrigada ter sido tão disponível, paciente e prestativo.

Aos colegas e amigos que aqui fiz, com os quais muito aprendi, dentre eles, Fernanda Chaves e Cláudio Lessa, por toda a ajuda quando da primeira disciplina que cursei. Também agradeço aos que foram assistir à minha defesa, pela torcida, e à Nádia, pela indicação e empréstimos de livros sobre moda.

Enfim, aos meus grandes amigos, especialmente aos da minha cidade, Entre Rios de Minas, por estarem tão presentes nesses meus dois anos em Belo Horizonte. Agradeço pela companhia nos momentos festivos e pela força nas horas do aperto, além do constante incentivo.

AGRADECIMENTO ESPECIAL

Meu agradecimento especial à Profa. Emília, minha orientadora, pela acolhida, pelo incentivo, por se mostrar sempre disponível e atenciosa, pela paciência com os formulários a preencher todo semestre, pela generosidade, pelo envolvimento com meu objeto de estudo, pela compreensão, enfim, por ter sido muito mais que uma orientadora, principalmente nos momentos tumultuados ou de insegurança.

RESUMO

Essa dissertação objetiva analisar os imaginários sociodiscursivos e as imagens – etótica e icônica – da profissão de secretariado veiculados nas capas da revista *Excelência*, periódico da Federação Nacional de Secretárias e Secretários – Fenassec. Especificamente, buscamos com este trabalho: I) identificar os *ethé* e os imaginários da ocupação instituídos nas capas da *Excelência* no período 2005-2008; II) analisar as dimensões técnica, situacional e discursiva das imagens que compõem tais capas; e III) examinar o estrato lingüístico do gênero em questão, notadamente no que concerne aos atos locutivos – haja vista o caráter híbrido (texto e imagem) com o qual é caracterizado. Como aporte teórico-metodológico para o trato com os dados imagéticos e verbais, utilizamos a grade de análise de imagens sugerida por Mendes (2011). Por meio das nossas análises, verificamos que a revista constrói, em algumas edições, imagens do profissional de secretariado ancoradas em imaginários contemporâneos do mundo corporativo e da profissão; contudo, em outros exemplares – a maioria –, a publicação reforça concepções cristalizadas sobre o profissional. Identificamos, assim, por um lado, os *ethé* de eficiência, competência, competitividade, versatilidade, sabedoria e produtividade, mas, por outro, averiguamos ainda os de submissão, subserviência, simpatia, elegância, boa aparência e beleza. Além disso, a ocupação é representada, consoante as capas que analisamos, como um cargo categoricamente feminino (há uma minoria de homens representados), o que nos levou a postular uma reafirmação dos imaginários sociodiscursivos relacionados ao gênero nessa carreira. Evidenciamos, também, que a *Excelência* busca desconstruir estereótipos negativos do ofício comumente difundidos pela mídia por meio, dentre outros elementos, da vestimenta das personagens que estampam as edições, vestimenta esta marcada pela formalidade. Nesse quesito, constatamos que a roupa aponta para a constituição do que cunhamos de identidade imagética da secretária (embora não determine, em última instância, a identificação dessa profissional). O que podemos dizer é que, de maneira geral, há uma fase de transição nas hegemonias de imaginários e imagens sobre a profissão, pois, no caso do secretariado, há imaginários e imagens que tendem a se enfraquecer, assim como outros que tendem a se fortalecer.

ABSTRACT

This thesis aims to analyze the imaginary social discourse and images – ethotic and iconic – of the secretarial career advised on the covers of *Excellence* magazine, Journal of the National Federation of Secretaries - Fenassec. Specifically, this paper aims: I) To identify the *ethé* and the imaginaries of the employment imposed on the covers of *Excellence* in the period 2005-2008; and II) To analyze technical, situational and discursive of the images that make up these layers; and III) To examine the linguistic strata of the genre in question, especially as regards locutive acts - considering the hybrid character (text and image) with which it is characterized. As the theoretical-methodological framework for dealing with verbal and pictorial data, the grid of images analysis suggested by Mendes (2011) was used. Through the analyzes, the fact that the magazine builds, in some editions, images of the professional secretary anchored in contemporary imaginary of the corporate world and the profession. However, in other magazine samples - the majority -, the publication reinforces concepts crystallized on the Professional. One can conclude, therefore, that on the one hand, the *ethé* of efficiency, competence, competitiveness, versatility, knowledge and productivity, but on the other hand, one can also observe the submission, subservience, friendliness, elegance, good looks and beauty. Moreover, the occupation is represented, according to the covers as a categorically feminine job (there is a minority of men represented), which led us to postulate a reaffirmation of the social discursive imaginaries related to gender in this career. One can also notice that *Excellence* seeks to deconstruct negative stereotypes of the craft, commonly disseminated through the media, among other things; the clothing of the characters that feature the editions, which is marked by formality. In this regard, one can notice that the clothing points to the formation of imagistic identity that was coined as the secretary (though, ultimately, the identification of the job is not determined). What one can say is that, in general, there is a transitional phase in the hegemony of the imaginary and the images about the profession, because, as in the case of the profession, there are imaginaries and images that tend to weaken themselves, as well as others which tend to strengthen themselves.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – OS SUJEITOS DA LINGUAGEM	27
FIGURA 2 – CAPA EDIÇÃO Nº 05 – ANO 3/2005	50
FIGURA 3 – CAPA I	57
FIGURA 4 – RELAÇÃO HIERÁRQUICA VERTICAL DE SUBORDINAÇÃO SECRETÁRIO/EXECUTIVO	61
FIGURA 5 – SECRETÁRIO COMO <i>STAFF</i> EM RELAÇÃO AO EXECUTIVO	61
FIGURA 6 – CAPA II	64
FIGURA 7 – CAPA III	69
FIGURA 8 – CAPA IV	73
FIGURA 9 – CAPA V	77
FIGURA 10 – CAPA VI	81
FIGURA 11 – CAPA VII	86
FIGURA 12 – CAPA VIII	89
FIGURA 13 – CAPA IX	93
FIGURA 14 – CAPA X	99
FIGURA 15 – CAPA XI	105
FIGURA 16 – CAPA XII	110
FIGURA 17 – CAPA XIII	113
FIGURA 18 – CAPA XIV	117
FIGURA 19 – CAPA XV	121
FIGURA 20 – CAPA XVI	126

LISTA DE GRADES

GRADE 1: GRADE DE IDENTIFICAÇÃO DAS CAPAS	51
GRADE 2: GRADE DE ANÁLISE DE IMAGENS (MENDES, 2011)	52

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO 1 – UMA PROPOSTA DE QUADRO TEÓRICO	21
Considerações iniciais	22
PARTE I - A profissão de Secretariado à luz da Análise do Discurso	22
PARTE II – Contribuições teóricas para o estudo de textos verbo-icônicos	26
II.1. Teoria Semiolingüística e sujeitos da linguagem	27
II.2. O gênero: capa de revista	28
II.2.1. Estatuto ficcional/factual do gênero	31
II.3. Efeitos de real, de ficção e de gênero	31
II.4. Imaginários sociodiscursivos	32
II.5 <i>Ethos</i>	35
II.6. <i>Pathos</i>	37
II.7. Modos de organização do discurso	38
II.8. Atos locutivos: alocutivos, elocutivos e delocutivos	40
II.9. Conceitos da dimensão técnica da imagem fixa	41
II.9.1. Elementos plásticos	41
II.9.2. Close e/ou ponto de vista	43
II.9.3. Funções da moldura	44
PARTE III – Vestimenta no ambiente de trabalho	45
Considerações finais	47

CAPÍTULO 2 – ASPECTOS METODOLÓGICOS	48
Considerações Iniciais	49
2.1. Material a ser analisado: descrição do <i>corpus</i>	49
2.2. Seleção do <i>corpus</i>	51
2.3. Categorias de análise	52
2.4. Etapas da pesquisa	53
Considerações finais	54
CAPÍTULO 3 – MAPEAMENTO DOS ARTEFATOS VERBO-ICÔNICOS: ANALISANDO IMAGENS E IMAGINÁRIOS DO SECRETARIADO	55
Considerações Iniciais	56
3.1. Análise das capas	57
Considerações Finais	129
CONCLUSÃO	131
REFERÊNCIAS	138
ANEXOS	144

INTRODUÇÃO

Posso dizer que meu interesse pela temática com a qual escolhi trabalhar nesta dissertação data da minha aprovação no vestibular para o curso de Secretariado Executivo Trilíngüe da Universidade Federal de Viçosa. Ao compartilhar com meus familiares e amigos o êxito no exame, as mesmas perguntas me eram feitas: que curso é esse? É realmente necessário passar mais de quatro anos em uma graduação para se tornar “apenas uma secretária”? Você vai para uma universidade federal para fazer “esse” curso? Tais questionamentos me incomodavam muito, às vezes até me irritavam, pois, ao que parecia, eu estava escolhendo seguir uma carreira que na mente (nos imaginários) das pessoas não tinha o mérito de demandar uma graduação e, portanto, estudar para aquilo era algo supérfluo. Por vezes essas colocações me faziam ponderar se eu estaria perdendo um tempo em que pudesse me dedicar a uma profissão “de sucesso”, que um dia fosse me conferir prestígio social ou *status* – aspirações comuns de um adolescente que começa a trilhar sua vida profissional – posto que “ser secretária”, pelo que me era passado, jamais iria me possibilitar isso.

O incômodo permaneceu durante a graduação, quando vários colegas de outros cursos faziam anedotas como: o que você estuda? Matérias sobre como limpar a mesa do executivo ou servir o cafezinho para o chefe? Em algumas ocasiões até mesmo professores de outras áreas que ministravam disciplinas para meu curso faziam alusão à profissão com discursos estereotipados ou demonstravam certo desconhecimento acerca do papel do secretário executivo nas organizações. Assim, colocações do tipo: “Por que uma secretária precisa estudar essa matéria?”, questionando a relevância de determinado conteúdo na formação acadêmica, não raro eram apontadas em sala.

O interessante é que, depois de graduada, no exercício profissional em instituições nacionais e multinacionais, eu percebia uma outra visão acerca da minha profissão nos discursos que veiculavam nas empresas. Em meu entendimento, naquele contexto sabia-se exatamente o papel e a importância de uma secretária executiva para uma organização, o que por vezes contradizia os discursos concernentes à carreira com os quais eu me deparara no passado ou que eu via circular no âmbito social. Tal contradição também passou a me instigar sem que naquele momento conseguisse encontrar uma explicação para minhas percepções e reflexões.

Desde esta época, eu ainda não tinha tido a oportunidade de trabalhar todas essas questões, quando em 2009, já como docente no mesmo curso de graduação e na mesma universidade onde me formei, veio a chance de realizar o Mestrado, sobre o qual eu não tinha dúvidas sobre o tema a ser pesquisado: eu queria pesquisar algo que me ajudasse a

entender as imagens construídas pela sociedade acerca da secretária no Brasil. Meu intento era, pois, compreender a configuração discursiva concernente a essa profissão, de modo a apreender de que maneira os estereótipos sobre essa carreira se constituíam e se veiculavam nos mais diversos discursos. Desse modo, é justamente buscando satisfazer esse meu interesse de pesquisa que me proponho a desenvolver o presente estudo.

Cabe esclarecer que, diferentemente do que se pensa, a profissão de secretariado surgiu com os homens, conforme explanaremos mais adiante, tendo sido efetivamente desempenhada pelas mulheres só a partir de Primeira Guerra Mundial. Desde a entrada destas no ramo secretarial, a carreira passou a ser categorizada como eminentemente feminina e, como consequência, emergiram outras concepções acerca do ofício que, até então, gozava de grande prestígio social: os secretários (homens) eram assessores de líderes renomados na sociedade, fator que lhes conferia *status* e valorização no contexto social.

A admissão das mulheres para essa ocupação marca uma nova configuração da profissão, o que se reflete, pois, nos discursos socialmente veiculados acerca da carreira. Algumas representações sociodiscursivas passaram a ser, então, atreladas à secretária, como a idéia do recrutamento da profissional pela beleza, o conceito de que ela era a “amante do seu chefe” e a concepção de ser “o cartão de visitas das empresas”. Tomando as idéias de Bakhtin (1992), podemos dizer, assim, que toda e qualquer alteração na sociedade tem seu reflexo na língua. O discurso tem uma natureza social, é eminentemente social, político e ideológico. Além disso, é no discurso que se revelam as representações sociais, que, de acordo com Moscovici (2007, p.21), são um sistema de valores, práticas e idéias que tornam possível a comunicação entre os membros de uma comunidade, fornecendo-lhes um código para nomear e classificar “vários aspectos de seu mundo e da sua história individual e social”. Em outros termos, pode-se dizer, pois, que é por meio das representações que as sociedades significam a realidade que se lhes apresenta.

Para exemplificar essas novas representações, podemos mencionar uma publicidade de um hotel, veiculada no jornal “O Globo”¹, que lançou a seguinte chamada na ocasião da Semana da Secretária: “Nossas camas são bem mais

¹ Edição de 25 de setembro 2003.

confortáveis que a mesa do escritório”². Nota-se aqui uma representação sociocultural da secretária como a que se envolve com o seu superior e não como a detentora de competências profissionais, tais como: execução de serviços de secretaria; assistência e assessoramento direto a executivos; redação de textos profissionais especializados; organização e controle de documentos e arquivos, dentre outras. Outro exemplo seria uma campanha publicitária de um cosmético na revista Playboy: “Compre um perfume para sua secretária e outro para sua mulher. Assim ela não vai perguntar que perfume é esse”.³ Nesse enunciado, a secretária como amante desvirtua do caráter profissional daquela que exerce tal função: impessoalidade na tratativa com parceiros de trabalho, eficiência e eficácia nas atividades desenvolvidas, discrição com relação a informações confidenciais que lhe são passadas, iniciativa para tomada de decisões, etc. (MEDEIROS e HERNANDES, 2004). Percebe-se, pois, um discurso estereotipado, que deixa de lado os atributos requeridos para se ocupar o cargo em função de atributos que se assemelhariam mais aos queridos de uma mulher para uma relação extraconjugal. Podemos depreender, assim, que o discurso não só reflete representações socioculturais como também as constrói e as cristaliza na sociedade e é nesse viés que trabalharemos na pesquisa que desejamos empreender. Nosso objetivo é analisar tais representações, as quais, em nosso estudo, configuram-se como imaginários sociodiscursivos⁴, termo utilizado por Charaudeau (2007), cuja explanação apresentaremos no capítulo seguinte. É também nosso intento identificar as imagens de secretária socialmente veiculadas, designadamente, as imagens etótica⁵ e icônica verificadas no *corpus* escolhido. Nosso objeto de estudo são as capas da revista *Excelência*, periódico da Federação Nacional de Secretárias e Secretários – Fenassec. Convém explicar que nosso ensejo em trabalhar com o gênero capa se dá por considerarmos que há uma discursividade que perpassa os textos imagéticos. Além disso, optamos por esse objeto em específico pelo fato de ser direcionado a profissionais de secretariado, o que nos levou a levantar a seguinte hipótese: por se tratar de publicação da federação representativa da classe profissional, a revista buscaria veicular imaginários e imagens (*ethé*) pautados em uma concepção de secretária que não reafirmaria uma visão estereotipada acerca da profissão veiculada na

² Dado disponível no site: http://www.fenassec.com.br/respeito_hotel.htm. Acesso em 24 de agosto de 2009.

³ Edição 09/00. Disponível em: <http://www.fenassec.com.br/chlorophylla.htm>. Acesso em 24 de agosto de 2009.

⁴ Para Charaudeau (2007), os imaginários sociodiscursivos seriam o produto das representações sociais.

⁵ Referente a *ethos* consoante Mendes (2011), conforme abordaremos na seqüência.

mídia e em outros setores da sociedade – visão esta que seria difundida socialmente a partir da inserção da mulher nessa ocupação, conforme anteriormente explanamos.

Para melhor clarificar, nossos objetivos específicos são:

- ✓ identificar os *ethé* e os imaginários sociodiscursivos da profissão secretária construídos/veiculados nas capas da revista *Excelência* no período 2005-2008;
- ✓ analisar as dimensões técnica, situacional e discursiva das imagens⁶ que compõem tais capas; e
- ✓ examinar o estrato lingüístico do gênero em questão, notadamente no que diz respeito aos atos locutivos, haja vista o caráter híbrido (texto e imagem) com o qual é caracterizado.

Uma justificativa que aponta a relevância deste estudo está no fato de as pesquisas que abordam a temática “secretária/secretariado” ainda serem incipientes, conforme Décia (2005). Ademais, em virtude de a Análise do Discurso ter surgido como proposta para tentar elucidar opacidades discursivas, numa perspectiva interdisciplinar, uma pesquisa como a que este trabalho propõe pode contribuir para uma reflexão sobre os imaginários da sociedade acerca do secretariado, reflexão esta tão escassa em termos de produção científica. O trabalho com imagens permite identificar tais imaginários na medida em que, consoante Mendes (2011), eles são verbo-icônicos, ou seja, podem ser percebidos não só nas manifestações languageiras, verbais, como também nas construções imagéticas.

É relevante pontuar que em nosso exercício da docência temos observado que as abordagens atuais da profissão são de caráter primariamente técnico. As publicações da área, por exemplo, caracterizam-se por serem manuais sobre como exercer esta ou aquela atividade, não levando à busca por uma reflexão sobre as imagens dessa ocupação apreendidas pela sociedade ou sobre imaginários sociodiscursivos concernentes à carreira. Desse modo é que, a nosso ver, faz-se importante identificar os imaginários veiculados pela entidade representativa da classe, mesmo porque alguns, cristalizados, os denominados estereótipos – conforme Charaudeau (2007) e Amossy & Herschberg-Pierrot (2005) –, ainda são percebidos em diversos discursos sociais. No

⁶ Tais dimensões são contempladas na grade de análise de imagens sugerida por Mendes (2011), grade esta que será o aporte teórico-metodológico de que nos valeremos para trabalhar com as capas.

que tange ao gênero, por exemplo, pouco se fala em “secretários”: a profissão ficou cristalizada no imaginário coletivo como feminina. Em São Paulo, dos cerca de 800 mil profissionais de secretariado, 10% são homens⁷. Valer-se de uma revista para buscar visualizar essa questão é pertinente, visto que por meio dela é possível verificar como os imaginários tomam corpo, ou seja, de que maneira são reafirmados ou negados.

Ainda, nossa pesquisa pode atender à proposta de interface com outros campos do conhecimento (como a área de Secretariado Executivo), além de poder contribuir para um melhor entendimento da relação *ethos*/imaginários sociodiscursivos/sociedade/linguagem. A Análise do Discurso permite essa interdisciplinaridade e, ao mesmo tempo, fornece um instrumental teórico e metodológico para se investigue a constituição de identidades, as relações entre parceiros/sujeitos e a construção de realidades.

Com essas primeiras ponderações buscamos, pois, apresentar nossa motivação em estudar o assunto “profissão secretária”. Apontamos os objetivos e as justificativas para fundamentar nossa proposta e agora, apenas no intuito de dar ao nosso leitor um panorama geral da pesquisa, pontuamos os capítulos que compõem o trabalho e seus respectivos conteúdos.

O capítulo 1 apresenta o embasamento histórico e teórico de nossas discussões. No intuito de melhor organizarmos esse capítulo, nós o dividimos em três partes, assim intituladas: PARTE I, PARTE II e PARTE III. Trazemos, na primeira, uma cronologia da profissão de secretariado, a fim de explanar como se configurava essa carreira no passado e como hoje ela é vislumbrada. Na sequência (itens II.1 a II.9.3), abordamos os conceitos que constituem as categorias contempladas pela grade de análise de imagens sugerida por Mendes (2011). Tal grade configura-se como nosso principal aparato teórico-metodológico no trabalho com o gênero capa de revista. Ao final, na PARTE III, discorreremos brevemente sobre assunto vestimenta no ambiente de trabalho, pelo fato de as imagens veiculadas nas publicações que constituíram nosso *corpus* trazerem personagens caracterizadas por roupas concernentes ao ambiente empresarial, sendo tais roupas elementos de manifestação de imaginários e de constituição dos *ethé*.

No capítulo 2, explicamos a metodologia por nós utilizada para a realização da pesquisa. Nos aspectos metodológicos, apresentamos a descrição do *corpus*, os critérios de seleção do objeto de estudo, as categorias de análise utilizadas no tratamento dos

⁷ Informação obtida na página eletrônica: <http://www.betedelia.com.br/artigo15.htm>. Acesso em 03 de agosto de 2011.

dados verbo-icônicos e as etapas que constituem os procedimentos para execução do nosso trabalho de investigação.

No capítulo 3, temos a análise dos dados à luz do quadro teórico empreendido, sendo abordadas, em cada exemplar analisado, as dimensões situacional, técnica e discursiva das imagens, além da organização enunciativa do componente lingüístico das capas.

Ao final, apresentamos a conclusão de nosso estudo, procurando evidenciar as recorrências observadas no trato com as informações, verificar se os objetivos foram atingidos e confirmar, ou não, a nossa hipótese: nossa pressuposição é que a Excelência veicula imaginários e imagens (*ethé*) que não endossam uma visão estereotipada acerca da profissão de secretariado.

Passemos agora ao capítulo 1: “Uma proposta de quadro teórico”.

CAPÍTULO 1

UMA PROPOSTA DE QUADRO TEÓRICO

Considerações iniciais

Neste primeiro capítulo apresentaremos um breve panorama da história da profissão de secretariado, no intuito de mostrarmos ao leitor a evolução dessa ocupação e as várias acepções que dela foram se apresentando ao longo do tempo. Buscaremos, também, definir os conceitos que ancoram, em termos teórico-metodológicos, a realização do nosso estudo. Cabe ressaltar que tais conceitos integram a grade de análise de imagens de que nos valem na análise do *corpus*, nesse sentido, entendemos que abordá-los ajudará a melhor compreender a grade e a descrição de seus itens. Finalmente, falaremos sobre a questão do vestuário no contexto corporativo, posto que depreendemos uma intrínseca relação entre a vestimenta e as imagens socialmente construídas acerca do sujeito que a utiliza.

PARTE I – A profissão de Secretariado à luz da Análise do Discurso

A profissão de secretariado surgiu na Dinastia Macedônica, no Império de Alexandre Magno (356 a.C. – 323 a.C.), com os escribas. Segundo Sabino e Rocha (2004), o escriba era o homem que dominava a escrita, a matemática, a contabilidade e os processos administrativos gerais, atributos que lhe permitiam gerenciar propriedades ou seguir carreira no serviço público. Para se tornar escriba, o aspirante devia frequentar importantes escolas, como as de Mênfis ou de Tebas, assim, o indivíduo passava a pertencer à classe oficial culta. O então ofício de secretariar era, pois, uma das poucas oportunidades de liberação do trabalho servil para aqueles que não eram nascidos nas classes privilegiadas econômica e socialmente; logo, grande era o interesse dos homens em tornarem-se secretários.

Para os autores acima citados, o escriba era aquele que não só recebia ordens, mas também era naturalmente encarregado da sua execução. Detinha conhecimentos sobre a história e a literatura de seu país e falava outras línguas, sendo, portanto, bastante demandado pelos Imperadores para auxílio em domínios de territórios.

A profissão seguiu pelo caminho da cultura e do conhecimento e os secretários (homens exclusivamente) trabalhavam como assessores de grandes líderes da sociedade. Sabino e Rocha (2004) afirmam que há registros históricos de que Alexandre, O Grande; Nicolau Maquiavel e Napoleão Bonaparte, por exemplo, contavam com secretários para assisti-los em seus feitos.

Esse panorama de dominância dos homens na profissão permaneceu até a Primeira Guerra Mundial. Antes desse acontecimento, as mulheres se ocupavam apenas do lar. O papel delas era o de cuidadoras da prole e suas atividades restringiam-se à execução de tarefas domésticas. Porém, com o advento da referida guerra, houve uma mudança na organização social e política da sociedade. Os homens foram obrigados a ir para as frentes de batalha e os postos de trabalho nas empresas ficaram vagos. Essas empresas, prontamente, colocaram as mulheres para assumir os postos outrora ocupados pelos homens. Inicialmente, elas trabalhavam nas tecelagens e, posteriormente, foram tomando os lugares nos escritórios.

Sabino e Rocha (2004) postulam que, dada a noção de organização trazida da cultura doméstica, as mulheres exerceram, com ainda mais eficiência, a profissão de secretariado, logo, conquistaram definitivamente o posto de secretárias. Desse modo, a profissão passou a ser eminentemente feminina. Ademais, como faziam parte de uma classe socialmente estigmatizada como inferior, não tendo, também, acesso ao conhecimento formal, eram a elas pagos salários bem inferiores aos auferidos pelos homens, situação que, de certa forma, estimulava as organizações a contratarem as mulheres para aquele cargo.

Ainda de acordo com esses autores, o marco histórico que de fato atrelou a profissão à figura feminina foi o centenário do nascimento de Lílian Sholes, filha do inventor da máquina de escrever, Christopher Sholes. Lílian foi considerada a primeira datilógrafa, por isso, no ano de 1950, em celebração aos 100 anos de seu nascimento, as empresas fabricantes de máquinas de escrever organizaram o primeiro concurso de datilógrafos – uma das denominações que o profissional de secretariado teve ao longo da sua história, principalmente porque pelo fato de aquele equipamento durante muitos anos ter sido o instrumento de trabalho dos secretários. Assim, dado o comparecimento em massa de mulheres no referido concurso, ocorrido em 30 de setembro, instaurou-se tal dia como o Dia da Secretária.

A inserção da mulher nesse mercado traz, como consequência, outras concepções acerca da profissão. No Brasil, especificamente, com a chegada das

multinacionais, a partir dos anos 50, uma nova realidade do secretariado se instaura. Agora, atribuições prioritariamente de ordem técnica passaram a ser delegadas à secretária (datilografia, taquigrafia, anotações de recados e atendimento telefônico). Para se exercer a função não mais era requerido freqüentar boas escolas ou ter profundo conhecimento acerca das organizações e de seus ambientes, como ocorria no passado. O papel desempenhado pela profissional nas corporações era semelhante ao da mulher na família: maternal e submissa. A ela cabia apenas cumprir ordens do superior, sendo a relação chefe-secretária marcada, como nos moldes domésticos da época, pela subserviência. Nessa década, inclusive, era comum a secretária resolver assuntos particulares do executivo, conforme Natalense (1998).

Nos anos 60, a profissão é caracterizada pela realização de tarefas rotineiras. Ter uma secretária, nessa época, era sinônimo de *status* para empresários e ela passa a ser considerada “o cartão de visita das empresas”. Nesse sentido, os atributos físicos (ou seja, a beleza) tornam-se um critério para contratação, prática que levou a uma desvalorização da profissional: esta era considerada como um “artigo decorativo” nos escritórios.

Os anos 70 marcam importantes mudanças na profissão. A formação de gerentes, por meio de treinamentos, acabou levando à participação de secretárias em programas de desenvolvimento, o que deu início a uma maior inserção das profissionais no cotidiano de trabalho das empresas. Ademais, na década de 70 surgem, de acordo com Sabino e Rocha (2004), grandes complexos industriais no Brasil, ocorre a automação da produção e têm lugar avanços tecnológicos, fatores que contribuíram para que as secretárias passassem a ser vislumbradas como membros ativos da gerência, começando a galgar respeito nas organizações. É nesse período que surgiram as primeiras associações de classe, e as concepções de que o trabalho da secretária não gerava resultado ou de que ela não tinha horário para sair da empresa ainda perduravam.

A década de 80 traz como conquista para aquela categoria profissional o surgimento dos sindicatos. Muda-se a forma de trabalho chefe-secretária: ambos passam a constituir, conjuntamente, uma equipe, instaurando-se a administração participativa. Designada como era da qualidade e da informática, essa década sinaliza um outro perfil da secretária: de maternal e passiva, ela agora passa a ser valorizada no mercado pela excelência profissional, pela competência para o exercício da função e pelo domínio de múltiplos conhecimentos, conforme elencam Sabino e Rocha (2004). A tecnologia proporciona facilidades para o executivo gerenciar seus assuntos particulares e, mais

que uma assessora, a secretária passa a ser sua parceira. Os anos 80 marcam a promulgação da lei de regulamentação da profissão, Lei 7.377/85⁸, que, dentre outras providências, institui a diferença entre os cargos de secretário e secretário executivo: o primeiro refere-se ao profissional Técnico em Secretariado, com formação em nível de segundo grau; já o segundo assinala o profissional de nível superior, diplomado em terceiro grau. Estabelecendo também diferentes atribuições para cada uma dessas duas categorias, essa lei foi complementada, posteriormente, pela Lei 9.261/96.

Dos anos 90 até a atualidade, a profissional demandada pelas organizações é a gestora de processos, e não mais como executora de rotinas, como postulam Sabino e Rocha (2004). As “secretárias serviçais” – termo empregado por Natalense (1998, p.10) – ou “artefatos de decoração” não têm mais lugar, e a profissional passa a ser valorizada por suas habilidades técnicas e gerenciais, sendo a ela delegada mais autonomia na execução de atividades.

É relevante destacarmos o que pontuam Sabino e Rocha (2004) acerca da idéia de que com a automação dos escritórios a profissão de secretária deixaria de existir, pelo fato de que os executivos tomariam para si atribuições como as de redigir documentos, preparar planilhas ou montar apresentações. Como informam esses autores, Bill Gates, presidente da Microsoft, previu, em 1997, a extinção para o ano de 2000 dessa classe profissional, com o argumento de que os computadores viabilizariam aos empresários o próprio gerenciamento de tarefas e compromissos. Contudo, é importante que se esclareça que, conforme Natalense (1998), não é a profissão de secretária que se extingue, mas a sua prática inadequada. As tarefas de ordem técnica, que demandam o uso do computador, por exemplo, não são, de acordo com aqueles dois autores, as únicas atribuições de um secretário da contemporaneidade. Ao contrário, o assessoramento a empresários hoje demanda, dentre outras competências, conhecimentos gerenciais, domínio de idiomas, habilidades interpessoais, postura de liderança e compromisso com resultados, haja vista que a secretária tornou-se membro ativo nos processos produtivos das empresas.

Esse breve panorama histórico que traçamos nos mostra como a profissão (e a concepção acerca da profissão) mudou ao longo dos anos. A entrada da mulher no secretariado acarretou, por um lado, o surgimento de algumas representações estereotipadas sobre a ocupação. O desenvolvimento, contudo, trouxe um novo perfil

⁸ Para mais informações a esse respeito, consultar: o endereço eletrônico: http://www.fenassec.org.br/b_osecretariado_lei_regulamentacao.html. Acesso em 21-02-2012.

profissional ao mercado de trabalho, à sociedade. Mas o que nos instiga é que alguns discursos veiculados acerca da carreira na atualidade ainda carregam essas representações, motivo pelo qual propomos este estudo, para que busquemos entender como se dá a construção de imagens (*ethé*) e imaginários sobre o secretariado na contemporaneidade.

Para tanto, vamos partir para algumas conceituações teóricas pertinentes ao desenvolvimento de nossa pesquisa.

PARTE II – Contribuições teóricas para o estudo de textos verbo-icônicos

Os conceitos cuja definição apresentamos nesse item constituem a fundamentação para o trabalho com nosso *corpus*, posto que se configuram como as categorias componentes da grade de análise de imagens sugerida por Mendes (2011). Trata-se tal grade de uma proposta de se transpor os aportes teórico-metodológicos do texto verbal para o imagético, sendo pertinente, inclusive, no trato com gêneros híbridos – como a capa de revista –, uma vez que contempla variáveis concernentes tanto ao artefato icônico quanto ao lingüístico.

A grade compreende três dimensões: a situacional, a técnica/categorias da língua e a discursiva. A primeira abrange os sujeitos do discurso, o gênero situacional e seu estatuto (factual/ficcional), além dos efeitos (de real, de ficção e de gênero) que podem ser constatados no objeto de estudo em questão. Já a dimensão técnica inclui os elementos plásticos, o close e/ou ponto de vista e as funções da moldura da imagem fixa. No que se refere à análise do texto verbal, considera os atos locutivos – alocutivos, delocutivos e elocutivos – os modalizadores e marcadores, assim como outras categorias pertinentes. Em nossa pesquisa, contudo, abordaremos particularmente os atos locutivos no gênero capa, conforme justificamos no capítulo 2 – Aspectos Metodológicos, ao discorrermos sobre as categorias de análise. Finalmente, a dimensão discursiva abrange os modos de organização do discurso – consoante Charaudeau (2009) –, os imaginários sociodiscursivos, as categorias etóticas (relacionadas a *ethos*) e as categorias patêmicas (referentes a *pathos*).

Passaremos agora à explanação de cada um desses conceitos.

II.1. Teoria Semiolingüística e sujeitos da linguagem

Partiremos neste trabalho da Teoria Semiolingüística de Charaudeau (2009) no que se refere à definição da situação de comunicação e dos sujeitos da linguagem. O quadro abaixo representa o Ato de Linguagem e os sujeitos nele envolvidos.

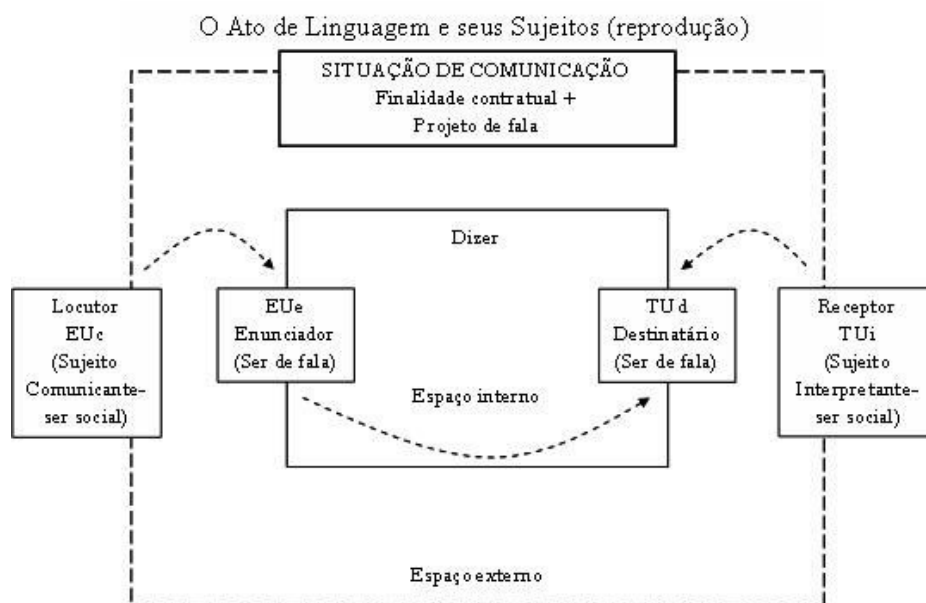


Figura 1: Os Sujeitos da Linguagem

Fonte: Charaudeau (2009, p.77)

Vamos nos valer desse esquema para representar os sujeitos da *mise en scène* discursiva; assim, relativamente à instância de produção, o EUC refere-se ao ser produtor de fala, empírico, psicossocial. O ser de palavra, colocado em cena pelo Euc como uma imagem de enunciador, situado no espaço do dizer, é o denominado EUE. Na instância de recepção, o Tui é o sujeito interpretante ou ator social, sendo o Tud a imagem deste como “destinatário ideal”, fabricada pelo Euc.

Remetendo ao nosso objeto de estudo, podemos dizer que o EUC institui-se como uma instância compósita, a qual abarca a Fenassec – Federação Nacional de Secretárias e Secretários – e a equipe responsável pela revista. O Eue corresponde à própria enunciação, incluindo-se aqui as personagens que cada exemplar traz. Representa o Tud o público a quem a publicação visa atingir: secretários, secretários executivos, docentes e estudantes de cursos de Secretariado e Secretariado Executivo. O

Tui, por sua vez, é composto por todas as pessoas que efetivamente visualizaram as publicações.

Segundo Charaudeau (2009, p.53), o Eue e o Tud advêm das práticas languageiras e se encontram, pois, no denominado circuito interno ou “circuito da fala configurada”. Já o Euc e o Tui estão relacionados a uma organização psicossocial, instituídos, portanto, no “circuito externo à fala configurada” como testemunhas do real. A significação discursiva decorre, desse modo, da articulação entre o circuito interno (lingüístico-discursivo) e externo (situacional).

Ainda consoante o autor, para alcançar seus propósitos comunicativos junto ao Tui, o Euc vai lançar mão de contratos e estratégias. O contrato refere-se a um acordo entre os parceiros do ato de linguagem sobre as práticas sociais languageiras; a estratégia, por outro lado, relaciona-se à forma como o sujeito comunicante articula seu discurso de modo a produzir certos efeitos – de persuasão ou sedução – no interpretante. Assim sendo é que o locutor vale-se do texto, seja este verbal ou icônico, para, numa dada situação de comunicação, realizar seu projeto de fala. Os textos seriam, pois, para Charaudeau (2009), uma manifestação material da encenação do ato de linguagem, apresentando características recorrentes que permitem classificá-los em gêneros, assunto que agora passamos a tratar.

II.2. O gênero: capa de revista

Para definirmos o gênero com o qual trabalhamos nesta pesquisa – capa de revista – valemo-nos da concepção de que o gênero do discurso é situacional, conforme Charaudeau (2004). De acordo com o autor, não se deve limitar à recorrência de marcas formais na determinação de um gênero, posto que são

os dados situacionais que induzem as regularidades discursivas, e estas as formas textuais. Estas últimas não estão ali senão que como índices semiológicos que remetem a esses dados e permitem, assim, ao receptor reconhecer o gênero-contrato com o qual ele trata. (CHARAUDEAU, 2004, p. 33)

Nesse sentido, as coerções situacionais do contrato de comunicação, as restrições da organização discursiva e as características formais de um texto (seja ele verbal ou icônico) devem constituir, juntas, os fatores que ancoram a caracterização genérica.

O autor elenca, ainda, outros elementos que devem ser considerados para se definir um gênero: a finalidade (que forma as visadas discursivas⁹) do ato de linguagem numa dada situação de comunicação, a identidade dos parceiros, o propósito comunicativo e sua estruturação temática, além das circunstâncias e condições materiais da comunicação.

A partir desses apontamentos do autor, traçamos as características que nortearam nossa identificação do gênero neste estudo. A situação de comunicação nos apresenta os parceiros do ato de linguagem: de um lado, temos a instância da revista – uma federação e sua equipe, responsáveis por elaborar o periódico –; de outro, o leitor potencial dessa publicação. O suporte (condição material de comunicação) no qual o gênero circula é a revista impressa. Com relação ao contrato, este determina as convenções: imagens que ocupam toda a página e enunciados breves, em destaque, fazendo alusão à matéria principal e a outros assuntos do periódico.

Para fins didáticos, nós assim nomeamos tais enunciados, veiculados nas capas: enunciado-tema, que seria a manchete¹⁰, a frase da chamada principal da edição, sempre relacionada à imagem veiculada na capa; enunciado-explicativo, que diz respeito a uma explicação do enunciado-tema, configurando-se como uma espécie de subtítulo ou texto correspondente¹¹; e enunciado-informativo, que se presta a apresentar outras matérias abordadas na edição, as também denominadas chamadas secundárias¹².

Cabe destacarmos aqui o papel da memória sociodiscursiva no reconhecimento do gênero. O tipo de capa com que trabalhamos tem, para Puzzo (2009b, p.66), “um modelo mais ou menos estável que permite o seu reconhecimento imediato como capa de revista informativa.” Nesse sentido, a composição híbrida texto e imagem estampando aquele suporte remete o destinatário aos modelos sociais pré-construídos, que, partilhados pelos atores linguageiros e configurados como recorrentes, orientam a identificação genérica.

⁹ De acordo com Charaudeau (2004, p.23), a visada “corresponde a uma intencionalidade psico-sócio-discursiva que determina a expectativa (*enjeu*) do ato de linguagem do sujeito falante e, por conseguinte da própria troca linguageira.”

¹⁰ Para mais informações sobre esse conceito, consultar: <http://pt.scribd.com/doc/36702240/Elementos-graficos-e-editoriais-de-pagina>. Acesso em 08-02-2012.

¹¹ Conforme Garrido (2011): <http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao18/artigos/029.pdf>. Acesso em 08-02-2012

¹² Termo averiguado em: <http://www.slideshare.net/helenajacob/aula-capas-2010>. Acesso em 08-02-2012.

No quesito finalidade podemos citar o princípio de influência de que fala Charaudeau (2004). Segundo o autor, esse princípio, origem de certas visadas, determina o ato de linguagem em função da relação que o sujeito falante quer estabelecer com o destinatário. Podemos dizer, assim, que as visadas das capas de revista abrangem a informação e a incitação. A finalidade seria, pois, informar e persuadir o leitor-potencial para a leitura e compra da publicação. Segundo Puzzo (2009a), a função da capa consiste em apresentar-se como a vitrine de uma revista e, de acordo com a autora, nota-se atualmente como particularidade uma predominância de imagens em relação a textos nesse gênero. Na *Excelência*, em especial, observamos que as informações verbais são de fato breves, concisas, inclusive, ocupam pouco espaço se comparadas à dimensão das imagens na folha.

No que se refere a restrições da organização discursiva, podemos falar em modos de organização do discurso. Como predominantes temos o narrativo e o descritivo, conforme descreveremos mais adiante. Já no que tange às categorias da língua, podemos listar o uso das classes de palavras: advérbios, adjetivos, substantivos, dentre outras, as quais, de acordo com Procópio (2008), são as mesmas utilizadas em outros gêneros, sendo empregadas a partir da organização discursiva.

Por fim, é importante reiterarmos dois fatores que assinalam o caráter de hibridismo do gênero capa de revista. Primeiramente, como já o dissemos, a conjugação de componentes verbal e icônico na composicionalidade do gênero como marca dessa hibridização. Mas, além disso, há o duplo papel da capa de revista como outra característica híbrida: o de informação e persuasão. Conforme esclarece Puzzo (2009b, p.65), a “articulação entre a linguagem verbal e a visual exerce poder persuasivo sobre o público, além de informá-lo sobre os assuntos tratados na revista”. Em outras palavras, a capa não só informa acerca da matéria da edição como também, de certa forma, faz uma publicidade do produto "revista", ao buscar atrair a atenção do leitor.

II.2.1. Estatuto ficcional/factual do gênero

De acordo com Mendes (2010a), a identificação do estatuto do gênero é um quesito relevante a se considerar no trabalho com textos icônicos, visto que o estatuto determina a leitura que se terá da imagem.

O termo factual refere-se ao estatuto de um texto – verbal ou imagético – em que há preponderância de situações possíveis. Já o ficcional, conforme Mendes (2005, p.135), relaciona-se à “classificação dada ao estatuto de um texto em que há predomínio de *simulação* de situações possíveis” (grifo da autora). Assim sendo, o texto ficcional seria aquele caracterizado por uma tentativa de se conceber circunstâncias e/ou estados verossímeis.

Cabe destacar que, além do ficcional e do factual, há a denominada ficcionalidade colaborativa. Neste caso, para Mendes (2010a, p. 95), o gênero é factual, mas há “o uso de uma simulação de um mundo possível na sua composição”. Tal simulação pode ser utilizada, segundo Procópio (2008), para esclarecer, caracterizar ou enfatizar os propósitos de determinado discurso. É o que ocorre nas publicidades: como salienta Mendes (2005), um anúncio de determinado produto é factual, uma vez que este existe, pode ser encontrado para compra/consumo, e a ficcionalidade apenas contribui na promoção desse produto. Da mesma maneira, poderíamos dizer, remetendo ao nosso *corpus*, que há a simulação de mundos possíveis nas capas das revistas, mas com uma finalidade de tornar verossímil o mundo do trabalho que representam. Haveria, logo, um entrelaçamento de efeitos de real e de efeitos de ficção, termos cujas conceituações apresentamos a seguir.

II.3. Efeitos de real, de ficção e de gênero

Na concepção de Mendes (2008), um efeito é definido em função dos fatos do mundo e da capacidade que cada indivíduo possui para processar/reconhecer tais fatos. Assim, conforme a autora, a competência discursiva e o saber enciclopédico são acionados para se determinar o efeito, sendo necessário, num primeiro momento, identificar o gênero e seu estatuto.

Os efeitos (de real, de ficção e de gênero) podem ser verificados tanto nos textos de estatuto factual quanto nos de estatuto ficcional. O efeito de real faz referência ao mundo vivido, ao experienciado, estando ligado aos saberes de conhecimento – termo adotado por Charaudeau (2007). O efeito de ficção cria ou evoca simulações de mundos possíveis, como, por exemplo, em uma pintura. O efeito de gênero, segundo Charaudeau (2009, p.142), decorre de alguns procedimentos discursivos que, típicos de

um gênero, passam a se tornar signo deste gênero. O autor exemplifica mencionando que, ao se iniciar uma história com “era uma vez”, produz-se o “efeito de conto maravilhoso”. Charaudeau (1992, p.698) *apud* Mendes (2010b)¹³ postula ainda que “para obter este efeito, nos valemos de algumas características de um gênero A e as usamos em um gênero B, cria-se uma ‘ilusão’ de que o texto pertence ao gênero A invocado, mas, na verdade, o texto pertence ao gênero B.” Remetendo às imagens, podemos pensar nos casos em que a capa de revista é uma publicidade, ou, por exemplo, quando uma foto de uma criança é um *outdoor*. No primeiro, lança-se mão das características de uma capa de revista para se criar uma publicidade. Há a “ilusão” de que o artefato verbo-icônico em questão pertença ao gênero capa, quando, na realidade, ele diz respeito a uma publicidade. Já no segundo caso, podemos ponderar sobre a utilização de características de uma fotografia para se compor um *outdoor*: também pode-se depreender que a imagem refere-se ao gênero fotografia, entretanto ela pertence, de fato, ao gênero *outdoor*.

II.4. Imaginários sociodiscursivos

Para embasar nossa discussão acerca dos imaginários sociodiscursivos, vamos nos fundamentar nas contribuições de Charaudeau (2007). O trato com esse conceito torna-se necessário porque, além de compor a nossa fundamentação teórica, ele integra o quadro de análise de imagens sugerido por Mendes (2011) – o qual será apresentado no capítulo 2 – Aspectos Metodológicos, notadamente em 2.3. – Categorias de análise –, ferramenta base para as análises do texto icônico neste trabalho.

De acordo com Charaudeau (2007), a Semiologia institui uma diferenciação entre as noções de realidade e o real significante. A primeira representa o mundo empírico, restrito, portanto, ao âmbito da fenomenologia. Nessa acepção, a realidade se estabelece como o lugar da não significação, impondo-se ao homem em sua forma bruta, ainda não transformada em significado. No que concerne ao real, este se define pela maneira como o mundo é constituído no processo de significação do homem

¹³ Nota tomada do *exemplar* distribuído na disciplina *Seminário de Tópicos Variáveis em Análise do Discurso: Ethos, Imagem Icônica e Discurso*, ministrada pela Professora Emília Mendes Lopes, no segundo semestre de 2010, no PosLin da FALE/UFMG.

no exercício da linguagem, englobando, para tanto, as seguintes operações mentais: denominação, caracterização, descrição e explicação. Para exemplificar, podemos imaginar um espectador ao apreciar um quadro. A imagem icônica não traz em si um significado *a priori*, à espera de decodificação por parte do sujeito. Ao contrário, o espectador, quando se depara com a obra de arte, construirá, através de uma atividade significativa, os significados potenciais da obra. Desse modo, segundo Charaudeau (2007), o significado não aponta diretamente para a realidade, desvelada pelo sujeito, mas emerge de uma construção significativa operada por este.

Dito isso, o pesquisador francês salienta que as representações sociais se apresentam como uma mecânica de construção do real. Para ele, ao serem partilhadas por um dado grupo social, elas constituem toda e qualquer produção de sentido, transformando a realidade em real significativa ao materializar formas de conhecimento na/sobre a realidade social. Ademais, as representações sociais ensejam o que o autor define por imaginários sociodiscursivos, definidos como

[...] un mode d'appréhension du monde qui naît dans la mécanique des représentations sociales, laquelle, on l'a dit, construit de la signification sur les objets du monde, les phénomènes qui s'y produisent, les êtres humains et leurs comportements, transformant la réalité en réel signifiant.¹⁴
(CHARAUDEAU, 2007, p. 53)

Por serem constituídos pelas representações, os imaginários sociodiscursivos englobam explicações, enunciados, conceitos, idéias, informações, opiniões, atitudes e valores circulantes em uma dada sociedade. A nosso ver, o enquadramento deste conceito na perspectiva discursiva possibilita avanços no campo da análise da linguagem, tornada discurso por meio das diversas manifestações languageiras estabelecidas entre os sujeitos. Isso porque a organização conceitual trazida por Charaudeau (2007), ao dividir os saberes partilhados em saberes de crença e saberes de conhecimento, categoriza melhor os diferentes níveis do conhecimento social, instituindo diferentes posturas do sujeito frente ao mundo representado. Os imaginários sociodiscursivos, portanto, encaixam-se como proposta analítico-discursiva para o presente trabalho por nos conduzirem pelos caminhos da análise dos imaginários por meio da materialidade dos discursos.

¹⁴um modo de apreensão do mundo que nasce na mecânica das representações sociais, que, como o dissemos, constrói a significação dos objetos do mundo, os fenômenos que aí se produzem, os seres humanos e seus comportamentos, transformando a realidade em real significativa. [tradução nossa]

Os imaginários são, ainda, construções oriundas da organização social dos sentidos sobre o mundo experienciado; assim, eles devem ser compreendidos como frutos das relações intersubjetivas realizadas em sociedade, produtoras de simbolizações a um só tempo afetivas e racionais. Circulando através dos diversos discursos componentes da coletividade, os imaginários tornam-se sociodiscursivos à medida que são constituídos por meio das atividades languageiras ancoradas na fala.

Para Mendes (2010b), os imaginários não se expressam exclusivamente através da fala. Diferentemente disso, pode-se considerar, segundo a autora, que as imagens referentes a uma dada sociedade são produzidas/projetadas pela circulação daqueles, tornando-os de natureza verbo-icônica¹⁵. Nesse viés, é possível percebê-los tanto nas manifestações languageiras/verbais como nas produções imagéticas, que, assim como as primeiras, são emergências da construção, interpretação e divulgação do real pelos sujeitos.

Dessa ótica, Charaudeau (2007) ressalta que os imaginários sociodiscursivos estão ancorados em dois tipos de saberes, como o dissemos: os de conhecimento e os de crença. As diferenças entre eles se devem às formas particulares como cada um enseja a relação homem/mundo. No tocante aos saberes de conhecimento, institui-se um processo de verificação que os apresenta como verdades objetivas. Nesse sentido, o mundo está se impondo ao homem. Com relação aos saberes de crença, ocorre o inverso: o homem se impõe ao mundo. Estes se conformam nas avaliações subjetivas dos sujeitos sobre os fatos do mundo. Com isso, se os primeiros visam a conformar uma verdade acerca dos fenômenos experienciados, independentemente de ponderações subjetivas, os segundos vinculam-se à interpretação do mundo calcada nas avaliações, apreciações e valorizações subjetivas. Para exemplificar essa questão dos saberes, podemos pensar, em relação à profissão de secretariado, nos imaginários sociodiscursivos concernentes ao gênero nessa ocupação: consoante nossos saberes de conhecimento, o ofício é caracterizado como predominantemente feminino. Nesse caso, o fato se impõe ao homem como verdade objetiva, independentemente, portanto, de avaliações subjetivas dos sujeitos.

Como podemos notar, os imaginários sociodiscursivos se constroem a partir dos saberes de crença e de conhecimento, na dupla função de criar valores e justificar as

¹⁵ Nota tomada do *exemplier* distribuído na disciplina *Seminário de Tópicos Variáveis em Análise do Discurso: Ethos, Imagem Icônica e Discurso*, ministrada pela Professora Doutora Emília Mendes, no segundo semestre de 2010, no PosLin da FALE/UFMG.

ações de indivíduos e grupos sociais. Logo, ambos os saberes permeiam os discursos componentes de uma dada sociedade, fundamentando os argumentos que constituem os seus diferentes imaginários.

Cumpre-nos destacar as divergências existentes entre os imaginários sociodiscursivos e os estereótipos na perspectiva de Charaudeau (2007). Para o autor, os últimos referem-se a representações cristalizadas e, costumeiramente, se associam a cargas valorativas negativas ou positivas. Os imaginários, por sua vez, não possuem essa rigidez, não arregimentando verdades nem agregando valores axiológicos, pois não reconhecem as idéias com como certas ou erradas. Em vista disso, preferimos incorporar a este trabalho a categoria de imaginários em vez da de estereótipos. Ademais, Mendes (2010b) aponta que metodologicamente a fronteira que divide ambos é muito tênue quando se trata de definir se uma representação é cristalizada ou efêmera, tornando-se difícil para o analista perceber quando se trata ou não de um estereótipo.

Como em nosso estudo não nos propomos a descrever e avaliar se os “protótipos” (estanques) das secretárias são verdadeiros ou falsos, consideramos que o uso dos imaginários para a investigação se torna mais operacionalizável. Nesse sentido, tencionamos analisar em quais argumentos se fundamentam as construções sociais concernentes à profissão, averiguando como essas construções se associam à conformação dos *ethé*. Até porque, como lembra Charaudeau (2007), o analista deve, em última instância, se ater ao modo como surgem os imaginários na situação comunicacional, atentando para as visões de mundo que eles testemunham.

II.5. *Ethos*

O *ethos* se configura com uma das categorias de análise da grade sugerida por Mendes (2011), as intituladas categorias etóticas.

Segundo Amossy (2008), os antigos designavam pelo termo *ethos* a construção de uma imagem de si destinada a garantir êxito no empreendimento oratório. Conforme a autora, deliberadamente ou não, o locutor efetua em seu discurso uma apresentação de sua pessoa, buscando construir uma auto-imagem confiável em função das crenças e valores que ele atribui àqueles que o ouvem. O orador procura, dessa forma, adaptar-se a seu auditório ao fazer uma imagem deste.

Para Maingueneau (2002), *ethos* abrange os traços de caráter que o orador deve apresentar ao auditório para causar boa impressão; são os ares que assume ao se apresentar, tratando-se da construção de uma imagem correspondente à finalidade do discurso.

Maingueneau (2002) defende que o poder de persuasão de um discurso decorre também de uma identificação do leitor com valores socialmente especificados. Nesse sentido, o enunciador busca adequar sua apresentação de si aos esquemas coletivos que ele acredita serem interiorizados/valorizados por seu destinatário, conforme postula Amossy (2008).

No que se refere a essa relação entre imagem de si e esquemas coletivos, Charaudeau (2007) afirma que o sujeito falante não tem outra identidade (outros *ethé*, entendemos) se não a instituída pelas representações de um dado grupo social, representações estas configuradas como imaginários sociodiscursivos. Em outras palavras, para o autor, o sujeito enunciador vale-se dos imaginários veiculados na sociedade na construção dos *ethé*, sendo tais imaginários constitutivos de uma identidade social e de uma identidade discursiva do sujeito.

Conforme preconiza Charaudeau (2008a, p.115), a identidade social do locutor é a que “lhe dá direito à palavra e que funda sua legitimidade de ser comunicante em função do estatuto e do papel que lhe são atribuídos pela situação de comunicação.” Essa identidade, de acordo com Monnerat (2010), precisa ser reconhecida pelos outros, estando, assim, relacionada a um *ethos* pré-construído do sujeito comunicante.

A identidade discursiva, por sua vez, diz respeito aos papéis que o enunciador se atribui no ato de enunciação, decorrentes das restrições da situação de comunicação e das estratégias que ele adota em seu projeto de fala. Tal identidade está, então, ligada a um *ethos* discursivo do enunciador, sendo determinante na persuasão e na sedução do interlocutor, conforme assinala Monnerat (2010).

O *ethos* abarca, de acordo com Maingueneau (2008, p.72), não só a dimensão lingüística, mas também “o conjunto de determinações físicas e psíquicas atribuídas pelas representações coletivas à personagem do orador.” Isso significa que o componente não-verbal do discurso, da mesma forma que o verbal, determina a construção do *ethos*, como, por exemplo, a questão da vestimenta do sujeito falante. Em nosso entendimento, isso se refere ao que Maingueneau (2008, p.72) chama de corporalidade, a qual “é associada a uma compleição corporal, mas também a uma forma de vestir-se e de mover-se no espaço social.” Desse modo, a instituição dos *ethé*

leva em conta um comportamento global, que considera, além do elemento discursivo, a caracterização corpórea e a conduta do ser que enuncia, as quais estão relacionadas a normas socialmente especificadas.

Cabe pontuar que para nosso estudo abordar o quesito vestimenta é importante porque esta configurou-se como um traço de corporalidade na construção dos *ethé* dos enunciadores nas capas das revistas que constituíram nosso *corpus*, apontando, de certa forma, para imaginários sociodiscursivos recorrentes. Nesse ponto vale recorrer ao que postula Mendes (2010b), remetendo a Auchlin, com relação à conceituação de *ethos*: o termo refere-se não só à imagem de si projetada pelo sujeito falante, mas à imagem do outro (ou dos outros) envolvido (s) no ato de linguagem. Ainda de acordo com a autora, ao se trabalhar com determinado discurso é possível propor outras categorias de análise além das sugeridas por Charaudeau (2006) – conforme objetivamos em nossa pesquisa. Este autor propõe duas categorias de *ethé*: os *ethé* de credibilidade e os *ethé* de identificação. Apenas para elucidar, a credibilidade deve satisfazer, segundo o autor, algumas condições, tais como: sinceridade (dizer a verdade), performance (poder aplicar daquilo que se promete) e eficácia (possuir meios para realizar o que é prometido). No que tange à identificação, podemos depreender que esta se relaciona a imagens que o enunciator busca construir no sentido de se mostrar próximo do destinatário, participe de sua realidade, o que o faz parecer digno de crédito.

II.6. *Pathos*

Um dos itens que a grade de análise de imagens por nós utilizada contempla diz respeito ao *pathos*, na acepção de Mendes (2011), às categorias patêmicas.

Pathos relaciona-se às emoções a serem suscitadas no auditório. De acordo com Lima (2006, p.117), a dimensão *patêmica*, “relaciona-se à mobilização das emoções com fins persuasivos; emoções movidas por uma *visée*”. Em nosso entendimento, o sujeito argumentante de uma capa de revista, por exemplo, tem como intenção “tocar” o afeto do potencial leitor, neste despertando sensações e motivando a aquisição/leitura da publicação. Dessa forma é que tal sujeito vale-se das imagens como “marcadores de

orientação emocional”¹⁶, assim como o faz com palavras, de modo a alcançar seus propósitos sociodiscursivos.

Segundo Mendes (2011), no trabalho com textos icônicos, o analista deve levantar o questionamento: que tipos de efeitos patêmicos são visados? A autora salienta, contudo, que em Análise do Discurso podemos falar somente em efeitos visados. Conforme adverte Lima (2006, p. 129-130),

o arcabouço teórico sustentador dessa disciplina [Análise do Discurso] não permite verificar, por exemplo, a emoção sentida, por não dispor de mecanismos suficientes para tal abordagem. O analista do discurso somente possui instrumental teórico e metodológico para lidar com a emoção suscitada e com os efeitos a que ela pode visar.

Desse modo, não há garantias de interpretação: consideraremos efeitos de sentidos em potencial, visto que não há como assegurarmos se serão efetivos.

Por fim, vale destacarmos a concepção de que as emoções estão ligadas aos saberes de crenças e se inscrevem em uma problemática de representação social, conforme esclarece Charaudeau (2000) *apud* Machado (2007). Desse modo, as representações partilhadas pela coletividade (que, em nossa pesquisa, abarca a Fenassec e o público de secretariado leitor da revista) vão ser determinantes nas emoções expressas/suscitadas pelas imagens em questão.

II.7. Modos de organização do discurso

A relação entre os modos de organização e as imagens, segundo Mendes (2010a), está no fato que, tomadas como discursos, estas podem ter como finalidade narrar, descrever ou argumentar.

Engendrado pelo sujeito falante em função de seu propósito comunicativo, o modo de organização do discurso é responsável pela ordenação de categorias da língua, para que se cumpra o projeto de fala daquele. Segundo Charaudeau (2009), os modos são quatro: enunciativo, descritivo, narrativo e argumentativo. Cabe mencionar, como

¹⁶ Termo utilizado na disciplina *Seminário de Tópicos Variáveis em Análise do Discurso: Emoções e Discurso*, ministrada pela professora Helcira Lima no primeiro semestre de 2010 no PosLin da FALE/UFMG.

ressalta o autor, que mais de um modo pode ser observado em um determinado texto; ou, ainda, pode haver a predominância de um desses modos num dado gênero.

O modo enunciativo permite estabelecer a posição dos sujeitos na enunciação com o auxílio dos denominados “procedimentos de modalização”, consoante Charaudeau (2008d, p.338). Em outras palavras, relaciona-se ao posicionamento do locutor no que se refere a si, ao interlocutor e aos outros. É importante destacar, conforme Charaudeau (2009), que esse modo intervém em todos os outros e que os chamados procedimentos de modalização incluem os atos locutivos (os quais serão explanados no próximo capítulo).

O modo descritivo abrange três componentes, os quais, embora independentes, são indissociáveis. São eles: nomear, localizar-situar e qualificar.

Nomear se relaciona a um fazer existir os seres do mundo. De acordo com Charaudeau (2009, p.114), significa identificar os seres do mundo “em função de sua semelhança ou diferença com relação a outros seres.” Essa identificação, como aponta o autor, é singularizada pelo sujeito descritor e determinada pela situação de comunicação na qual tais seres se inserem.

Localizar-situar refere-se a definir a posição que um ser ocupa numa dimensão espaço-temporal, posição esta determinante para a própria existência do ser. Assim como o primeiro componente, trata-se de uma construção objetiva do mundo, pois ancora-se em características que podem ser identificadas por outrem.

Por fim, ainda segundo Charaudeau (2009), qualificar diz respeito a conferir um sentido particular aos seres do mundo. No procedimento de qualificação o sujeito falante manifesta seus imaginários, sendo tal qualificação uma construção objetiva ou subjetiva. No caso da construção objetiva, o descritor parte de um ponto de vista científico ou de uma observação partilhada pelos membros de uma dada sociedade. Na subjetiva, ao contrário, o sujeito falante particulariza os seres em função de seu imaginário pessoal, de sua visão acerca das coisas.

O modo narrativo permite organizar uma seqüência de eventos num encadeamento progressivo. Para Charaudeau (2009), a chamada lógica narrativa conta com três componentes: os actantes, que desempenham os papéis na narrativa; os processos, que correlacionam os actantes, dando-lhes uma “orientação funcional”; e as seqüências, que associam processos e actantes em uma finalidade narrativa.

Finalmente, o modo argumentativo estabelece relações entre proposições de forma a se construir argumentos, os quais visam influenciar e modificar as disposições

do interlocutor. Na concepção de Charaudeau (2009), a argumentação se define por uma relação entre um sujeito argumentante, uma proposta sobre o mundo e um sujeito-alvo. A atividade argumentativa está relacionada, pois, a ações e mecanismos de persuasão: trata-se de persuadir alguém (no caso, o sujeito alvo) sobre algo (a proposta sobre o mundo), sendo os elementos de base uma premissa, um argumento e uma conclusão.

Convém ressaltar que, conforme salienta Charaudeau (2009), não só o modo argumentativo tem como objetivo persuadir o interlocutor: os outros modos de organização, igualmente, podem ter uma “finalidade argumentativa”, a depender da Situação de Comunicação na qual se inscreve o Ato de Linguagem. Sendo o sujeito argumentante regulado por essa situação, seu discurso vai significar, pois, em função da intenção de comunicação na qual é produzido.

II.8. Atos locutivos: alocutivos, elocutivos e delocutivos

Os atos locutivos, definidos por Charaudeau (2008c) como atos de enunciação, referem-se ao posicionamento do locutor em relação a seu projeto de fala. Segundo o autor, eles seriam funções no modo de organização enunciativo, assim categorizados: alocutivos, elocutivos e delocutivos.

Nos alocutivos o interlocutor é implicado, pelo locutor, no ato de enunciação. Nesse caso, segundo Charaudeau (2009), o locutor pode estabelecer uma posição de superioridade (pela imposição, numa relação de força) ou de inferioridade (pela solicitação, numa relação de petição) junto ao interlocutor. Ainda de acordo com o autor, a relação de força é estabelecida pelas categorias modais de Interpelação, Injunção, Autorização, Aviso, Julgamento, Sugestão e Proposta. As de pedido, ao contrário, são marcadas pelas categorias de Interrogação e de Petição.

Os elocutivos, por sua vez, são aqueles atos por meio dos quais o locutor localiza seu discurso em relação a si mesmo, expondo sua posição quanto àquilo que diz. Ocorre, desse modo, um auto-implicamento do locutor, e o interlocutor não participa dessa tomada de posição. Há, de acordo com Charaudeau (2009, p.83), “um ponto de vista sobre o mundo”, o qual pode ser especificado nas modalidades de: Constatação/Saber-ignorância; Opinião/Apreciação; Obrigação/Possibilidade/Querer; Promessa/ Aceitação-recusa/Acordo-desacordo/Declaração; e Proclamação.

Já nos delocutivos, conforme Machado (2001, p.69), “tanto o locutor quanto o interlocutor parecem ausentes do ato de enunciação.” É como se o locutor não assumisse responsabilidade sobre seu dizer, como se deixasse o discurso impor-se como tal. Para Charaudeau (2009), ou o propósito se impõe, estabelecendo-se uma asserção, ou o propósito é um texto, sendo o locutor um relator, como no discurso relatado.

Na grade de análise de imagens sugerida por Mendes (2011), os atos locutivos integram a dimensão denominada “categorias de língua”. Tal dimensão deve ser abordada quando o *corpus* é constituído de imagem e texto. O gênero que nos propomos pesquisar tem essa particularidade, motivo pelo qual nos valeremos daqueles atos na análise do estrato textual. De acordo com a autora, o modelo deve ser adaptado às necessidades do objeto de estudo; desse modo, utilizaremos apenas aquelas categorias no que se refere ao trabalho com o texto verbal. Embora a grade contemple outras variáveis neste quesito, estas já serão empregadas na análise do componente icônico.

II.9. Conceitos da dimensão técnica da imagem fixa

De acordo com Mendes (2010a), os estudos de Aumont (1993), acerca das imagens, e de Guimarães (2000), sobre a construção cultural e biofísica das cores, constituem o aporte teórico da dimensão técnica de análise de imagens fixas. Tal dimensão contempla os elementos plásticos, o close e/ou ponto de vista e as funções da moldura, conceitos que passamos a definir na seqüência.

II.9.1. Elementos plásticos

Mendes (2010a) considera como elementos plásticos, a partir de Aumont (1993), a superfície (composição), a luminosidade, a matéria (textura, granulação, pixel) e as cores da imagem. É relevante mencionarmos que, notadamente no que se refere às cores, não basta identificá-las no trabalho com textos imagéticos e averiguar quais são dominantes e quais são secundárias, por exemplo. É necessário também (e

principalmente) apurar os efeitos de sentido que elas podem adquirir em uma determinada situação de comunicação.

Isso porque o significado das cores está atrelado ao fator cultural, à situação e à intenção de comunicação. Assim sendo, não se pode definir uma acepção única e rígida para as cores. Conforme Guimarães (2000, p.4),

A apreensão, a transmissão e o armazenamento da informação “cor” (como texto cultural) são regidos por códigos culturais que interferem e sofrem interferência dos outros dois tipos de códigos da comunicação humana (os de linguagem e os biofísicos).

Nesse ínterim, uma mesma cor pode ser relacionada a múltiplos significados, a depender da finalidade do discurso icônico e o contexto cultural em que este é veiculado. Assim, para o autor, a cor possui um caráter polissêmico e, considerada como informação cultural, assume uma função de texto, como tal, carregado de simbolismo.

Uma leitura adequada de qualquer cor demanda, por isso, que se considere, além dos seus aspectos físicos, químicos e biológicos, a intencionalidade de quem a emprega; os códigos socialmente partilhados no meio onde é utilizada; e a percepção dos membros de uma dada sociedade, percepção esta que, segundo Guimarães (2000), é culturalmente influenciada. Para Monnerat (2011, p.8), não se pode “perder de vista que a simbologia das cores se altera conforme a cultura de um povo, que é dinâmica e variável em relação ao tempo.” Desse modo, podemos dizer que as experiências históricas de cada grupo social estão intimamente ligadas à forma como este cria uma rede de sentidos em torno das cores. A significação destas tem, portanto, um caráter de variabilidade, determinado pelas visões de mundo de uma coletividade e pelo momento histórico em que tais cores são empregadas.

A fim de ilustrar essa variabilidade na acepção das cores, Guimarães (2000) traz como exemplo a questão do luto. O autor esclarece que, na maioria das sociedades ocidentais, a cor preta é a que está associada ao luto; na cultura chinesa, ao contrário, é a branca que o representa, visto que, na percepção dos orientais, a morte está ligada à elevação do espírito, ao sublime, etc. Nesse sentido, depreendemos que as cores ganham e representam valores culturais, tornando-se um código que vai produzir efeitos de sentido diversos nas comunidades nas quais são usadas.

No que diz respeito a capas de revistas (objeto de nosso estudo), o uso das cores na sua composição, conforme afirma Monnerat (2011, p.8), não é gratuito. Advém de

propósitos comunicativos (como informar e seduzir), podendo apresentar, dentre outras, as funções de organizar informações, realçar, hierarquizar conteúdos, direcionar leituras, criar planos de percepção, além de “ambientar, simbolizar, denotar/conotar”. As cores se configuram, pois, consoantes essa autora, como formas de se estabelecer significâncias. No caso de nosso *corpus*, é possível dizermos que a seleção das tonalidades componentes de cada imagem das capas traz uma relação direta com a temática da edição em que figuram, como por exemplo, o amarelo, que em uma das revistas que analisamos, denota alegria e celebração, sendo pertinente seu emprego, pois, numa construção de sentidos relacionada à comemoração de 20 anos de regulamentação da profissão, assunto do exemplar.

Assim sendo, dada a multiplicidade de interpretações que as cores sinalizam, não seria viável trazermos todas as tonalidades e seus potenciais efeitos de sentido neste capítulo. Logo, os aspectos mais detalhados de cada tom serão abordados quando da análise do corpus.

II.9.2. Close e/ou ponto de vista

O close contempla a questão do arranjo dos elementos na imagem: se estão alocados à direita ou à esquerda, se estão centralizados, etc. Para Mendes (2010a) e alguns outros teóricos, aqui deve-se considerar também a existência de alguma relação de metonímia ou de metáfora, ou mesmo de um efeito de ampliação do tamanho do objeto. Ainda segundo a autora, o ponto de vista indica “a orientação de um percurso do olhar” (MENDES, 2010a, p.95). Pode designar um local real ou imaginário, uma particularização de um assunto, e/ou uma apreciação a respeito de algo.

II.9.3. Funções da moldura

Segundo Aumont (1993), toda imagem, de alguma forma, é demarcada, visto não se tratar de um artefato ilimitado. A moldura, nesse sentido, é, *a priori*, uma borda,

cuja função é delinear um contorno tangível da imagem. Assim, moldura seria aquilo que dá um formato às imagens.

Ainda de acordo com Aumont (1993), há dois tipos de moldura: a concreta e a abstrata. A moldura concreta seria aquela que o autor define como moldura-objeto. Trata-se de outro objeto, o emolduramento, que é inserido à borda da imagem, reforçando-a.

A moldura abstrata, por sua vez, é o que o autor denomina de “moldura-limite”, configurando-se como “o circundamento da imagem, sua não-ilimitação.” (AUMONT, 1993, p.144). Delineia, assim, o limite da imagem, num contorno geométrico abstrato de sua superfície.

É relevante ressaltar que ambas as molduras podem representar a mesma coisa, mas nem sempre. Algumas imagens, por exemplo, trazem a moldura abstrata sem necessariamente apresentarem um emolduramento. O contrário também ocorre, como algumas pinturas chinesas, que são emolduradas em rolos verticais ou horizontais (objetos que as prendem) sem que os limites da zona pintada sejam delimitados.

Aumont (1993) postula que as funções da moldura podem ser: visual, econômica, simbólica, representativa e narrativa, além de retórica. A função visual seria separar a imagem do que está fora dela. A econômica, por sua vez, estaria relacionada a agregar valor à imagem (como no caso de um quadro). Para o autor, a função simbólica refere-se a como deve ser vista a imagem, ou seja, pelo fato de estar emoldurada de certa maneira, a imagem deve ser tomada de acordo com certas convenções e possui certo valor. A função representativa e narrativa está relacionada ao fato de a moldura aparecer como uma espécie de abertura ao mundo imaginário – daí, de acordo com o autor, a metáfora da moldura como janela aberta para o mundo. Finalmente, a função retórica, que seria como se a moldura proferisse um discurso para convencer o espectador, caso das molduras pintadas com ilusão de ótica (ou falsas molduras).

PARTE III – Vestimenta no ambiente de trabalho

Abordar o assunto “vestimenta no ambiente de trabalho” é relevante em nosso estudo pelo fato de que as capas com as quais trabalhamos, em sua maioria, trazem

personagens em vestes que são assinaladas, em nossos imaginários sociodiscursivos, como concernentes ao contexto corporativo.

No nosso *corpus*, as roupas em que as protagonistas aparecem trajadas nos remetem aos denominados *tailleur* e terninho. O primeiro, origem do segundo, trata-se de uma composição blazer e saia, esta geralmente na altura dos joelhos; já o outro é marcado pelo conjunto calça e blazer, tendo se tornado um indumento bastante utilizado pelas mulheres nas empresas da contemporaneidade. O *tailleur* surge do vestuário masculino, posto que se configura como uma adequação do terno à indumentária feminina e, de uma adaptação deste, tem lugar o terninho, de modo a propiciar mais praticidade à roupa de trabalho das mulheres.

Segundo Brandini (2009, p.94), as calças foram incorporadas ao traje feminino na Europa nos anos de 1911, época em que a androginia passava a ser vista como elegante nas camadas sociais mais elevadas. É interessante pontuar que, para essa autora, dizer que “as saias são femininas e as calças são masculinas é um equívoco histórico. Ambas são resultantes de determinantes culturais do Ocidente, onde a divisão social do trabalho só se tornou igualitária no século XX.” Nessa perspectiva é que Coco Chanel, ao buscar a afirmação do feminino – particularmente no trabalho –, introduz a calça na guarda roupa das mulheres, a qual, compondo o terninho, acaba assim por assinalar este artefato como sinônimo de poder para as mulheres nas organizações.

Ainda consoante essa autora, é após a Primeira Guerra Mundial que o vestuário feminino de fato passa por uma revolução, uma vez que agora as mulheres são vestidas para o trabalho. É curioso notarmos que esse mesmo período histórico é o que marca a adentrada feminina no campo de trabalho secretarial, o que nos leva postular um tangenciamento de acontecimentos: transformação nos trajes femininos corporativos e introdução das mulheres na profissão de secretariado. Tal tangenciamento, a nosso ver, é o que corrobora para que a roupa de trabalho seja assinalada como tão constitutiva da identidade (imagética) da secretária.

Especificamente no que concerne ao terninho, cabe pontuarmos, conforme afirma Brandini (2009), que o artefato de sua origem, o terno, permanece como padrão de elegância ao longo dos séculos. Hollander (1996), por sua vez, destaca que esse indumento guarda a particularidade de se manter, apesar das transformações sociais, como imbatível há mais de 200 anos. É relevante destacar que foi a partir dos anos 1980 que tal traje passou a efetivamente compor a indumentária feminina no trabalho, haja vista a consecução das mulheres de posições de destaque nas organizações.

Notadamente no que refere à profissão secretária, também na década de 80 temos um fato marcante na evolução da ocupação: nessa época teve lugar a chamada administração participativa, em que a profissional e o executivo passaram a trabalhar conjuntamente, e a secretária agora é vislumbrada pela eficiência e competência, confirmando-se, assim, imprescindível no desenvolvimento de trabalhos nas empresas, de acordo com Sabino e Rocha (2004). Nesse sentido, ela deixa de ser vista como profissional submissa, passiva ou como “artefato decorativo” nos escritórios, o que se reflete justamente na vestimenta com qual passa a ser caracterizada. Nesse período, coincidentemente, é que o terninho passou a ganhar ombreiras (como evolução da indumentária), numa forma de simbolizar uma equiparação das mulheres aos homens nos escritórios: as ombreiras fazem uma alusão aos deltóides masculinos, conferindo à roupa feminina as idéias de força e poder¹⁷. O terninho, assim, diferentemente dos indumentos de épocas anteriores (com roupas armadas, não práticas, chamativas e desconfortáveis), configura-se como algo prático, apropriado e de certa forma neutro no ambiente de trabalho, além de denotar posição social elevada e um certo tipo de autoridade nas corporações, o que coaduna, pois, com a composição visual da nova secretária demandada nas companhias.

Assim sendo, notamos que a vestimenta evidencia as transformações ocorridas nos âmbitos social e empresarial: a indumentária reflete as modificações socioculturais de determinada época, representando “o que prevalece no imaginário coletivo num dado momento sócio-histórico” (BRANDINI, 2009, p. 96). Nessa perspectiva, averiguamos que, conforme Hollander (1996, p.14), “as roupas constituem um fenômeno social; mudanças no vestuário são mudanças sociais”, motivo pelo qual concluímos que as variações nos trajés revelam as alterações ocorridas nos papéis e nas relações sociais, referentes, em nossa pesquisa, à profissão secretarial.

¹⁷ Dados retirados da página virtual: <http://www.fashionbubbles.com/historia-da-moda/o-terninho-classicos-da-moda/>. Acesso em 20-01-2012.

Considerações finais

Neste capítulo buscamos pontuar os conceitos que constituem o arcabouço teórico-metodológico do estudo. Nosso intuito foi não apenas apresentar tais conceitos, mas também trazer pontos de vista de diferentes autores acerca de suas definições.

Mostramos, além disso, a configuração da profissão de secretariado em momentos históricos distintos, de modo a apontar seu *status quo* na contemporaneidade. Como último tópico, abordamos o vestuário – notadamente feminino – no meio organizacional, procurando estabelecer uma relação entre o traje e a identidade (imagética) da secretária.

No capítulo seguinte trataremos do instrumental metodológico que viabiliza a realização da nossa pesquisa.

CAPÍTULO 2

ASPECTOS METODOLÓGICOS

Considerações Iniciais

Neste capítulo, abordaremos os aspectos metodológicos inerentes à execução do trabalho. Inicialmente, faremos uma descrição do nosso objeto de estudo, ou seja, do material a ser analisado. Em seguida, apresentaremos os critérios de seleção do *corpus*, bem como as categorias de análise de que nos valem no tratamento dos dados verbais icônicos. Ao final, mostraremos as etapas que seguimos para a realização da pesquisa.

2.1. Material a ser analisado: descrição do *corpus*

A revista *Excelência* é uma publicação da Federação Nacional de Secretárias e Secretários (Fenassec), direcionada a profissionais da área de Secretariado no Brasil (graduados, técnicos, tecnólogos, estudantes, docentes, etc.).

Seu nome foi escolhido por meio da realização de um concurso, tendo sido lançada em agosto de 2003, por ocasião do “VII Seminário Multiprofissional Integrado de Secretariado do Nordeste”¹⁸. Com quase oito anos de existência, um total de trinta edições publicadas (até a data de realização deste trabalho)¹⁹ e uma tiragem de 10.000 exemplares, o periódico é veiculado trimestralmente e aborda temas específicos da profissão, além de assuntos de “interesse de toda a sociedade”²⁰. Sua comercialização não é feita em bancas de jornais e revistas, mas através da Internet, na própria página da Federação²¹.

Todas as capas vêm configuradas com o nome da publicação no topo – *Excelência* – e, abaixo deste, os dados dispostos da seguinte forma: do lado esquerdo, o ano do periódico, o número da edição (05, 07, 10, etc.), os meses a que a revista se refere (trata-se de um periódico trimestral) e o seu valor; do lado direito, a frase “A Revista da Fenassec – Federação Nacional das Secretárias e Secretários”. Além das imagens, as capas trazem sempre enunciados que remetem à materialidade icônica,

¹⁸ Informação contida na seguinte página virtual: <http://www.sinserj.com.br/revista.htm>. Acesso em 06 de julho de 2011.

¹⁹ Dados obtidos no site da federação. www.fenassec.com.br. Acesso em 06 de julho de 2011.

²⁰ A esse respeito, consultar o link: http://www.fenassec.com.br/anuncio_excelencia.htm. Acesso em 24 de agosto de 2009.

²¹ Endereço eletrônico: http://www.fenassec.com.br/h_execelencia_assine.html. Acesso em 21-02-2012.

como no caso da publicação cuja análise vamos proceder na seqüência (edição nº05). Nessa edição, por exemplo, a fotocomposição ilustra a matéria principal, assim descrita: “Assédio Moral”, conforme pode ser averiguado abaixo.



Figura 2: Capa edição nº 05 – Ano 3/2005

Foram tomadas para análise dezesseis capas das trinta revistas até então produzidas pela Federação. Escolhemos estudar as capas por considerarmos que as imagens produzidas e projetadas em determinada sociedade veiculam discursos, em conformidade com o que postula Mendes (2010b). Em outros termos, partimos do pressuposto de que há uma discursividade que perpassa os textos icônicos. É preciso destacar, no entanto, que, no plano composicional, as capas de revista apresentam o estrato verbal além do imagético, motivo pelo qual trabalharemos também com a dimensão lingüística na análise do *corpus*. Ademais, conforme ressalta Mendes (2010b), no caso de objetos de estudo híbridos, deve-se, na etapa final de análise, relacionar texto e imagem, com o objetivo de melhor apreender os efeitos de sentido produzidos pelo gênero em questão. Como material a ser analisado, elegemos, assim, as capas das publicações veiculadas nos anos de 2005, 2006, 2007 e 2008, perfazendo um total de 16 exemplares. Tal seleção se deu por acreditarmos que esse recorte nos daria regularidades suficientes para testar nossa hipótese de pesquisa.

A Análise de Discurso de linha franco-brasileira, notadamente nos parâmetros da Teoria Semiolingüística de Charaudeau, constituiu nosso aporte teórico e metodológico

pelo fato de que visa não só a apreender como o discurso é constituído, como também explorar seus efeitos de sentido. Analisar o discurso, nessa perspectiva, implica considerar os sujeitos que se constituem nos mais diversos atos enunciativos e práticas sociais, bem como ponderar sobre a situação de comunicação na qual tal discurso está inserido.

2.2. Seleção do *corpus*

A escolha do *corpus* foi feita a partir dos objetivos que traçamos para este estudo, os quais incluíram: analisar as dimensões técnica, situacional e discursiva das imagens; examinar o estrato lingüístico do gênero em questão, notadamente no que diz respeito aos atos locutivos; e identificar os imaginários sociodiscursivos e os *ethé* da profissão secretária construídos/veiculados nas capas da *Excelência*. Para tanto, valemo-nos do recorte temporal como critério de seleção, optando pelo triênio 2005-2008 de publicação das revistas para realização da pesquisa, conforme triagem abaixo:

	Ano – Edição	Identificação
1	Ano 3 (2005) - Nº 5	Capa I
2	Ano 3 (2005) - Nº 6	Capa II
3	Ano 3 (2005) - Nº 7	Capa III
4	Ano 3 (2005) - Nº 8	Capa IV
5	Ano 4 (2006) - Nº 9	Capa V
6	Ano 4 (2006) - Nº 10	Capa VI
7	Ano 4 (2006) - Nº 11	Capa VII
8	Ano 4 (2006) - Nº 12	Capa VIII
9	Ano 5 (2007) - Nº 13	Capa IX
10	Ano 5 (2007) - Nº 14	Capa X
11	Ano 5 (2007) - Nº 15	Capa XI
12	Ano 5 (2007) - Nº 16	Capa XII
13	Ano 6 (2008) - Nº 17	Capa XIII
14	Ano 6 (2008) - Nº 18	Capa XIV
15	Ano 6 (2008) - Nº 19	Capa XV
16	Ano 6 (2008) - Nº 20	Capa XVI

Grade 1: Grade de identificação das capas

Essa grade de identificação das capas por nós elaborada norteou a organização cronológica do objeto de estudo, otimizando o trabalho de análise.

2.3. Categorias de análise

É importante ressaltarmos que a capa de revista é um gênero híbrido, que traz não só o componente imagético como também o componente lingüístico em sua composição. Assim sendo, utilizamos a grade de análises proposta por Mendes (2011) para trabalhar tal gênero, visto que contempla as dimensões icônica e languageira, na seguinte configuração:

GRADE DE ANÁLISE DE IMAGENS [elaborada por Emília Mendes]											
CORPUS	DIMENSÃO SITUACIONAL DA IMAGEM			DIMENSÃO TÉCNICA DA IMAGEM FIXA			DIMENSÃO DISCURSIVA DA IMAGEM				DADOS DE APOIO PARA-IMAGÉTICOS
	SUJEITOS DO DISCURSO [EUC, EUE, TUD, TUI]	GÊNERO SITUACIONAL & ESTATUTO FACTUAL/FICCIONAL DO GÊNERO	EFEITOS [DE REAL, DE FICÇÃO E DE GÊNERO]	ELEMENTOS PLÁSTICOS	CLOSE E/OU PONTO DE VISTA	FUNÇÕES DA MOLDURA	MODO DE ORGANIZAÇÃO DESC. NAR. E ARG.;	IMAGINÁRIOS SOCIO-DISCURSIVOS	CATEGORIAS ETÓTICAS (ETHOS)	CATEGORIAS PATÊMICAS (PATHOS)	
	DIMENSÃO SITUACIONAL DO TEXTO VERBAL			CATEGORIAS DE LÍNGUA (e organização enunciativa)			DIMENSÃO DISCURSIVA				DADOS DE APOIO PARATEXTUAIS
	SUJEITOS DO DISCURSO [EUC, EUE, TUD, TUI]	GÊNERO SITUACIONAL & ESTATUTO FACTUAL/FICCIONAL DO GÊNERO	EFEITOS [DE REAL, DE FICÇÃO E DE GÊNERO]	ALOCUÇÃO DE LOCUÇÃO E ELOCUÇÃO	MODALIZADORES E MARCADORES	OUTRAS CATEGORIAS QUE FOREM PERTINENTES PARA A ANÁLISE.	MODO DE ORGANIZAÇÃO DESC. NAR. E ARG.;	IMAGINÁRIOS SOCIO-DISCURSIVOS	CATEGORIAS ETÓTICAS (ETHOS)	CATEGORIAS PATÊMICAS (PATHOS)	
Gênero a ser analisado											
Gênero a ser analisado											

Observação: este modelo que deve ser adaptado às necessidades do corpus escolhido e deve ser associado a uma grade de análise do texto (se houver texto);

Grade 2: Grade de análise de imagens (MENDES, 2011)

Como é possível notar, a grade considera, além do gênero a ser analisado, três dimensões tanto no que se refere à imagem quanto no que diz respeito ao texto verbal: a situacional, a técnica/categorias da língua e a discursiva.

A dimensão situacional abarca os sujeitos do discurso, o gênero situacional e seu estatuto (factual/ficcional) e os efeitos (de real, de ficção e de gênero) que podem-se apreender da materialidade icônica e lingüística.

A dimensão técnica, por sua vez, abrange os elementos plásticos, o close e/ou ponto de vista e as funções da moldura da imagem fixa. Já na análise do texto verbal, considera os atos de alocação, delocução, elocução, os modalizadores e marcadores,

bem como outras categorias pertinentes. Neste estudo, por questões metodológicas, buscaremos investigar especificamente os atos locutivos no gênero capa, a fim de averiguarmos a relação entre texto e imagem nos efeitos de sentido produzidos.

Por fim, a dimensão discursiva compreende: os modos de organização do discurso – descritivo, narrativo e argumentativo, conforme Charaudeau (2009) –, os imaginários sociodiscursivos, as categorias éticas e as categorias patêmicas (estas últimas, referindo-se ao *ethos* e ao *pathos*²², respectivamente).

2.4. Etapas da pesquisa

Este trabalho se caracterizou por uma pesquisa de cunho qualitativo e descritivo. Em um primeiro momento, foi realizada uma revisão bibliográfica, para fundamentar teoricamente o estudo. Cabe ressaltar que esse procedimento possibilita ao pesquisador conhecer a forma como os pressupostos teóricos em questão foram abordados em pesquisas anteriores, permitindo verificar, ao final, a relação entre a teoria e o objeto analisado.

Segundo Marconi e Lakatos (2008, p.57), a também chamada pesquisa bibliográfica

[...] abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico etc., até meios de comunicação orais: rádio, gravações em fita magnética e audiovisuais: filme e televisão. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto, inclusive conferências seguidas de debates que tenham sido transcritos por alguma forma, quer publicadas quer gravadas.

Trata-se, portanto, de averiguar pesquisas já realizadas, não apenas reproduzindo o que foi documentado sobre um tema específico, mas, ao contrário, abordando o objeto sob outro enfoque, chegando a novas conclusões.

²² Como provas persuasivas, o *ethos* refere-se à construção da imagem de si (do orador) no discurso; e o *pathos* relaciona-se às emoções passíveis de serem suscitadas no auditório, segundo anteriormente explanamos.

Posteriormente, realizamos a coleta dos dados que constituíram o material verbo-icônico a ser analisado, haja vista os objetivos traçados para o estudo.

Como etapa final do trabalho, analisamos, à luz do quadro teórico, os dados coletados, valendo-nos da grade de análise de imagens proposta por Mendes (2011). Tal grade apresenta categorias que nos possibilitaram descrever os componentes do *corpus* e proceder à análise a que nos propomos. Foi nessa etapa que procuramos, portanto, identificar os imaginários sociodiscursivos e os diversos *ethé* construídos em nosso *corpus*.

Considerações Finais

Neste segundo capítulo buscamos explicar os procedimentos que fundamentam metodologicamente o desenvolvimento da nossa pesquisa. Apresentamos o objeto de investigação, os parâmetros de triagem e as categorias com as quais trabalhamos na análise do *corpus*, concernentes às dimensões situacional, técnica e discursiva, na perspectiva de Mendes (2011). Apontamos, ainda, o percurso trilhado na realização do estudo.

Abordaremos, no próximo capítulo, a análise dos dados realizada à luz do arcabouço teórico-metodológico por nós apresentado.

CAPÍTULO 3

MAPEAMENTO DOS ARTEFATOS VERBO-ICÔNICOS: ANALISANDO IMAGENS E IMAGINÁRIOS DO SECRETARIADO

Considerações Iniciais

Neste capítulo trazemos a análise do *corpus*, alicerçada no delineamento teórico-metodológico que traçamos para o estudo.

Investigamos, exemplar a exemplar, as dimensões situacional, técnica e discursiva, de modo a buscar apreender os efeitos de sentido produzidos, *a priori*, pelas imagens das capas. Com relação à parte lingüística destas, procuramos averiguar a organização enunciativa, notadamente no que se refere aos atos locutivos (alocutivo, elocutivo e delocutivo). Convém esclarecer, contudo, que em vários momentos do trabalho com o estrato icônico acabamos incluindo o artefato verbal nas análises, no objetivo de melhor explicar os significados das imagens. Até porque, no caso de gêneros híbridos como o nosso, o diálogo imanente entre o textual e o imagético torna difícil ponderar sobre um sem adentrar no outro.

Considerando a grade de análise de imagens sugerida por Mendes (2011), iniciaremos nosso estudo pela capa da publicação nº 05, por nós identificada como Capa I.

3.1. Análise das capas

3.1.1. Análise da Capa I



Figura 3: Capa I

3.1.1.1. Dimensão Situacional

Conforme Charaudeau (2009), os sujeitos envolvidos na *mise en scène* discursiva são representados, na instância de produção, pelo EUc e pelo Eue e, na instância de recepção, pelo Tui e pelo Tud.

Nessa imagem, o EUc institui-se como uma instância compósita, que abarca a Fenassec, a equipe responsável pela revista – Conselho Editorial, editora, ilustrador – e o responsável pela fotocomposição, o diagramador Sérgio Barbosa²³. O Eue corresponde à própria enunciação, incluindo-se aqui as pessoas que a figura traz: um homem e uma mulher. O Tud é representado pelo público a quem a revista visa atingir: secretários, secretários executivos, docentes e estudantes de cursos de Secretariado e

²³ Essas informações são veiculadas na contracapa da revista.

Secretariado Executivo. O Tui, por sua vez, é composto por todas as pessoas que efetivamente visualizaram a publicação. Podemos fazer uma analogia do conceito de Tui, de Charaudeau (2009), com o de espectador, de Aumont (1993). Para este último autor, o espectador é aquele que, ao visualizar a imagem, não só a recebe, como também a constrói.

No que se refere ao gênero situacional, nós o designamos capa de revista. O estatuto do gênero é factual, com uma ficcionalidade colaborativa, pois faz referência a uma cena que pode ocorrer em nossa sociedade: pessoas atordoadas por terem sido vítimas de assédio moral. É possível afirmamos, assim, conforme Mendes (2010a, p.95), uma “simulação de um mundo possível em sua composição” – justamente a denominada ficcionalidade colaborativa.

3.1.1.2. Dimensão Técnica

Como elementos plásticos, observamos uma predominância, em tons pastéis, do azul e do bege, nas nuances escuras para o primeiro e clara para o segundo. Isso parece evidenciar a existência de dois planos na imagem: o primeiro plano, marcado pelo azul escuro, traz a imagem de um homem com uma das mãos na testa – como se estivesse atormentado –; e o segundo, mostra uma mulher com as duas mãos no rosto, com uma fisionomia de angústia e desespero. Nota-se, ainda, ao fundo da mulher, uma sombra na cor cinza que faz alusão a uma figura masculina. É possível depreender que tal sombra constitua um terceiro plano da imagem, como se representasse o medo. Metaforicamente, o assédio moral seria um fantasma que assombra. É curioso notar que a tonalidade cinza figura também no nome *Excelência*, no alto da página, a nosso ver, fazendo justamente alusão à situação negativa que o tema em questão evoca.

O destaque do primeiro plano se dá, também, pela luminosidade: apesar de não ocupar a posição central da imagem, o homem em cena é marcado por uma luz que sobre ele incide. Por sinal, ele é o único na cena que parece estar no ambiente de trabalho: sentado em frente a uma tela que nos remete a um computador. A configuração do cenário, em cor fria, faz referência à situação constrangedora na qual ele se insere. Da mulher, ao contrário, temos apenas a imagem do rosto consternado.

No que tange ao emolduramento, notamos uma moldura abstrata, demarcada pelo próprio contorno da capa, com a função de delimitar visualmente a imagem, destacando um momento da narrativa. Esta pode ser construída a partir de inferências acerca da situação que acarretou no estado ilustrado. Há, ainda, três outras molduras abstratas, que caracterizam o primeiro, o segundo e o terceiro planos.

3.1.1.3. Dimensão Discursiva

O modo de organização do discurso predominante é o narrativo, uma vez que a imagem parece mostrar pessoas em condição de consternação, como que após terem sofrido assédio moral. Embora não haja uma cronologia estabelecida, verifica-se uma sobreposição de planos, o que dá uma idéia de planos narrativos.

Sendo o assunto veiculado em uma publicação de secretariado, deduzimos que se trata de algo que acomete ou pode acometer secretários e secretárias – daí a relevância desse conteúdo na revista. Contudo, é possível dizer que a matéria abrange profissionais de outras áreas também, haja vista a figura do homem, em primeiro plano, remetendo-nos a um funcionário qualquer de uma empresa, e não especificamente a um secretário. A imagem de um computador, a configuração das janelas e persianas no cenário e a própria temática da revista nos remetem a um ambiente de trabalho, porém a vestimenta não destaca o homem como um secretário, tendo em vista os imaginários sociodiscursivos relativos ao traje que caracteriza esse profissional – pautados nos saberes de crença, de acordo com definição de Charaudeau (2007). Por esse motivo, não podemos concluir tratar-se de um executivo, do empregador, uma vez que a roupa que em nossos imaginários o assinalam seria o terno e gravata. Podemos depreender, portanto, que o homem da figura seja um profissional de uma instituição na condição de vítima do assédio moral.

Ainda no que se refere aos saberes, é possível falarmos, na imagem dessa capa, no saber de conhecimento por experiência, consoante Charaudeau (2007), uma vez que a experiência do vivido é que proporciona o reconhecimento da situação e a simulação do real. Há, assim, uma explicação construída a partir do conhecimento de mundo socialmente partilhado, o que poderia levar o interlocutor a inferir: “aquelas pessoas ali

estampadas sofreram assédio moral e essa condição que experienciaram pode ser a minha hoje ou no futuro”.

Com relação aos imaginários, a figura da mulher pode fazer alusão a uma secretária. O que ocorre é que o close é dado apenas no rosto, o que não nos possibilita maiores inferências, mas, por outro lado, o fato de a revista ser direcionada a profissionais de secretariado pode nos levar a deduzir tratar-se da representação de uma secretária. Isso pode se dar pelo fato de que, dados os nossos saberes de conhecimento, a profissão é majoritariamente exercida por mulheres. Nesse sentido, podemos dizer que a edição veicula um imaginário de profissão categorizada como feminina.

No que se refere à condição de vítimas, cabe ressaltar que há uma diferença na representação da mulher e do homem, representação esta que ancora a constituição dos *ethé*. A imagem do homem, de cabeça baixa e com uma das mãos na testa suscita um *ethos* de profissional com certo controle emocional, com uma postura mais contida, menos aflitiva. A figura da mulher, com as duas mãos no rosto e um semblante angustiado, por outro lado, sugere uma atitude menos domada e, portanto, um *ethos* de profissional fragilizada, atormentada. Remetendo à secretária, podemos dizer, pois, que ela é vislumbrada como uma profissional com pouco domínio sobre suas emoções, em outros termos, talvez menos hábil na questão comportamental, o que seria ligado a alguns imaginários sobre o feminino em nossa sociedade. É possível dizer também que há um *ethos* de secretária submissa, subserviente: ela é apresentada como a vítima do assédio, não como a autora (o que pode acontecer no cotidiano empresarial, uma vez que a secretária também dispõe de certo poder nas instituições, por ocupar uma posição de assessoria junto a cargos elevados nas empresas). Uma hipótese plausível para a análise da imagem é que quem comete o assédio é sempre o executivo, o chefe, imaginário que se fundamenta na relação hierárquica vertical de subordinação do secretário em relação ao executivo, a qual vigorou por muitos anos nas organizações. Isso podia ser visualizado nos próprios organogramas das empresas, conforme o propomos abaixo.

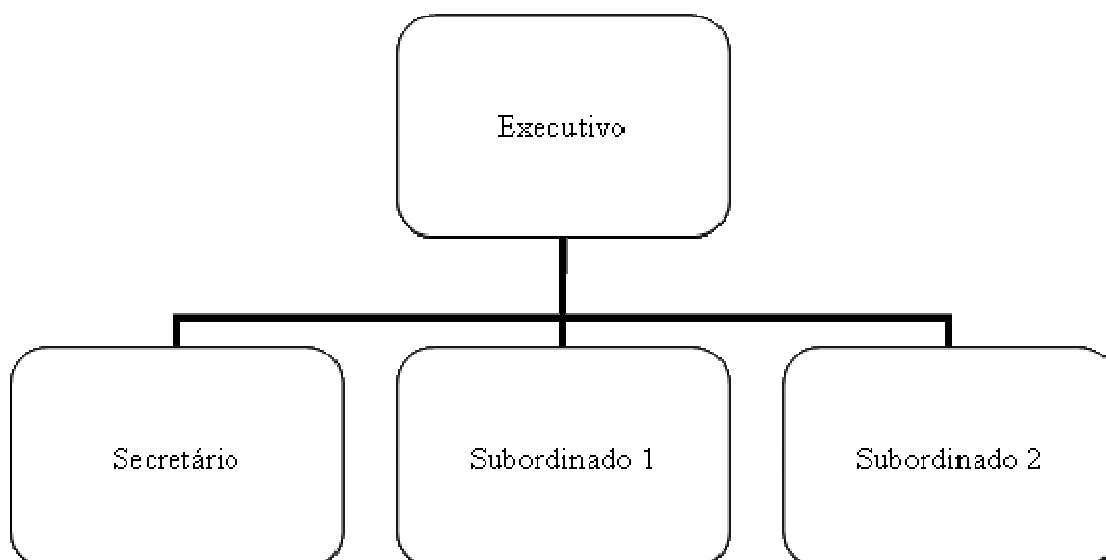


Figura 4: Relação hierárquica vertical de subordinação Secretário/Executivo

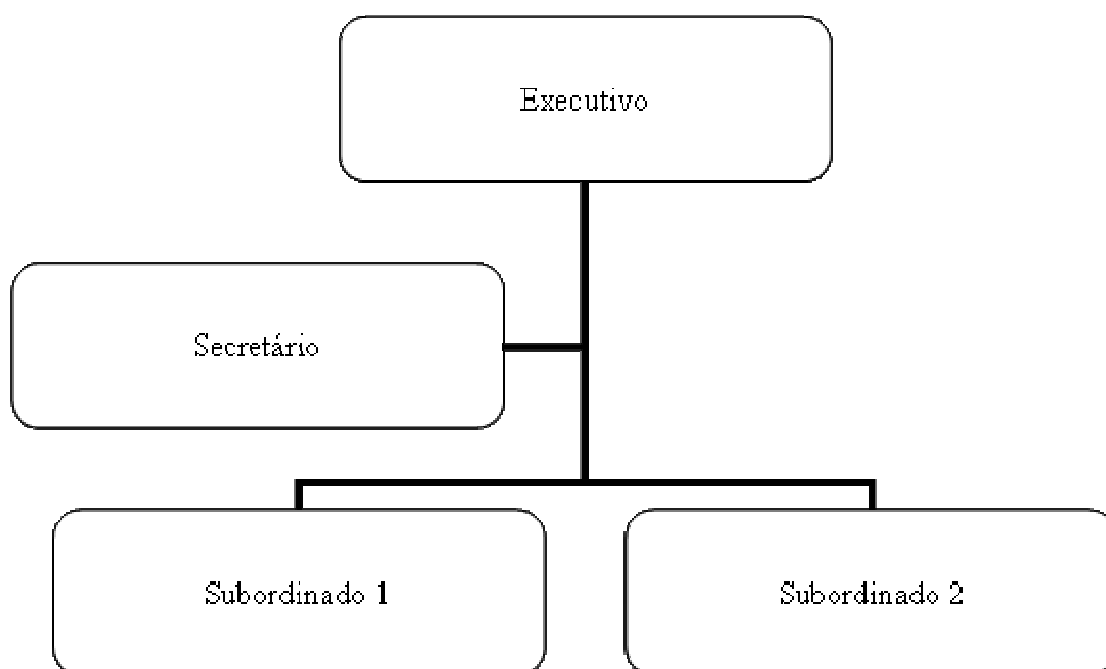


Figura 5: Secretário como *staff* em relação ao executivo

É importante destacarmos que o *ethos* da Fenassec também está sendo construído na capa da revista: o de instituição atenta à realidade dos profissionais – os

quais podem se deparar com a situação apresentada. A federação busca, assim, criar uma imagem de cumpridora de seu papel, em outros termos, mostra ser comprometida em abordar, alertar e informar acerca de um problema freqüentemente vivenciado por Secretários e Secretários Executivos nas organizações públicas e privadas. Isso poderá lhe conferir uma credibilidade frente a seus representados.

Na dimensão patêmica acreditamos que a imagem, ao retratar a consternação de vítimas de assédio moral, pode suscitar certo desconforto no auditório e incitar a um “despertar para a questão”, uma reflexão acerca dessa temática, comum nos escritórios na atualidade. Podemos dizer que *Excelência* busca, também criar uma empatia com o leitor, levando-o a se colocar no lugar das vítimas e se solidarizar. Nesse sentido, a capa aumenta a capacidade de influência na atenção do público, de forma a atraí-lo para ler a matéria/revista.

3.1.1.4. Organização Enunciativa

Como anteriormente o dissemos, o gênero com o qual trabalhamos é uma composição híbrida de imagem e texto. Por esse motivo, faz-se necessário abordarmos a dimensão verbal em nossa análise, mesmo porque tal dimensão corrobora para a construção de sentidos das próprias imagens. Assim sendo, procuraremos agora identificar os atos locutivos no estrato lingüístico, de modo a verificar o posicionamento do locutor no que se refere a si mesmo, ao interlocutor e a terceiros.

Em nosso entendimento, a capa I traz como particularidade o fato de apresentar três tipos de enunciados: enunciado-tema, enunciado-explicativo e enunciado-informativo. Conforme já explicamos, o primeiro se relaciona à temática da edição, seria a manchete da revista, sempre atrelada à imagem veiculada na capa; o segundo configura-se como uma explicação do primeiro, é uma espécie de subtítulo; e o último apresenta outra (s) matéria (s) que o número traz. Cabe pontuar que nem todas as capas de nosso *corpus* trazem todos esses enunciados, por sinal, a desta edição é uma das poucas que apresenta os três.

O enunciado-tema veiculado é “Assédio Moral”. Trata-se de um ato delocutivo, que faz com que pareça que ninguém é implicado no dizer. Há aqui uma asserção, com um apagamento dos sujeitos da enunciação, sendo a responsabilidade pela palavra,

conforme Charaudeau (2008a, p.178), atrelada a uma terceira voz, a “voz da verdade”. No que se refere ao enunciado-explicativo, temos “a humilhação permanente no ambiente de trabalho”. Também representa um ato delocutivo, mas é interessante observamos que, de certa forma, o enunciador mostra sua posição com relação ao assunto, dado o emprego do termo “humilhação”. Este é caracterizado como um axiológico, o qual, segundo Machado (2010)²⁴, é uma palavra que carrega em si uma carga semântica que pode ser tanto positiva como negativa (neste caso, negativa), estando ligado a valores sociais e morais. Nesse ponto, em nossa compreensão, se estabelece uma relação entre o dizer e a imagem na medida em que as pessoas são representadas como se sentissem consternadas, situação decorrente da humilhação apontada. Dito de outra forma, o componente verbal direciona, pois, a compreensão do artefato imagético.

Já com relação ao enunciado-informativo, o que se observa dizer é “Conheça os níveis de atuação do profissional de secretariado”. Notamos o ato de enunciação alocutivo, posto que o interlocutor é implicado no ato de linguagem: “conheça” (você, no tempo verbal imperativo presente, sendo um pronome pessoal de terceira pessoa, que, no Português, tem a peculiaridade de também ter a função de segunda pessoa). Pode-se depreender a ocorrência de uma injunção, visto que é estabelecida uma ação a ser realizada, instaurando-se posição de superioridade do locutor ao, em forma imperativa, “fazer saber”. Outro enunciado-informativo também é veiculado: “Diretrizes Curriculares Nacionais vão orientar projetos pedagógicos”. Ato delocutivo, este sinaliza uma asserção numa relação com a modalidade de “afirmação-confirmação” – termo cunhado por Charaudeau (2009, p.101).

Destacamos aqui que os enunciados-informativos nesta capa não trazem qualquer relação com a imagem, prestando-se, em nossa compreensão, a destacar outros assuntos relevantes, os quais podem aumentar o interesse dos leitores pela revista: profissionais que estão ou almejam adentrar no mercado de trabalho secretarial, além de professores e estudantes de cursos técnicos, tecnólogos e superiores de secretariado.

²⁴ Nota tomada na disciplina *Teorias sobre o discurso*, ministrada pela professora Ida Lúcia Machado no primeiro semestre de 2010 no PosLin da FALE/UFMG.

3.1.2. Análise da Capa II

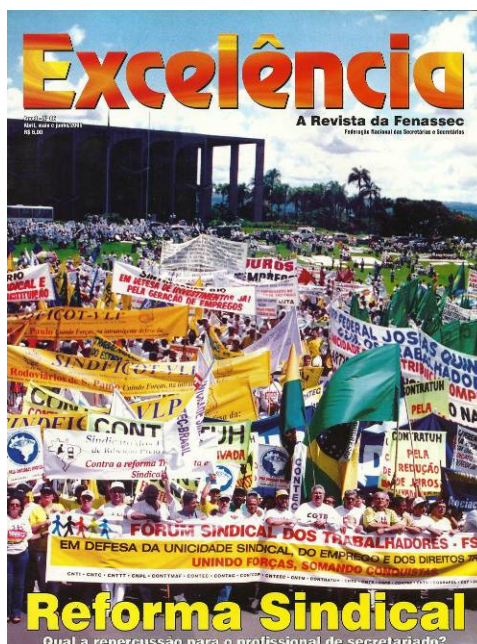


Figura 6: Capa II

3.1.2.1. Dimensão Situacional

Nesta edição, o EUC também se configura como uma instância compósita, a qual abrange a Fenassec e a equipe responsável pela publicação: Conselho Editorial, editora, revisora e diagramador. O Eue, igualmente, corresponde à própria enunciação, abarcando as várias personagens que integram a capa do exemplar. O Tud é constituído pelo público a quem a revista se destina e o Tui, finalmente, é composto por todas as pessoas que de fato visualizaram a imagem no periódico ou em outro veículo.

Como gênero situacional novamente o instituímos capa de revista, de estatuto factual, haja vista a alusão ao mundo vivido: o manifesto retratado é uma cena habitual do nosso cotidiano. Podemos dizer que nessa publicação também há a ficcionalidade colaborativa.

3.1.2.2. Dimensão Técnica

Como elementos plásticos, observamos uma profusão de cores nesta capa, mas podemos dizer que o amarelo, o branco, o verde – precisamente, o “verde-bandeira”, definido por Guimarães (2000, p.100) – e o vermelho são predominantes (este último, na coloração das letras que compõem os dizeres de algumas das faixas).

É curioso notarmos que, em nossa sociedade, o vermelho está relacionado à idéia de revolução, o que coaduna com seu emprego na representação de um manifesto pretendida pela revista. De acordo com Guimarães (2000), em 1871 esse tom foi utilizado na Comuna de Paris com uma finalidade revolucionária, tornando-se, a partir de então, a tonalidade representante de comunistas e esquerdistas. No Brasil, por exemplo, essa cor é marca característica do PT – assim como das centrais sindicais –, partido político historicamente vislumbrado como de esquerda. Ainda conforme o autor, o vermelho liga-se ao conceito de transformação, sendo pertinente, pois, o uso na edição que traz como temática a “**Reforma Sindical**”. (grifo nosso)

Segundo Pastoureau (2005), na cultura ocidental o verde é associado, dentre outras, à idéia de esperança. Dessa forma, é oportuna a sua utilização na capa: há sempre uma expectativa de que reivindicações de manifestantes sejam atendidas, expectativa esta que pode ser traduzida, pois, naquela coloração. Ademais, trata-se de um dos tons da bandeira do nosso país, sendo possível, assim, estabelecer uma relação entre tal tonalidade e a defesa dos interesses dos cidadãos da nação brasileira.

O branco, por sua vez, traz a “idée de paix”²⁵ (PASTOUREAU, 2005, p. 31). Podemos depreender uma alusão das faixas brancas em cena a bandeiras brancas. Com relação a estas últimas, quem as empunha, em nossos imaginários sociodiscursivos, está desarmado, tem como objetivo negociar, não agredir e, portanto, não deve ser atacado. Assim, a nosso ver, o branco simboliza, na imagem, um protesto pacífico, não violento.

Já o amarelo sugere energia, movimento, como postula aquele autor. Para Guimarães (2000, p.89), essa cor também pode ser empregada “como símbolo de alerta”, tal como fora utilizada nas campanhas pelas “Diretas Já”; dessa forma, é adequada na composição da ilustração que indica uma agitação no intuito de “chamar a atenção” das autoridades governamentais para as demandas dos trabalhadores. Tal tonalidade colore,

²⁵ Idéia de paz [tradução nossa].

inclusive, as letras que compõem a temática da edição – “Reforma Sindical” – e o nome da publicação (neste como se mesclada ao vermelho), justamente contribuindo para despertar o olhar do leitor sobre a edição, sobre o tema.

No que se refere à luminosidade, esta parece incidir do canto esquerdo superior, destacando justamente as faixas na capa, as quais, representando o manifesto, configuram-se como o foco de visualização do Tui.

Outra vez notamos um emolduramento que se estabelece pelo contorno da capa, delineando visualmente a imagem. Há ainda uma moldura desenhada por uma construção ao fundo (um prédio). Podemos dizer que as várias faixas presentes na imagem também apresentam molduras demarcando-as, assim como ocorre com a grande faixa carregada por alguns manifestantes, à frente do grupo.

3.1.2.3. Dimensão Discursiva

O modo de organização discursivo predominante nesta capa é o descritivo, visto que a imagem ilustra o tema do exemplar.

Consoante nossos imaginários sociodiscursivos, a imagem estampada neste número da revista descreve uma manifestação: pessoas erguendo faixas e bandeiras, em frente a um lugar que nos remete a uma instituição governamental (poderíamos pensar num órgão público em Brasília, sede do governo federal, por exemplo). Os dizeres que compõem a capa esclarecem-nos o motivo da representação de um manifesto na *Excelência*: a edição traz como manchete, como matéria principal, a “Reforma Sindical” e seu impacto na profissão, conforme expresso por “Qual a repercussão para o profissional de secretariado?”

Podemos depreender que as personagens em cena são trabalhadores, sindicalistas, membros de instituições representativas de classes, enfim, manifestantes de grupos profissionais diversos, haja vista a forma com a qual aparecem caracterizados: trajam blusas de malha informais, por vezes da mesma cor de outros membros dos grupos, com logotipos de entidades; utilizam crachás e bonés; e empunham faixas com dizeres que fazem alusão a reivindicações e sindicatos. Podemos elencar alguns desses dizeres, que compõem a imagem: “Em defesa de investimentos já! Pela geração de empregos”; “Pela redução de juros”; “Pela unicidade sindical”; “Fórum Sindical dos

Trabalhadores... Unindo forças, somando conquistas”; “CONTEC”²⁶ ; “CONTRATUH”²⁷, etc. Por meio deles confirmamos nossa inferência acerca da configuração de um protesto nessa capa.

No que se refere à Fenassec, é possível falarmos na constituição de um *ethos* de Federação cumpridora de um de seus papéis, ou seja, engajada em assuntos políticos que dizem respeito a questões trabalhistas. A revista, por sua vez, constrói um *ethos* de atenta e responsável em abordar temas que não só relacionados ao mercado de trabalho ou a atributos profissionais valorizados pelas empresas na atualidade. Já com relação à secretária, entendemos a construção de um *ethos* de profissional bem informada: a publicação direcionada a essa categoria fornece-lhe dados sobre conteúdos diversos, esclarecendo assuntos que possam interferir no exercício da ocupação. A profissional é vislumbrada, assim, como interessada em estar instruída sobre matérias de naturezas diferentes.

Como efeito patêmico visado, em nossa compreensão há aqui o de instigar um interesse do Tud pela questão da “Reforma Sindical”, mesmo porque há pergunta sendo feita: “Qual a repercussão para o profissional de secretariado?”. Essa indagação, possivelmente, aguçará uma certa curiosidade pela resposta, de forma a influenciar o interlocutor a adquirir/ler a publicação. Além disso, a questão é colocada como uma injunção, ou seja, ela implica o potencial leitor, mesmo que indiretamente, no dizer, configurando-se, portanto, como uma estratégia de captação.

3.1.2.4. Organização Enunciativa

A capa II veicula o enunciado-tema e o enunciado-explicativo, ambos estabelecidos em atos delocutivos. O primeiro é expresso nos dizeres “Reforma Sindical”, de forma que elucida a razão de um manifesto ser retratado imagetivamente na capa da revista.

Já o segundo enunciado é apresentado em forma de pergunta: “Qual a repercussão para o profissional de secretariado?”, o que, apesar de configurar uma

²⁶ Confederação Nacional dos Trabalhadores nas Empresas de Crédito. Informação disponível em: <http://www.contec.org.br>. Acesso em 09-02-2012.

²⁷ Confederação Nacional dos Trabalhadores em Turismo e Hospitalidade. Mais informações, consultar site: <http://www.contratuh.com.br>. Acesso em 09-02-2012.

interrogação, não denota um ato alocutivo, haja vista que o interlocutor não é implicado no dizer. A nosso ver, o interlocutor não é vislumbrado como o interrogado, aquele competente para responder – que seriam características do ato alocutivo, conforme Charaudeau (2009). A questão colocada apenas incita o interlocutor a proceder à leitura da revista para verificar a resposta que ela trará (não é ele o incumbido de responder). Além do mais, o questionamento se dá em terceira pessoa (“para o profissional de secretariado” – ele), o que confirma o apagamento do sujeito falante e do destinatário no dizer.

Ainda com relação ao enunciado-explicativo, podemos observar que ele esclarece o fato de o assunto “Reforma Sindical” ser veiculado na *Excelência*: tal reforma, para a revista, afeta a classe profissional de secretariado. Não é questionado “se” haverá um impacto na profissão, mas, pressupondo-se a existência deste, pergunta-se “qual” será.

É importante ressaltarmos que outros dizeres também aparecem nesta capa, entretanto, não se configuram como enunciado tema, explicativo ou informativo, motivo pelo qual não os abordaremos: não são considerados, na perspectiva por nós adotada, como organização enunciativa da capa, prestando-se apenas a serem mais um componente da imagem.

3.1.3. Análise da Capa III



Figura 7: Capa III

3.1.3.1. Dimensão Situacional

Na imagem que traz uma mulher empunhando uma taça, o EUC novamente é designado como uma instância compósita, que compreende a Fenassec e a equipe responsável pela revista: Conselho Editorial, editora, revisora e diagramador. O Eue aqui também corresponde à própria enunciação, incluindo a mulher que ilustra a capa do exemplar. O Tud é composto pelo público a quem o exemplar se destina; já o Tui é constituído por todos os indivíduos que de fato tiveram acesso à imagem na revista ou viram-na em outro veículo.

O gênero situacional continua sendo capa de revista. O estatuto do gênero é factual, uma vez que há uma alusão ao mundo vivido: trata-se de uma cena do nosso cotidiano. Podemos dizer que nessa publicação também há a ficcionalidade colaborativa.

Após a análise das três primeiras capas, foi possível notarmos que a dimensão situacional não se altera de uma edição para outra. Nesse sentido, podemos depreender que as demais imagens seguirão a mesma configuração no que se refere aos sujeitos do

Ato de Linguagem e ao gênero situacional. Assim, centraremos nossas abordagens, para os próximos exemplares, nas dimensões técnica e discursiva, além da organização enunciativa, por serem as que apresentam componentes variáveis nas diferentes publicações.

3.1.3.2. Dimensão Técnica

No que se refere aos elementos plásticos, destacam-se as cores amarela e preta. Temos, ainda, o branco, na composição da roupa, mas como uma cor secundária, com menos realce que as duas outras.

O amarelo, integrando todo fundo da imagem, de certa forma mescla-se à tonalidade dos cabelos da mulher – loiros. Como cor quente, podemos associá-lo, nesta imagem, aos imaginários da alegria, da celebração, situação que se confirma pelo sorriso da personagem e pelo gesto festivo de levantar a taça. É interessante observarmos que esse tom figura também no nome da revista ao alto da página. Na coloração do *Excelência*, ele assume uma nuance dourada, a qual pode ser considerada uma variante do amarelo. Em nosso entendimento, isso contribui para criar uma imagem de reconhecimento da Fenassec como uma “federação de ouro”, pois, em nossos imaginários o dourado se liga às idéias de valor, prestígio e importância.

Cabe ressaltar que, embora a taça dessa imagem não seja de champanhe, bebida que em nossa sociedade simboliza a celebração, a forma como ela é erguida e o próprio fato de figurar em uma edição comemorativa (“20 anos de regulamentação da profissão”) sugerem o marco de um momento de festejo. Poderíamos depreender, inclusive, que se trata de uma taça de vinho branco, a qual também é oportuna, em nossa cultura, em ocasiões de comemoração. O preto da vestimenta evidencia o traje formal com o qual a figura feminina é caracterizada.

A luz centra-se na mulher – mais especificamente, no rosto –, enfatizando o seu contentamento com a comemoração. É relevante observar que sua imagem é alocada no lado esquerdo da capa, sendo a luminosidade o elemento que direciona o olhar do Tui para a personagem.

No que diz respeito à moldura, novamente observamos um emolduramento que se constrói pelo contorno da capa, com o papel de demarcar visualmente a imagem. Há ainda uma função abstrata dessa moldura, que encerra a descrição da imagem.

3.1.3.3. Dimensão Discursiva

O modo de organização discursivo que prevalece nessa capa é o descritivo, visto que a imagem ilustra, descreve um assunto determinado.

Em nossos imaginários sociodiscursivos, a configuração da imagem remete à comemoração: a personagem sorrindo e segurando uma taça. A razão de se representar uma celebração nessa edição vem na frase que integra a capa: “20 anos de regulamento da profissão”.

Uma hipótese plausível é que a figura feminina estampada na capa represente uma secretária. Tal dedução respalda-se nos imaginários concernentes ao traje que caracteriza essa profissional. Na imagem notamos um blazer preto e uma camisa social branca por dentro, vestimenta formal que, por metonímia, pode fazer referência a um *tailleur* ou a um terninho – roupas socialmente rotuladas como quase que constitutivas da identidade da profissional secretária.

Ainda no que tange aos imaginários, mais uma vez pudemos verificar que a revista veicula uma representação de profissão categorizada como feminina. Essa representação, por sua vez, tem uma relação com a constituição dos *ethé*. Nessa capa, identificamos, pois, os *ethé* de elegância, jovialidade, beleza, simpatia e feminilidade. Há, nesse ínterim, uma alusão a uma característica que não relacionada a habilidades técnicas ou comportamentais requeridas de uma secretária, ancorando-se em um imaginário de que determinados atributos pessoais constituem a identidade social dessa profissional. Isso traz à baila a realidade da profissão nos anos 60 (o que ainda pode ocorrer atualmente), quando a beleza era um critério para a admissão da secretária. Contratar tal funcionária naquela década, inclusive, era sinônimo de *status* para o executivo. Com relação à Fenassec, podemos falar na construção dos *ethé* de relevância e autoridade da instituição, baseados nos imaginários de valor, prestígio e importância que a capa evoca, conforme anteriormente explanamos.

Em nosso entendimento, o principal efeito patêmico visado seria o de suscitar um contentamento no Tud com a alusão à comemoração de se terem completadas duas décadas da promulgação da lei que normaliza o exercício da profissão. Haveria nesse caso uma incitação ao compartilhamento da alegria, o que nos remete a Plantin (2010). Segundo este, deve-se demonstrar emoção para melhor emocionar: quanto mais se evidencia a emoção, mais ela será suscitada em outrem. Nas palavras do autor: a “regra de exibição dos afetos” corresponde a “mostre-se emocionado” (PLANTIN, 2010, p.66). No caso que aqui analisamos, deduzimos que retratar uma mulher, uma profissional alegre, sorridente, em clima festivo pode gerar no Tui um sentimento de partícipe da conquista. Isso seria corroborado pelo olhar convidativo da personagem, que visa uma empatia e parece, inclusive, chamar o leitor para com ela brindar. Em outros termos, haveria uma busca por uma identificação com o público. Além disso, podemos depreender que, com essa imagem na capa, continua-se buscando atrair o interesse do público para comprar e ler a publicação.

3.1.3.4. Organização Enunciativa

A capa III veicula apenas o (por nós denominado) enunciado-tema. Os dizeres “20 anos de regulamentação da profissão” estabelecem um ato delocutivo. O propósito existe em si e a modalidade pela qual se apresenta é a assertiva.

Cabe ressaltar que o termo “20 anos” aparece em destaque: separado do restante do enunciado e em letras num tamanho maior que o das demais palavras. Entendemos que esse artifício foi usado para evidenciar o motivo da celebração, a qual é representada imagetivamente. Assim, o tempo de promulgação da lei, exposto verbalmente, é a razão do festejo, o que, novamente, nos leva a averiguar uma relação entre o texto verbal e a imagem. O componente lingüístico é, desse modo, determinante nos efeitos de sentido produzidos pelo texto icônico: se, por exemplo, tais dizeres mudassem, toda a compreensão acerca da imagem se modificaria, da mesma forma que, se não existisse essa frase de chamada, provavelmente o leitor não entenderia o porquê de se estampar a revista com aquela configuração.

3.1.4. Análise da Capa IV

Consoante esclarecemos na análise anterior, evidenciamos, após trabalho com três edições, que a dimensão situacional não muda de uma publicação para a outra. Desse modo, os dados dessa dimensão não serão mais retomados: focaremos, desse ponto em diante, as dimensões técnica e discursiva, além da organização enunciativa das capas, por serem os itens que trazem elementos variáveis nos diferentes exemplares.



Figura 8: Capa IV

3.1.4.1. Dimensão Técnica

Com relação ao aspecto cromático, notamos uma predominância do branco, colorindo o fundo da imagem; do bege, integrando o papel situado à frente das personagens – uma espécie de jornal –; do cinza claro e do marrom, estes dois compondo, respectivamente, o vestuário do homem e da mulher em cena. É notório

também o tom amarelo, presente nas letras que grafam o nome da revista e a temática da edição.

Convém destacarmos o significado que cada uma dessas tonalidades assume nesta edição. O branco, segundo Pastoureau (2005), pode apontar, dentre outras, para as idéias de medo e ansiedade, sendo, assim, pertinente o uso como fundo da capa que trata do “desemprego”, uma vez que tal termo, em nossos imaginários, está associado a estados de temor e preocupação (o que pode observado, inclusive, na feição dos protagonistas). É interessante notarmos que na capa II essa mesma cor fora atrelada ao significado de paz, diferentemente do assumido nesta imagem. Isso corrobora o que postula Guimarães (2000): a significação de determinado tom está diretamente relacionada à situação e à intenção de comunicação. Valendo-nos de nossa filiação à Teoria Semiolingüística, poderíamos dizer, portanto, que tal significação é situacional, ou seja, dependendo da situação de comunicação na qual o ato de linguagem, traduzido imageticamente, se inscreve, a cor vai produzir um ou outro efeito de sentido.

No que se refere ao cinza, este pode ser ligado à noção de sobriedade e comedimento, posto que se configura como uma cor neutra (nem quente nem fria), sendo apropriado, em nossos imaginários, na composição da vestimenta de pessoas em imagens que fazem alusão ao contexto corporativo. Já o marrom, para Pastoureau (2005), é uma coloração que traz a concepção de algo desagradável, dessa forma, seu emprego nesta capa coaduna com os imaginários sociodiscursivos acerca do desemprego: alguma coisa ruim, indesejada.

O bege do papel, do modo em que figura, nos remete a um jornal envelhecido, possivelmente, por já ter sido bastante folheado. Pastoureau (2005) postula que uma das acepções deste tom refere-se à melancolia e ao declínio, logo, observamos que não só esta, mas todas as outras cores na imagem convergem para a significação discursiva da capa da revista, ao, inclusive, estabelecerem uma relação com o enunciado expresso verbalmente na edição.

Especificamente no tocante ao amarelo das letras, este nos remete a um alerta, assim como evidenciamos no número anteriormente analisado. No contexto deste exemplar, podemos dizer que essa coloração faz referência a um despertar a atenção para a temática do desemprego.

A luz focaliza a mulher estampada, realçando seu aspecto preocupado, talvez abatido, e parece incidir do canto direito superior. Podemos verificar que o homem situado mais à esquerda (e ao fundo) tem sua imagem desfocada; assim, em nosso

entendimento, tanto a nitidez como a iluminação direcionam o olhar do Tui para a personagem feminina.

Além do emolduramento construído pelo entorno da capa, este exemplar traz uma moldura definida pelo papel em cena/jornal. Tal moldura tem a função de demarcar um momento da narrativa, pois, ao que nos parece, é também retratada uma consulta ao papel: podem ser observadas mãos segurando o impresso, como se numa ocasião anterior à da preocupação estampada.

3.1.4.2. Dimensão Discursiva

O modo de organização discursivo que aqui predomina é o narrativo, visto que a imagem parece apontar pessoas preocupadas, afligidas, provavelmente, por terem tomado conhecimento de algo que, num momento anterior, fora lido em um jornal.

Podemos depreender duas situações acerca dessa visualização do periódico. A primeira hipótese é que pode ter sido noticiada uma informação sobre um fato econômico e seu impacto negativo na empregabilidade; já uma segunda suposição é que os protagonistas estavam procurando emprego e não obtiveram êxito na busca. Em ambos os casos a consequência é a mesma: gerou uma preocupação nas personagens, ligada à questão do desemprego. Essas nossas inferências acerca do texto icônico são ancoradas no componente lingüístico, o qual, inclusive, é determinante na nossa compreensão do motivo da apreensão, do temor das personagens: “A política econômica e o desemprego no Brasil”.

É curioso notarmos que a parte da imagem em que aparece o jornal nos remete a algo que acontecera antes desse estado de consternação, tendo em vista a própria construção embaciada, como se em segundo plano, da ilustração. Tal estado de consternação das personagens está relacionado à condição não desejada, inquietante, advinda do assunto desemprego (consoante nossos imaginários sociodiscursivos), o que pode ser evidenciado no semblante intrigado dos protagonistas.

Não podemos afirmar que os indivíduos desta capa representem secretários, uma vez que as vestimentas com as quais são caracterizados – ambos parecem utilizar camisas de tecido – podem ser relacionadas a quaisquer profissionais (administrativos)

de empresas. Ademais, a temática da edição não diz respeito exclusivamente a essa categoria profissional, ao contrário, refere-se a todas classes trabalhadoras.

Podemos dizer que aqui é instituído o *ethos* de secretária como profissional bem informada, interessada em ser esclarecida acerca de conteúdos de ordem política, econômica e social. Em nossa compreensão, se essa matéria figura na publicação é porque presume-se que seja conexa aos anseios da classe, a qual é, pois, vislumbrada como politicamente engajada. Tanto a revista como a federação instituem um *ethos* de comprometidas em abordar temáticas que de algum modo interferem na alocação do profissional no mercado de trabalho. Há, além disso, a construção de um *ethos* de instituições atentas em manterem seus públicos atualizados, isto é, informar-lhes fatos contemporâneos.

O efeito patêmico visado que entendemos haver nesta edição é o de suscitar no Tui a preocupação retratada imagetivamente. Dito de outra forma, a revista procura incitar um compartilhamento daquela apreensão, o que pode instigar o potencial leitor a refletir sobre a temática em voga. Ademais, temas que suscitam medo e apreensão podem ser estratégias de captação eficazes, dessa maneira, a publicação, ao veiculá-los, melhor convence o público a adquirir e ler a revista.

3.1.4.3. Organização Enunciativa

Nesta capa podemos observar somente o enunciado-tema na composição verbal. Expresso em “A política econômica e o desemprego no Brasil”, o enunciado configura-se como um ato delocutivo, numa modalidade assertiva, e é decisivo na compreensão do leitor sobre o componente imagético. Isso quer dizer que só é possível depreender a relação entre a face consternada das personagens o desemprego por meio dos dizeres expressos na capa. Caso não houvesse essa frase de chamada, o Tui seria levado a levantar múltiplas hipóteses acerca da razão daquela imagem na revista: ela poderia ser representativa, por exemplo, de temas como estresse no trabalho. Do mesmo modo, outro dizer modificaria toda a significação da imagem.

3.1.5. Análise da Capa V



Figura 9: Capa V

3.1.5.1. Dimensão Técnica

A capa V é composta por três cores: azul, preta e branca. Esta última aparece tanto na coloração do nome da revista quanto na composição da vestimenta da personagem. A camisa de tecido branca nos remete à formalidade e, de acordo com Pastoureau (2005), está associada à neutralidade e à discrição. É interessante notarmos que esse último conceito em muito se relaciona à profissão secretária, visto que a própria origem da palavra – do latim, *secretarium*, *secretum* – evoca a idéia de segredo, o qual faz alusão a confidencialidade, circunspecção, ponderação e cautela, características atreladas, pois, ao predicado discreto.

O preto, constituindo o blazer da protagonista, é definido como “couleur de l’élégance et de la modernité”²⁸, segundo Pastoureau (2005, p.131). Unido ao branco – resultando na composição preto e branco –, significa, para Guimarães (2000), o

²⁸ Cor da elegância e da modernidade [tradução nossa]

contraposto ao colorido, o que, a nosso ver, assinala a personagem da capa como uma profissional marcada pela seriedade, aqui no sentido de responsável, empenhada, comprometida. Em nossos imaginários sociodiscursivos o colorido não coaduna com essa representação profissional que depreendemos, mesmo porque está mais relacionado a uma situação festiva que a uma corporativa, por exemplo.

O azul no fundo da imagem contrasta com a figura da protagonista, destacando-a. É interessante notar que esse tom também figura, em gradação mais clara, nas letras que descrevem a temática do exemplar. Azul é a cor do frescor, faz referência à água em nossa cultura, conforme Pastoreau (2005), e tem um efeito tranquilizador, motivo pelo qual, consoante esse autor, é usada na pintura de quartos de hospitais. Remetendo ao mundo corporativo, tal tonalidade está ligada às concepções de sabedoria e produtividade²⁹.

A luz parece incidir do canto esquerdo superior, enfatizando a face da mulher em cena. A luminosidade e o fato de o rosto da figura feminina ocupar pouco mais da metade da página são os artifícios responsáveis por direcionar o olhar do Tud na visualização da imagem.

3.1.5.2. Dimensão Discursiva

A imagem dessa capa é caracterizada pelo modo de organização discursivo descritivo, visto que o texto icônico ilustra a temática da revista.

Uma suposição aceitável de interpretação é que a personagem estampada represente uma secretária. Tal inferência respalda-se no traje que caracteriza a profissional: na composição do vestuário temos um blazer preto – que nos remete a um terninho ou *tailleur* – combinado com uma camisa branca de tecido, indumentárias atreladas, em nos imaginários, à identidade imagética de uma secretária. Nossa hipótese se confirma pelo enunciado-explicativo da capa, que traz: “Conheça a opinião de Luciane Bacellar, **secretária executiva...**” (grifo nosso); ou seja, mais uma vez evidenciamos que artefatos icônico e lingüístico concorrem, juntos, para a produção de sentidos em gêneros discursivos híbridos.

²⁹ <http://www.webartz.com.br/design-e-inspiracoes/aplicacao-das-cores-na-publicidade>. Acesso em 11-02-2012.

Voltando à questão da vestimenta, os imaginários sociodiscursivos relativos à mesma não só constituem imagetivamente a personagem como também nos apontam para a construção dos *ethé*. Podemos identificar, inicialmente, um *ethos* de formalidade da secretária, dado o conjunto camisa de tecido e blazer. É possível dizermos que, de certa forma, esse indumento “descristaliza” a imagem da mulher sedutora, ao impedir que suas formas apareçam. Valendo-se dessa configuração da capa, a revista coloca em evidência uma imagem profissional que vai de encontro a visões estereotipadas de secretária comumente veiculadas na mídia.

Tendo em vista os significados socioculturais das cores, conforme explanamos acima, podemos depreender um *ethos* de elegância, pelo uso do preto na roupa. Cabe destacarmos que esta tonalidade também é associada à idéia de autoridade, conforme Pastoreau (2005), o que ancora o estabelecimento de um *ethos* de competência para opinar sobre o assunto. Tal *ethos* de competência, instituído pela imagem, é corroborado pelo componente lingüístico, que relaciona a personagem, Luciane Bacellar, ao predicado “secretária executiva com MBA em Gestão e Desenvolvimento de Pessoas pela FGV”. Dessa forma, a protagonista é caracterizada como aquela que tem propriedade para ponderar sobre a questão do autodesenvolvimento, haja vista, inclusive, sua qualificação profissional.

A alusão ao MBA visa conferir credibilidade a Luciane Bacellar, posto que tal titulação, em nossa sociedade, assinala um profissional diferenciado, com boa formação acadêmica, capacitado; já a menção à FGV³⁰, local onde a pós-graduação fora feita, se configura, em nossa compreensão, como um argumento de autoridade. Isso porque tal Fundação é uma instituição bastante conhecida em nosso país, principalmente, por ser referência na formação ligada à Administração, segundo nossos saberes de conhecimento, o que lhe outorga certo prestígio social.

A composição preto e branco nos remete a um *ethos* de eficiência, ancorado no imaginário de seriedade que a combinação evoca; seriedade aqui concebida como empenho, envolvimento e comprometimento com a carreira. Um dado curioso é que a protagonista figura sorrindo, o que nos possibilita entender a construção de um *ethos* de profissional contente, satisfeita com a profissão.

Cabe destacar que o branco na coloração do nome da revista – *Excelência* – fundamenta a construção de um *ethos* de neutralidade e confidencialidade não só da

³⁰ Fundação Getúlio Vargas

publicação, mas também da Federação. Podemos depreender que isso contribui para conferir uma credibilidade a ambas.

O azul da capa, associado ao enunciado “Autodesenvolvimento é responsabilidade SUA!”, nos remete aos *ethos* de sabedoria. A profissional sábia é, nesta capa, vista como aquela que busca se aprimorar, ou seja, aquela que assume para si a incumbência de aperfeiçoar suas habilidades para se tornar/manter-se competitiva no mercado de trabalho.

Assim como em outros exemplares, neste também a revista representa a profissão como categoricamente feminina. Essa representação tem uma relação com a construção de outros *ethé*: simpatia, jovialidade e boa aparência. Além disso, podemos falar de um certo tipo de vaidade sendo retratado, dado o uso de batom e brincos.

O principal efeito patêmico visado, acreditamos, é suscitar no Tui uma identificação com essa competência, elegância, eficiência e sabedoria construídas, uma vez que tais características podem corroborar para uma (boa) colocação profissional. O sorriso com o qual a protagonista é apresentada pode nos levar a deduzir que ela tenha logrado êxito no mercado de trabalho, provavelmente, em decorrência do que fez para se autodesenvolver. Isso de alguma maneira atrai o interesse do público para comprar e ler a revista, a fim de que tome ciência dessas medidas (e, quem sabe, as aplique).

3.1.5.3. Organização Enunciativa

Na capa deste exemplar observamos dois tipos de enunciado: o enunciado-tema e o enunciado-explicativo.

O primeiro é veiculado sob os dizeres “Autodesenvolvimento é responsabilidade SUA!”. Trata-se de um ato alocutivo, em que o interlocutor é envolvido na enunciação. Tal fato pode ser evidenciado pela utilização do pronome possessivo “sua”, o qual, embora de terceira pessoa, faz alusão à segunda (a com quem se fala) em nossa língua.

O enunciado seguinte, por sua vez, configura-se como “Conheça a opinião de Luciane Bacellar, secretária executiva com MBA em Gestão e Desenvolvimento de Pessoas pela FGV, sobre autodesenvolvimento.”, sendo também marcado como alocutivo, haja vista o emprego do verbo “conheça”, no imperativo presente, remetendo à segunda pessoa gramatical, de forma análoga à acima descrita.

Cabe pontuarmos apenas que esses dizeres instituem um *ethos* da revista e da federação de atentas em trazer à tona temas que contribuam para a colocação profissional de afiliados e de outros interessados.

3.1.6. Análise da Capa VI

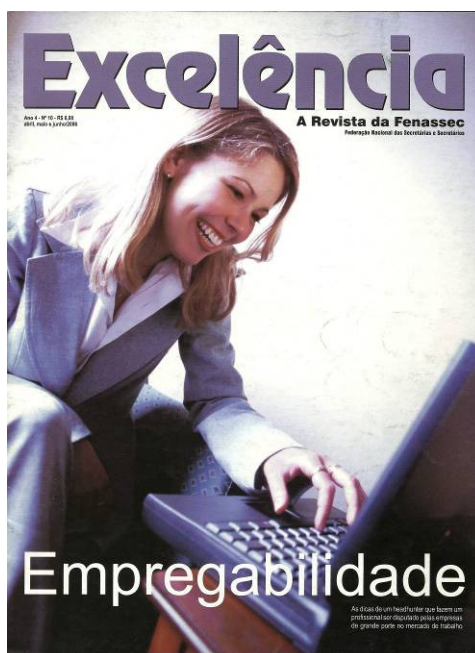


Figura 10: Capa VI

3.1.6.1. Dimensão Técnica

Como elementos plásticos, são predominantes as cores branca, cinza e preta, em uma espécie de *dégradé*. Em tons suaves, tais cores parecem produzir um efeito de neutralidade, ou seja, não se configuram nem como quentes nem como frias. Podemos dizer que esse aspecto cromático se relaciona à representação, pretendida pela revista, de um ambiente de trabalho: há uma atmosfera formal, sóbria, que faz com que sejam justamente destacados o equipamento de execução das tarefas e a profissional que o opera. É possível notar ainda, de forma menos evidente, o marrom do móvel sobre o qual está o *notebook* e o azul acinzentado, estampado, que integra a poltrona onde a

personagem está sentada. Com relação ao nome *Excelência*, este é grafado em uma espécie de cinza azulado, variação do cinza que, no contexto figurado, converge para a significação icônica da capa.

A luminosidade concentra-se na figura feminina, conferindo-lhe destaque. De forma análoga à capa I, averiguamos que a imagem da mulher está situada no lado esquerdo da capa, sendo a luz o artifício responsável por apontar para onde deve olhar o Tui.

No que se refere à moldura, as características apontadas na análise do exemplar anterior se mantêm: há um emolduramento estabelecido pelo contorno da capa, com a função abstrata de delimitar visualmente a imagem. Essa propriedade foi observada também nas edições que apresentaremos na seqüência, assim sendo, optamos por não abordar, de modo repetido, aquele quesito. Ao contrário, vamos apenas explicitá-lo quando as capas das próximas publicações trouxerem alguma particularidade que demande esclarecimento.

3.1.6.2. Dimensão Discursiva

Novamente o modo de organização discursivo descritivo é o preponderante, uma vez que a imagem ilustra um conteúdo, uma matéria da revista.

A figura faz alusão a uma temática concernente aos secretários – e a profissionais de outras áreas: a empregabilidade. Os dizeres: “Empregabilidade – As dicas de um *headhunter* que fazem um profissional ser disputado pelas empresas de grande porte no mercado de trabalho” integram a capa da revista, o que nos permite apontar que, ao constituírem-na, eles orientam o Tui na interpretação da imagem.

Uma hipótese possível de interpretação é que a figura feminina estampada represente uma secretária. Tal dedução respalda-se, dentre outros, nos imaginários referentes ao traje que caracteriza a profissional. Na composição da vestimenta notamos uma calça cinza e um blazer da mesma cor, sob o qual tem lugar uma camisa de tecido branco. O assim denominado terninho é uma indumentária formal, socialmente rotulada como constitutiva da identidade da secretária na atualidade, à semelhança do *tailleur*. Outra suposição aceitável seria a mulher da capa como a representação de uma executiva, uma vez que o tipo de roupa por nós descrito é também utilizado por essa

profissional. Contudo, acreditamos que o fato de a imagem ser veiculada na revista da Fenassec – abordando precisamente o assunto “Empregabilidade”, que se refere à condição de ser empregável – direciona o Tui a entender tratar-se de fato de uma secretária (ou seja, daquela que será empregada, não empregadora).

Os imaginários relativos à vestimenta ancoram, pois, a constituição de um *ethos* de formalidade. Evidenciamos também a veiculação de imaginários sobre padrões do que se define como elegância da secretária, os quais, entendemos, podem-se pautar no corte, no tipo de tecido e na combinação das cores da roupa da personagem. Pudemos verificar, mais uma vez, que a revista representa a profissão como categoricamente feminina. Essa representação tem uma relação com a construção de outros *ethé*. A imagem da mulher suscita, assim, os *ethé* de jovialidade, beleza e simpatia. O sorriso da protagonista também nos remete a uma imagem de satisfação e bom humor. É possível dizermos, ademais, que há uma preocupação da revista em criar um modelo de "apresentação de si" bem cuidada: bom corpo (em forma, nem magro nem gordo), bons dentes (alinhados) e boa roupa (formal), padrões estes que estão em conformidade, de um lado, com as demandas das empresas, e, de outro, com a caracterização da profissional nos anos 60, década em que os atributos estéticos constituíam um critério para a contratação da secretária. Há, ainda, uma construção de um tipo de feminilidade retratada na figura da profissional (uso de brincos, anéis e maquiagem).

Convém destacarmos a utilização do terninho na composição da personagem. Criado antes do uso nas empresas, nos anos 20 e 30, foi a partir de 1980 que tal traje começou a efetivamente integrar o vestuário feminino, dada a inserção das mulheres em posições de destaque nas organizações. É interessante notarmos que também nos anos 80, notadamente no que tange à profissão de secretariado, teve lugar a chamada administração participativa, na qual

os chefes e secretárias tiveram que atuar conjuntamente. Passaram, então, a constituir uma equipe que participava de grupos de discussão sobre os processos internos e externos, buscando a qualificação dos seus produtos/serviços. A inclusão nesses grupos rendeu às secretárias a queda do mito de função maternal e supérflua. Ela pôde expor o quanto o seu trabalho era indispensável, capaz de produzir resultados concretos na otimização da empresa. As antigas características da profissão foram substituídas por excelência profissional, competência, conhecimentos múltiplos, cultura e aperfeiçoamento contínuo. (SABINO e ROCHA, 2004, p. 9-10)

Nesse sentido, é possível deprendermos que a mudança nas vestimentas no âmbito corporativo traduz as transformações ocorridas nas empresas (nos papéis sociais, nas

relações), de modo que, no caso da secretária, o traje com o qual a profissional passa a ser caracterizada coaduna com seu perfil – e, portanto, com a imagem veiculada – pós-década de 80.

Em nosso entendimento, o uso do terninho pode-se relacionar também à construção de um *ethos* de praticidade, uma vez que, por se tratar de um tipo de roupa com um caráter de androginia, diferentemente das vestimentas de épocas anteriores (com vestidos bem cortados, armados e desconfortáveis), configura-se como algo utilitário, adequado e neutro no ambiente de trabalho. Além disso, ele carrega a idéia de anonimato, em que quem o veste não chama a atenção para si³¹.

Observamos, além disso, os *ethé* de competência e de competitividade; o primeiro pelo fato de a mulher figurar junto à sua ferramenta de trabalho, já o segundo pela própria temática da publicação – empregabilidade. Cabe destacarmos no *ethos* de competência a referência a uma característica relacionada especificamente à competência técnica, representada pelo uso do *notebook*³².

Um ponto que nos instigou foi a caracterização do ambiente, que não seria o que *a priori* apontaria aquele como um local de trabalho de uma secretária. Em nossos imaginários sociodiscursivos, uma clássica mesa com cadeira e a secretária nesta sentada é o que representaria o espaço de realização dos afazeres da profissional. Entendemos haver aí a construção de um *ethos* de modernidade da profissão, que se refere a uma adequação a novos lugares para realização dos trabalhos. Essa modernidade pode ser corroborada pelo *laptop* que representa a ferramenta de execução das tarefas da secretária, à diferença de um tradicional computador. Além da modernidade, é possível falarmos também de um *ethos* de versatilidade da profissional no que tange a uma adaptação aos instrumentos e padrões de trabalho contemporâneos.

No tocante à revista, podemos entender que os *ethé* de neutralidade e parcimônia são estabelecidos, tendo em vista, inclusive, o entretom cinza azulado com a qual o título *Excelência* é estampado. É relevante destacarmos que a publicação funciona como uma metonímia da Fenassec (é a parte pelo todo), assim, a imagem que o periódico constrói é também a que Federação mostra de si. Dito isso, postulamos que esses mesmos *ethé* estão, neste exemplar, atrelados à instituição que representa os profissionais de secretariado.

³¹ Informações obtidas em: <http://www.fashionbubbles.com/historia-da-moda/o-terninho-classicos-da-moda/>. Acesso em 20-01-2012.

³² Segundo Sabino e Rocha (2004), essas competências, na atualidade, incluem: administração, organização, idiomas e informática.

O principal efeito patêmico visado é suscitar no Tui uma identificação com essa competência, elegância, eficácia, versatilidade e modernidade, predicados que se relacionariam, conforme a capa da edição, à empregabilidade. O fato de a profissional figurar risonha, alegre pode nos levar a inferir que várias oportunidades de emprego estão surgindo para ela, possivelmente, em decorrência de ter seguido as dicas do *headhunter* ao qual a publicação faz referência. Isso de alguma maneira atrai o interesse do público para comprar e ler a revista.

3.1.6.3. Organização Enunciativa

Na capa deste exemplar observamos dois tipos de enunciado: o enunciado-tema e o enunciado-explicativo. Tanto o primeiro, “Empregabilidade”, quanto o segundo, “As dicas de um *headhunter* que fazem um profissional ser disputado pelas empresas de grande porte no mercado de trabalho”, são marcados como atos delocutivos, ou seja, caracterizados pelo apagamento do locutor e do interlocutor.

O enunciado-tema contribui para a significação da imagem: é possível depreender que o sorriso de satisfação da personagem decorra das oportunidades de emprego que lhe têm aparecido. Paralelamente, o uso daquele termo corrobora para a construção de um *ethos* da revista e da federação: o de engajadas em abordar temas que colaboram para a colocação profissional de seus afiliados e de outros interessados.

O enunciado-explicativo traz a voz de autoridade – o *headhunter* –, o que auxilia na construção da credibilidade pretendida pela publicação. Já os dizeres “**disputado** pelas empresas de **grande porte**” (grifo nosso) podem cooperar para despertar o interesse do potencial leitor na compra/leitura da revista. Assim, em vez de procurar emprego, ele será demandado – obviamente, ao seguir as instruções que a edição traz –, e não por quaisquer organizações, mas por aquelas de destaque no contexto mercadológico. Nesse sentido, é possível dizermos que a capa acaba por cumprir seu papel de vitrine, pois, dadas as visadas de informação e persuasão, faz uma publicidade do exemplar, buscando persuadir o leitor/consumidor a adquirir o periódico.

3.1.7. Análise da Capa VII

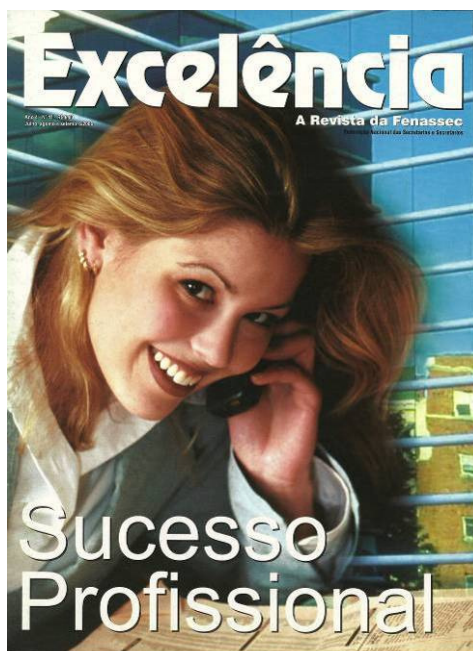


Figura 11: Capa VII

3.1.7.1. Dimensão Técnica

Nesta capa evidenciamos uma predominância das cores azul, cinza e branca. É possível notarmos também o bege, realçando o papel em cena – um jornal – e o marrom, ao fundo, colorindo o que parece ser um prédio (visualizado como se através de uma espécie de vidro).

Em gradação clara, tais tons apontam para uma sobriedade da imagem, a qual faz alusão a um ambiente corporativo: ao que nos parece, a protagonista está na sede de uma empresa. É interessante pontuarmos que determinadas cores foram observadas em várias capas, como, por exemplo, as acima elencadas (azul, cinza e branca). Em cada imagem tais cores podem produzir os mesmos ou diferentes efeitos de sentido, a depender da temática da edição em que figuram.

No caso do cinza, em particular, evidenciamos uma certa recorrência na relação entre essa tonalidade e a representação de um cenário empresarial (como, por exemplo, no caso desta e da capa VI), de modo a sinalizar uma formalidade e um comedimento

característicos, consoante nossos imaginários, do mundo corporativo. O azul e o branco, tão notórios na capa V, também figuram neste número que analisamos, com o mesmo significado assumido naquele exemplar: o primeiro tom, associado à produtividade e à sabedoria; o segundo, à neutralidade. Na capa I, do mesmo modo, averiguamos a presença do cinza e do azul na composição cromática, contudo, numa alusão a medo, apreensão e situação hostil, convergindo para uma compreensão bastante díspar da que temos nesta edição, o que nos leva a depreender a multiplicidade de significâncias que as cores podem assumir.

A luminosidade parte do canto esquerdo superior, enfatizando o rosto da figura feminina que integra a imagem.

3.1.7.2. Dimensão Discursiva

Aqui o modo de organização discursivo dominante é o descritivo, em virtude de a imagem descrever a temática da edição.

Podemos presumir que a mulher estampada represente uma secretária, haja vista a vestimenta com a qual é caracterizada. Entretanto, não há como confirmarmos nossa suposição, uma vez que a composição blazer e camisa, com a qual a protagonista é trajada, também é concernente ao vestuário que assinala uma administradora em nossos imaginários sociodiscursivos. Além do que, no caso desta capa, o componente lingüístico não dirime a ambigüidade de interpretação, pois o assunto “Sucesso Profissional” pode se referir a uma ou outra categoria profissional. Contudo, pelo fato de a personagem figurar em uma revista direcionada à classe secretarial, entendemos que se trate da representação de uma profissional da área, reforçando, ainda, os imaginários acerca do gênero – predominantemente feminino – no secretariado.

Com relação aos *ethé*, observamos primeiramente o de formalidade, a partir da roupa da personagem. Verificamos também os de jovialidade, beleza e simpatia, além de uma certa vaidade ser retratada – dado o uso de brinco e maquiagem. Podemos falar ainda em um *ethos* de modernidade, em virtude de um celular aparecer como instrumento de trabalho – no lugar de um tradicional telefone. A utilização desse aparelho na capa coaduna com a representação de uma secretária, uma vez que,

juntamente com o computador, constitui a ferramenta para realização das tarefas inerentes ao cargo nas organizações, consoante nossos imaginários.

É construído, ademais, um *ethos* de profissional bem sucedida e satisfeita, haja vista o sorriso com o qual a personagem é apresentada. Essa nossa inferência se baseia também no artefato lingüístico, uma vez que o sucesso profissional, em nossos imaginários, está atrelado a uma idéia de contentamento. Dito de outra forma, o êxito na carreira acarretaria em estados de alegria, felicidade e realização em nossa cultura.

Convém destacarmos que o jornal na imagem nos aponta para uma relação entre o sucesso profissional e a informação. Nesta edição, o profissional categorizado como bem sucedido seria aquele que busca se informar, manter-se atualizado. O conhecimento é, nessa perspectiva, vislumbrado como a base para o sucesso, contrariando, de certa forma, um estereótipo de secretária bem sucedida como a detentora de atributos estéticos valorizados no mercado, tal qual nos anos 60. Outra associação curiosa que podemos observar é entre o azul da capa e o atributo sucesso. É que em nossos imaginários sociodiscursivos esta é uma condição que de certa forma traz uma tranquilidade ao indivíduo (ao menos em termos profissionais), a qual é associada, conforme Pastoureau (2005), àquela tonalidade.

Ainda no quesito tonalidade, é possível dizer que a revista e, por conseguinte, a Federação, constrói de si um *ethos* de neutralidade, uma vez que sua alcunha é grafada na cor branca, a qual evoca essa idéia de imparcialidade pretendida dos meios de comunicação.

Como efeito patêmico visado destacamos o de promover uma identificação do Tui com essa imagem de profissional bem sucedida veiculada, o que pode despertar no leitor um interesse em comprar e ler a revista, a fim de que, tomando ciência da temática, possa “seguir o exemplo” no sentido de também lograr êxito na carreira (trata-se de um anseio corrente dos profissionais, em nossos imaginários).

3.1.7.3. Organização Enunciativa

Nesta publicação evidenciamos apenas o enunciado-tema: “Sucesso Profissional”. Como ato delocutivo, configura-se como uma asserção, prestando-se a elucidar o fato de aquela imagem em específico figurar naquela capa. Em nosso

entendimento, ao trazer essa matéria, tanto a Fenassec como a *Excelência* instituem um *ethos* de comprometidas com sua função de abordar assuntos que contribuam para que seus afiliados/leitores obtenham uma posição de destaque na profissão.

3.1.8. Análise da Capa VIII



Figura 12: Capa VIII

3.1.8.1. Dimensão Técnica

No que se refere aos elementos plásticos, constatamos uma preponderância do azul claro e do cinza – este, mais claro, na composição do fundo da imagem e um pouco mais escuro na coloração da camisa de um dos homens. Pode-se evidenciar, ainda, o branco, nos papéis que figuram sobre a mesa e na grafia dos termos *Excelência* e “Homens no Secretariado” (matéria da edição), além do o azul petróleo, no *laptop*. Assim como no exemplar anterior (VI), as cores estão em uma tonalidade suave e

conferem certa neutralidade à cena. Há, desse modo, a alusão a uma formalidade e sobriedade, próprias de um ambiente corporativo.

A luminosidade concentra-se nas figuras masculinas que compõem a capa. O destaque é conferido, além disso, pelo aspecto de nitidez das imagens dos dois homens, estando os instrumentos de trabalho como se fora de foco, um pouco embaçados, ou seja, em menor realce.

3.1.8.2. Dimensão Discursiva

Na capa VIII, o modo de organização discursivo descritivo também é o dominante, visto que a imagem ilustra um tópico da revista.

Podemos depreender que as figuras masculinas que estampam o exemplar representam dois secretários. Na figura é possível visualizarmos apenas as camisas com as quais são caracterizados os homens (uma vez que estão sentados), mas os imaginários sociodiscursivos acerca dessa vestimenta já direcionam nossa compreensão. Elas são de tecido, mangas longas – as quais estão dobradas – e com gravatas completando a composição. Tal traje nos remete a uma indumentária formal comumente requerida de funcionários administrativos das empresas, como no caso dos secretários. Mas nossa inferência acerca da representação destes também se fundamenta nos dizeres que integram a capa: “Homens no secretariado”. A frase afasta a possibilidade de pensarmos se tratarem, por exemplo, de dois dirigentes, ou de um secretário e de um dirigente, hipóteses que se baseariam no vestuário a que nos referimos – pois pode ser utilizado também por esta última categoria profissional. Podemos afirmar, assim – e mais uma vez –, que a materialidade lingüística norteia a interpretação da materialidade icônica.

Interessante notar que esse é o primeiro exemplar por nós analisado que traz uma pessoa negra ilustrando-o. Da mesma forma que a etnia, o gênero – masculino – também se configura como diferente do imaginário usualmente veiculado acerca da carreira. Em outras palavras, a profissão de secretariado é, em nossa cultura, caracterizada como uma ocupação prioritariamente feminina e, pelo menos em nosso *corpus*, exercida majoritariamente por indivíduos da etnia branca. Podemos dizer, assim,

que nessa edição, de certa forma, foge-se das representações estereotipadas do profissional de secretariado.

Contudo, evidenciamos que, se por um lado, têm-se os homens que exercem a profissão representados na revista, por outro, a configuração é dada em caráter de destaque, como que uma excepcionalidade, uma inovação, visto ser a profissão categorizada como eminentemente feminina em nossa sociedade³³. Nesse sentido, em nosso entendimento, os imaginários acerca do gênero (predominantemente feminino) no secretariado são reforçados.

A presença de um indivíduo negro nessa edição também pode nos apontar para outra leitura: como as mulheres, pessoas dessa etnia representam grupos minoritários, em relação ao exercício do poder, e, como tal, lutam por um lugar no mercado de trabalho, sendo a profissão de secretariado uma possibilidade de êxito.

No que concerne ao *ethos*, identificamos inicialmente o de modernidade, tendo em vista o *laptop* que representa a ferramenta de trabalho – no lugar do tradicional computador. Podemos falar também em *ethé* de eficiência e competência, pautados nos nossos imaginários acerca de um ambiente de trabalho produtivo: inúmeros papéis sobre a mesa, *notebook* e canetas (o homem da esquerda, inclusive, está com a caneta nas mãos, como se estivesse trabalhando até o momento de ser interrompido para que fosse fotografado). Podemos depreender por essa imagem que há tarefas (muitas) sendo desenvolvidas por aqueles que, antes, quase não eram contemplados pelas vagas de secretariado nas empresas.

Há ainda a construção de um *ethos* de profissional satisfeito, feliz com o ofício. É apresentada, assim, como positiva a perspectiva de atuação masculina nessa carreira. Paralelamente à representação dos homens contentes, sorrindo, há a construção de um *ethos* de comprometimento: a cena sugere-nos que eles estão trabalhando. É possível inferirmos também que nessa publicação o sorriso figura mais para estampar a felicidade de se estar atuando como secretário do que para sinalizar simpatia, diferentemente do que observamos em algumas capas anteriores. Observamos, além disso, os *ethé* de jovialidade, formalidade e boa aparência.

No que se refere à revista e à Fenassec, podemos falar em *ethé* de inclusão e de tolerância, dada a representação de um grupo minoritário no exemplar. É possível

³³ Em São Paulo, no ano de 2004, por exemplo, uma pesquisa apontou que, dos cerca de 800 mil profissionais de secretariado (dois milhões no Brasil, na época), apenas 10% eram homens. Fonte: <http://www.betedelia.com.br/artigo15.htm>. Acesso em 03 de agosto de 2011.

fazermos uma associação entre esses *ethé* e a cor branca das letras que estampam tanto o nome do periódico como o enunciado-tema nessa edição. O fato é que tal cor, consoante Pastoureau (2005), relaciona-se à idéia de paz, sendo, assim, pertinente seu uso ao apresentar a *Excelência* (e a Federação) como complacente em relação às minorias.

O principal efeito patêmico visado é suscitar no público masculino uma identificação com a profissão. Ademais, divulgar esse novo nicho de atuação para os profissionais homens pode despertar o interesse em comprar e ler a revista. No que tange às leitoras, é possível dizer que a temática, apresentada em caráter de inovação, pode motivar a aquisição do exemplar.

3.1.8.3. Organização Enunciativa

Esta edição traz somente o enunciado-tema: “Homens no secretariado”. Esse ato delocutivo impõe-se como uma asserção, a qual pode ser relacionada à modalidade de “constatação” de Charaudeau (2009, p.101).

Os dizeres dialogam com a imagem da capa no sentido de apontarem as personagens como dois secretários (e não um secretário e um executivo, por exemplo, como vimos na análise do estrato icônico). Podemos depreender que esse enunciado contribui para atrair o público masculino a ler/comprar a publicação, posto que é veiculado um “novo” nicho de mercado para homens (brancos e negros).

3.1.9. Análise da Capa IX



Figura 13: Capa IX

3.1.9.1. Dimensão Técnica

Com relação ao aspecto cromático, têm destaque o verde e o preto. Notamos que, diferentemente das capas anteriores, os tons que compõem a vestimenta da personagem neste exemplar são bastante escuros, carregados, acentuados. De acordo com Guimarães (2000), a cor preta, em nossa cultura, está ligada às idéias de respeito e autoridade. No contexto desta edição, entendemos que tal cor contribui para a construção de uma imagem de seriedade, comprometimento e responsabilidade, tanto no que tange à federação como no que se refere à secretária. Também integram a capa, em menor evidência, o bege claro (do computador), o branco (do fundo da cena) e o marrom (observado tanto nos móveis – mesa e cadeira – em cena como na grafia do nome da revista).

A luz centra-se no rosto da figura feminina, realçando-a. Corrobora para enfatizá-la o contraste da tonalidade escura de sua roupa com a gradação clara do

cenário, além do fato de vir posicionada ao lado direito, bem próxima do centro da capa, em uma extensão que ocupa quase metade da folha.

O computador, apesar de estar mais à frente e, portanto, mais imediato em relação ao Tui, é alocado na parte inferior da página, o que pode levar o leitor a não direcionar o olhar, em um primeiro momento, para aquele equipamento, mas, de fato, para a mulher que estampa a publicação.

Esta edição traz como particularidade duas molduras: uma, demarcada pelo contorno da capa; outra, delineada pelo enquadramento conferido pela cadeira. A função abstrata daquelas relaciona-se, respectivamente, a encerrar a descrição da imagem e a atribuir destaque à figura da profissional.

3.1.9.2. Dimensão Discursiva

O modo de organização discursivo aqui predominante é o descritivo, uma vez que a imagem presta-se a exemplificar o tema da edição.

Ao visualizarmos inicialmente a mulher estampada na revista, poderíamos pensar tratar-se ou de uma secretária ou de uma secretária executiva. Seria possível deduzirmos, ainda, que ela representasse uma recepcionista³⁴. Isso porque o traje com o qual a personagem é apresentada, a própria arrumação dos cabelos e a forma como aparece alocada no posto de trabalho nos remetem aos imaginários relativos também à caracterização desta última classe profissional.

Tal multiplicidade de inferências nos aponta para uma observação peculiar: em nossos imaginários sociodiscursivos as profissões de que falamos acima são por vezes tomadas como sinônimas, haja vista que, imagetivamente, apresentam poucos aspectos de diferenciação, de singularização. Em outras palavras, a maneira como uma secretária (ou uma secretária executiva) e uma recepcionista são socialmente caracterizadas, em termos icônicos, é bastante semelhante, o que nos leva a postular uma ausência de delimitação clara de identidade imagética dentre esses distintos grupos profissionais.

³⁴ A recepcionista é a profissional que recebe clientes ou visitantes em uma empresa. Sua história por vezes é confundida com a da telefonista, visto que seu principal instrumento de trabalho é o telefone. A profissão não possui lei de regulamentação e não demanda formação específica para o exercício. Informação obtida na página: <http://www.brasilprofissoes.com.br/profissoes/recepcionista>. Acesso em 22-02-2012.

No caso deste número da publicação, podemos concluir que a figura feminina representa uma secretária, pelos dizeres que integram a capa: “Secretárias socialmente responsáveis”. Em nosso entendimento, o termo “secretárias” aqui empregado, porém, abarca secretárias e secretárias executivas, haja vista que o assunto responsabilidade social é concernente tanto à primeira quanto à segunda categoria profissional. É possível dizermos que essa utilização da nomenclatura reflete nossas práticas sociodiscursivas, nas quais as duas terminologias são freqüentemente tomadas como análogas.

Identificamos, ainda, ao associarmos o componente lingüístico e o componente imagético, uma relação entre a responsabilidade social, à qual faz menção a frase da capa, e a roupa da personagem. O blazer, vestimenta formal da secretária, figura na cor verde escura, fazendo alusão à responsabilidade ambiental: em nossos imaginários sociais, tal cor refere-se à natureza, ao meio ambiente. Cabe destacarmos que o conceito de responsabilidade ambiental está intrinsecamente ligado ao de responsabilidade social, sendo comum, inclusive, a adoção do termo “responsabilidade sócio-ambiental”³⁵. Observamos, além disso, que o broche da Fenassec, preso à roupa da mulher, também traz a coloração verde, precisamente, na grafia da logomarca da Federação. Podemos inferir que a Fenassec, com isso, estabelece para si o mesmo *ethos* de secretária que ela constrói: um *ethos* de engajamento em assuntos concernentes à sociedade, sobretudo no que tange à questão ecológica. Dito de outra forma, há a veiculação de uma imagem de “secretária-cidadã” e, remetendo à Federação, podemos postular que esta estabelece, paralelamente, uma imagem de “instituição-cidadã”. A nosso ver, corrobora para a construção dessa imagem da Fenassec a cor com qual o nome de sua revista – a *Excelência* – é estampado. Ele vem grafado em marrom, que, em nossos imaginários, é a “cor da terra”, elemento associado à natureza e, por conseguinte, à questão sócio-ambiental.

É possível depreendermos que os imaginários que ancoram a constituição desse *ethos* (de engajamento em assuntos concernentes à sociedade) se referem à atuação profissional em consonância com o bem-estar social, em oposição à realização de um trabalho no qual se vislumbrem somente os lucros gerados para a empresa, os ganhos advindos do emprego ou a ascensão na carreira. No que diz respeito às instituições, tais

³⁵ Para mais informações sobre o assunto ver: SOUSA, Ana Carolina Cardoso. *Responsabilidade Social e Desenvolvimento Sustentável: A incorporação dos Conceitos à Estratégia Empresarial*. 2006. Dissertação (Mestrado em Planejamento Estratégico). UFRJ: Rio de Janeiro/RJ, 2006.

imaginários relacionam-se a desenvolver as atividades atentando-se para um compromisso, um respeito com o meio ambiente e com as demandas sociais.

A nosso ver, a Federação estabelece, ainda, um padrão a ser seguido. Ela institui-se como um modelo de conduta ao assumir uma postura de comprometimento com os valores transmitidos aos profissionais que estão ou almejam adentrar no mercado de trabalho. Além disso, imprimindo sua marca na vestimenta da personagem, a Fenassec constrói uma imagem de alinhamento com as práticas de responsabilidade social das organizações que contrataram ou venham a contratar secretários (particularmente os filiados à Federação).

Entendemos que a revista busca, também, gerar uma identificação do público leitor com a figura feminina nela estampada. Tal figura representa uma profissional da Fenassec, tendo como competência a responsabilidade sócio-ambiental. Esta é tomada, pois, como um atributo da secretária afiliada à Federação, o que nos leva a postular a construção de um *ethos* de profissional diferenciado. Nesse sentido, a característica “socialmente responsável” é apresentada como uma vantagem competitiva no mercado de trabalho, e isso pode despertar no destinatário da publicação a motivação para ler o exemplar, buscar desenvolver essa competência ou até mesmo federar-se à Fenassec. Com relação à designação “socialmente responsável”, é relevante pontuarmos que ela é comumente atribuída a empresas, não a profissionais. No caso desta capa, podemos depreender que conferir tal predicado à secretária autentica a construção de um *ethos* de alinhamento do profissional com as políticas de conduta das organizações.

Notamos, além do mais, a construção de um *ethos* de simplicidade. A profissional aparece com pouca maquiagem e sem jóias, vestida com uma blusa de tecido menos elaborado, mais informal. Em nossa compreensão, essa pouca sofisticação é pautada nos imaginários acerca do “socialmente responsável”: seria como se a profissional assim caracterizada devesse se voltar mais para as demandas da sociedade que se ocupar de artefatos relacionados à aparência. Ainda, o sorriso no rosto nos leva a entender a construção de um *ethos* de benevolência, amabilidade, como uma ligação com caridade, benfeitoria. Acreditamos que isso tenha respaldo na idéia de filantropia, com a qual o conceito de Responsabilidade Social é por vezes confundido.

Constatamos que, apesar de difundir um novo atributo da secretária (a responsabilidade social), o exemplar veicula um antigo imaginário concernente à profissão, que se refere à digitação. Trata-se de uma habilidade técnica que, na atualidade, substituiu a datilografia. Esta marcou toda uma geração de secretárias, em

virtude de a máquina de escrever ter sido, por muitos anos, o instrumento de trabalho dessas profissionais. Para Sabino e Rocha (2004), inclusive, uma designação que o profissional de secretariado teve ao longo da sua história foi a de datilógrafo. Remetendo à contemporaneidade, o computador, em substituição à máquina de escrever, traz à tona um imaginário de secretária como aquela profissional que apenas digita documentos. Contudo, se observamos, por um lado, a construção de um *ethos* de tecnicamente competente, tendo em vista o computador na imagem, por outro notamos a veiculação de um *ethos* de profissional detentora, do mesmo modo, de competências comportamentais, em virtude da própria temática da edição.

Por fim, identificamos os *ethé* de jovialidade, boa aparência e formalidade. Este último parece ser validado pela blusa que compõe a indumentária da secretária. De gola alta e em cor preta, tal traje denota seriedade. E averiguamos, mais uma vez, que os imaginários acerca do gênero, predominantemente feminino, no secretariado são reforçados nesta capa.

Acreditamos que a principal forma de captação dos interlocutores seja o fato de a revista trazer especificamente a questão da responsabilidade social, pois este é um tema em voga e, como várias publicações o veiculam na atualidade, abordá-lo faz com que a Fenassec se mostre atual e engajada com determinadas temáticas e com as novas exigências da sociedade para o mundo corporativo. Além disso, o outro efeito patêmico visado seria gerar nos possíveis leitores da *Excelência* uma identificação com o atributo profissional apresentado, conforme anteriormente dissemos. Tratar dessa característica pode despertar um interesse em tornar-se também um profissional socialmente responsável, o que pode contribuir para a conquista e manutenção de um emprego, haja vista o engajamento e alinhamento com as práticas das empresas. Esses fatores podem, pois, motivar a compra e a leitura da publicação.

3.1.9.3. Organização Enunciativa

Este exemplar também traz exclusivamente um enunciado-tema: “Secretárias socialmente responsáveis”, ato delocutivo, que se trata de uma asserção “aparentemente objetiva”, de acordo Charaudeau (2009, p.83). Em nosso entendimento tal enunciado corrobora para a construção de um *ethos*, da *Excelência* e da Fenassec, de instituições

integradas com valores hoje em dia apreciados não só mercado de trabalho (o conceito está muito em voga na atualidade) como também no contexto da sociedade, uma vez que faz referência à instância cidadã.

Com relação ao profissional de secretariado, podemos depreender uma alusão à sobreposição do indivíduo ao social, no intuito de ajudar a restaurar a sociedade e a mantê-la. De certa forma, é como se a responsabilidade do governo passasse a ser compartilhada com o cidadão. Assim sendo, os dizeres endossam o significado da imagem da capa no sentido de caracterizarem a personagem como responsável socialmente, uma vez que esta é trajada com a cor verde, a qual faz alusão à responsabilidade ambiental (intrinsecamente relacionada à responsabilidade social).

É possível dizermos, ainda, que esse enunciado, ao abordar um novo atributo, ou seja, mais um diferencial para o mercado, motive a compra da publicação. Entendemos que há uma superficialização do tema ao torná-lo um atributo funcional, e não vislumbrá-lo como uma forma de se trabalhar almejando uma transformação radical ou estrutural da sociedade. Ao que nos parece, é veiculado mais um caráter de filantropia que de responsabilidade social.

3.1.10. Análise da Capa X

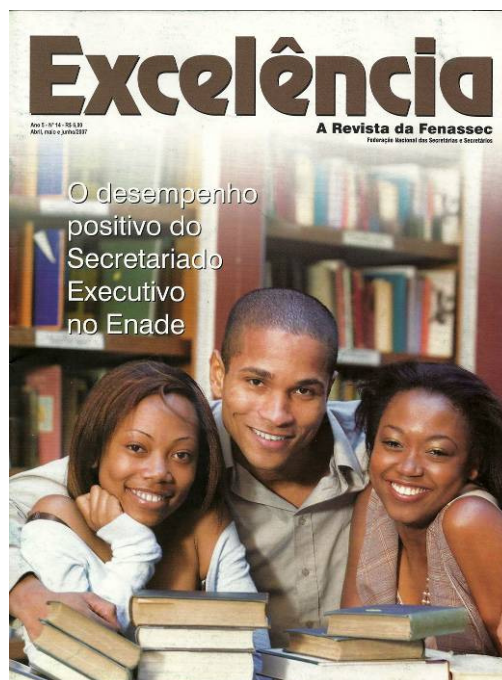


Figura 14: Capa X

3.1.10.1. Dimensão Técnica

Esta revista traz em destaque a tonalidade marrom. Tal tonalidade colore a estante que integra o cenário e as letras que grafam o título da revista, numa aproximação com o tom de pele das três pessoas que estampam a edição. Esse tom é em nossa sociedade caracterizado como afro-descendente, o qual reflete a mestiçagem brasileira. Podem-se identificar, também, as cores branca e cinza claro, nas vestimentas das personagens, além da azul, verde, laranja, lilás, amarela, vermelha e bege, nos livros em evidência, os quais encontram-se tanto dispostos sobre uma espécie de mesa, como alocados no móvel ao fundo. Essas cores figuram todas em tons discretos, pouco chamativos, inclusive, algumas delas cores aparecem como se desfocadas. É possível evidenciarmos, ainda, a padronagem xadrez no tecido da roupa de umas das personagens. Nesse quesito, podemos dizer que as indumentárias das três protagonistas estão em harmonia no que se refere à tonalidade.

A luminosidade incide sobre o rosto dos três indivíduos e, ao que nos parece, ela parte do canto superior esquerdo da imagem, imprimindo realce às personagens. Contribui para ressaltá-las a posição em que foram colocadas na capa: na parte central, ocupando pouco menos da metade da folha. Pode-se dizer que o destaque é conferido, ainda, pela nitidez e clareza da imagem dos protagonistas, diferentemente do aspecto da mobília, ao fundo: em segundo plano, ela aparece como se fora de foco, um pouco embaçada.

Todo esse arranjo não só possibilita enfatizar as personagens, como também permite que se visualize o local onde elas parecem estar – uma biblioteca. Entendemos, desse modo, que o leitor tem seu olhar direcionado, inicialmente, para as pessoas que compõem a revista e, num segundo momento, para a estante que constitui o fundo da imagem. Uma pressuposição possível é que os livros (em cima do que julgamos ser uma mesa) sejam o último ponto sobre o qual o Tui lança seu olhar, uma vez que, embora estejam mais à frente, mais próximos do interpretante, estão dispostos na parte inferior da página.

Destacamos a existência de duas molduras nesta edição: uma delimitada pelo contorno da capa e outra demarcada pelo móvel, no objetivo de delinear a caracterização do cenário.

3.1.10.2. Dimensão Discursiva

Como modo de organização discursivo predominante, apontamos o descritivo, uma vez que a imagem apresenta uma ilustração do assunto da publicação.

Podemos depreender que as três personagens estampadas no exemplar representem três estudantes, especificamente, de algum curso de Secretariado (ou Secretariado Executivo) no Brasil. Essa nossa inferência se baseia, *a priori*, nos imaginários concernentes à caracterização da classe discente, imaginários estes bem díspares dos que se referem à classe profissional do secretariado.

Conforme pudemos observar nas revistas anteriores, secretárias e secretários aparecem sempre trajados com vestimentas formais. No caso das mulheres, geralmente ou o terninho ou *tailleur* figura na composição do vestuário; já para os homens, calça social e camisa com gravata integram a indumentária profissional. Os protagonistas

desta edição, ao contrário, são apresentados em roupas marcadas pela informalidade. A mulher da esquerda usa uma blusa branca de malha, em modelo descerimonioso – inclusive, com os ombros à mostra –, o que, em nossos imaginários sociodiscursivos não coaduna com o traje requerido nas organizações. A figura feminina da direita, por sua vez, utiliza uma espécie de colete, sob o qual parece haver uma camiseta e um colar brancos. Embora o tecido desse colete seja mais encorpado, ele é estampado de xadrez, o que diverge da caracterização, usualmente monocromática, da vestimenta das secretárias, como temos averiguado nas imagens analisadas.

No meio das duas mulheres há um homem vestindo uma blusa de tecido com mangas longas. Esse indumento é um pouco mais formal e, segundo nossos imaginários, pode ser apropriado para utilização no ambiente de trabalho. Contudo, aqui a camisa não vem acompanhada de uma gravata, diferentemente do que constatamos, por exemplo, na capa da publicação VIII, que trouxe figuras masculinas no papel de secretários. Podemos inferir, assim, que o homem deste exemplar também se trata de um estudante, sendo a ausência da gravata um fator a corroborar com uma diferenciação pretendida entre a imagem de um profissional de secretariado e a de um estudante.

Não obstante, nossa hipótese acerca do papel sociodiscursivo do homem nesta edição é confirmada pela própria caracterização do local onde ele figura com as duas mulheres. Trata-se de uma biblioteca, e não do escritório de uma empresa. Primeiramente, os livros sobre uma mesa, à frente das personagens, sentadas, direcionam nessa suposição, ratificada pela imagem ao fundo: há um móvel, que nos remete a uma estante, com várias prateleiras, sobre as quais vários outros livros estão enfileirados, tal como em uma biblioteca. Neste local, em nossos saberes de conhecimento – nossa experiência do mundo vivido –, encontram-se estudantes, não profissionais.

Mas é a frase de chamada da capa que dirime possíveis ambigüidades acerca da compreensão da imagem: “O desempenho do Secretariado Executivo no Enade³⁶”. Entendemos que a revista tratará da performance dos cursos de Secretariado Executivo nesta avaliação, o que é pertinente com a ilustração da capa com personagens representando estudantes, haja vista que são estes que fazem o exame. A conclusão de que são estudantes universitários pauta-se na designação referente ao terceiro grau:

³⁶ O Enade (Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes) é uma avaliação que tem por finalidade analisar o rendimento dos alunos de graduação no Brasil no que se refere aos conteúdos programáticos dos cursos, às habilidades e às competências do estudante. Informação disponível em: <http://portal.inep.gov.br/enade>. Acesso em 30-11-2011.

Secretariado Executivo. Ademais, há o fato de o Enade ser aplicado apenas para alunos de cursos superiores, conforme nossos saberes de conhecimento.

Com relação aos *ethé*, observamos os de informalidade, característica do vestuário estudantil, e de jovialidade. É interessante notarmos os imaginários sociodiscursivos que ancoram esse *ethos* de jovialidade: pautam-se na crença de que todo estudante – universitário – seria jovem. Notamos, ainda, um *ethos* de contentamento. O sorriso estampado no rosto das personagens denota uma alegria, provavelmente, pelo bom desempenho dos estudantes no exame. A Fenassec estabelece, assim, uma imagem positiva da graduação em Secretariado Executivo no Brasil, instituindo um *ethos* de credibilidade do curso, que forma os profissionais por ela representados. Tal credibilidade é respaldada, pois, na autenticação dessa graduação por uma avaliação do governo federal. Em nossa compreensão, a Federação procura com isso desconstruir um imaginário de profissão tecnicista, sem necessidade de qualificação, datado, conforme Sabino e Rocha (2004), da década de 60. Ela busca apresentar uma imagem de valorização da profissão em que o conhecimento no âmbito da academia legitima a importância do ofício de secretariar, tal como na época dos escribas.

No que se refere à imagem de si, a Fenassec institui um *ethos* de engajamento em assuntos alusivos também ao meio acadêmico, e não apenas ao meio profissional. Com isso, ela acaba por agregar ao seu Tud universitários e docentes. Além do mais, é possível depreendermos que a Federação constrói um *ethos* de comprometimento com a divulgação de dados concernentes à formação dos profissionais que atuam ou almejam adentrar na profissão.

Evidenciamos, ainda, a construção de *ethos* de dedicação. Esta se refere ao discente de Secretariado Executivo, concebido pela publicação como comprometido com os estudos. Desse modo, segundo a revista, o empenho dos alunos do curso seria um fator determinante de êxito no exame. A nosso ver, o número de livros sobre a mesa ancora essa imagem de estudante aplicado.

É relevante destacarmos a representação do estudante do sexo masculino na área Secretariado Executivo. Podemos entender como uma tentativa de desconstrução de um imaginário de profissão exclusivamente feminina. No que tange ao gênero, de fato, pouco se fala em “secretários”. De acordo com o Sindicato das Secretárias e Secretários do Estado de Minas Gerais – SINDSEMG –, o percentual de homens no secretariado é

de 10% do total de profissionais.³⁷ Além disso, também podemos depreender que a revista busca representar a adentrada dos homens nos cursos de Secretariado Executivo no país. Embora em número ainda bem inferior ao de mulheres, tem aumentado a presença masculina nessa graduação. Segundo dados obtidos junto à coordenação do curso de Secretariado Executivo Trilíngüe da Universidade Federal de Viçosa (em Viçosa, Minas Gerais)³⁸, dos 113 alunos matriculados em tal curso, até dezembro de 2011, 25 eram homens, ou seja, aproximadamente 22% do total de discentes. Em contrapartida, dos 255 egressos desta graduação, até o primeiro semestre de 2011, 19% eram homens, representando, pois, 7,45%. Observamos, assim, pelo confronto desses dados, uma busca crescente de pessoas do sexo masculino por essa formação.

Mas, se por um lado há um *ethos* de inclusão sendo construído nesta capa, por outro, vale ressaltar, evidencia-se a predominância das mulheres em tal mercado, uma vez que duas – o dobro – figuram ao lado da figura masculina. Notamos também a idéia de inclusão com relação à etnia. Os indivíduos que integram o exemplar são todos, ao que nos parece, afro-descendentes. Dos exemplares que analisamos, é o segundo que traz uma etnia que não a branca estampando-o. Em nosso entendimento, corrobora para essa imagem de inclusão a aproximação entre o tom do móvel e o da pele das personagens.

Como efeitos patêmicos visados, acreditamos que o primeiro seja despertar nos possíveis leitores um interesse pelas informações acerca da formação em Secretariado Executivo no Brasil. Tais informações poderiam auxiliar tanto profissionais que já atuam como aqueles que almejam adentrar na profissão. O segundo efeito, entendemos, seria atrair a atenção de universitários e docentes para a revista, haja vista a abordagem de assuntos referentes ao meio acadêmico (e não só ao meio profissional). Tudo isso poderá implicar numa identificação desses leitores com a publicação, os quais possivelmente irão adquirir e ler o exemplar.

³⁷ Dado retirado site: <http://www.sindsemg.com.br/historia.htm>. Acesso em 01-12-2011.

³⁸ Informação obtida por e-mail: coordenasec@ufv.br em 04-12-2011.

3.1.10.3. Organização Enunciativa

Novamente observamos uma capa que traz somente o enunciado-tema, veiculado como ato delocutivo. Sob os dizeres “O desempenho positivo do Secretariado Executivo no Enade”, uma asserção relacionada à modalidade de afirmação-confirmação é apresentada. Contudo, é possível dizermos que há também uma apreciação no enunciado, dado o emprego do qualificador “positivo”. Esse dado lingüístico contribui, inclusive, para a construção de um *ethos* de curso bem sucedido e de estudantes competentes, sendo ratificado pelo sorriso das personagens em cena (o que aponta para o diálogo entre texto e imagem).

Há, pois, uma alusão ao conhecimento científico como qualificador da profissão, ou seja, esta é mostrada como uma ocupação que requer estudo e, portanto, não pode (ou não deve) ser desempenhada por um profissional sem formação. Esse estatuto científico busca, ainda, legitimá-la como área de conhecimento.

Conforme observamos acima, o enunciado direciona e corrobora para os efeitos de sentido da capa. A representação icônica de estudantes e do meio acadêmico, diferentemente da imagem de profissionais e do ambiente de trabalho, pode ser confirmada pelo enunciado estampado no exemplar.

3.1.11. Análise da Capa XI

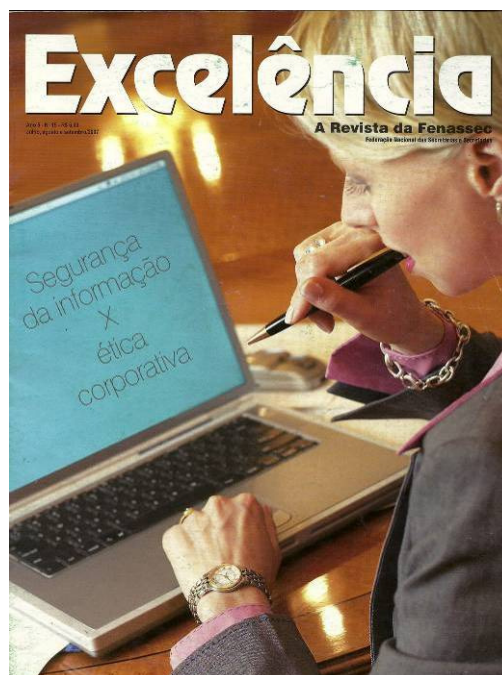


Figura 15: Capa XI

3.1.11.1. Dimensão Técnica

Os tons que se destacam na capa desta edição são o azul, que colore a tela do *laptop*, e uma espécie de laranja claro, que abrange tanto o fundo da imagem como a mesa em cena. Observamos, além disso, as cores cinza, rosa, preta e branca, presentes na vestimenta da figura feminina, no teclado do *notebook* e num móvel ao lado direito da personagem. O branco aparece, ainda, nas letras que constituem o nome da revista.

Com relação à luminosidade, entendemos que ela se centraliza no equipamento com o qual a mulher parece trabalhar. Nossa inferência se baseia na existência de uma sombra logo à frente do computador, a qual seria decorrente da iluminação sobre a máquina. Podemos dizer que, além dessa luminosidade, a cor da tela do *notebook* – em nuance forte, chamativa – colabora para conferir destaque para a temática do exemplar, materializada lingüisticamente na frase de chamada “Segurança da informação x ética corporativa”.

Entretanto, embora a tela o *notebook* seja o ponto em evidência, é interessante notarmos que a figura feminina também é ressaltada na capa. Postulamos isso fundamentados no fato dela estar em primeiro plano e na nitidez da imagem da personagem, ao contrário do fundo da cena, que figura como se embaçado – inclusive, sobre o que julgamos ser um móvel branco, há uma espécie de telefone celular, mas não há como confirmarmos nossa hipótese justamente pelo aspecto embaciado, pouco nítido desta imagem. A nosso ver, essa configuração da capa possibilita, pois, enfatizar a tela com o assunto da edição e, paralelamente, tornar perceptível a protagonista da cena.

Podemos dizer, ainda, que a tela atrai a atenção do leitor, tornando-se, portanto, o alvo da visualização na capa. Em segundo instante é que, em nossa percepção, seria observada a figura feminina.

Identificamos duas molduras nesta publicação. A primeira, demarcada pelo contorno da capa; já a segunda, definida pelo *notebook*, teria por objetivo conferir destaque à frase de chamada da revista.

3.1.11.2. Dimensão Discursiva

Neste exemplar, o modo de organização discursivo predominante também é o descritivo, já que a imagem ilustra a temática da edição.

Podemos deduzir que a figura feminina estampada na capa represente uma secretária ou uma secretária executiva. É possível inferirmos, ainda, que se trata de uma administradora.

Nossas suposições pautam-se na vestimenta e nos acessórios que compõem a personagem, bem como na forma como é configurado seu posto de trabalho: equipado com *notebook* e uma espécie de celular. Em nossos imaginários sociodiscursivos, essa caracterização traz à tona a imagem também de uma administradora, o que abre possibilidade para a ambigüidade de hipóteses acerca do papel que a mulher representa nesta capa.

No que se refere à secretária, a automação dos escritórios, nos anos 90, acarretou em diversas mudanças com relação à atuação profissional, uma vez que a partir de tal década, as secretárias passaram a ter mais autonomia no trabalho. Segundo Martins *et*

alii (2006, p.7)³⁹, as empresas começaram a buscar profissionais “com um perfil mais empreendedor, polivalente, atualizada” (*sic*). Ainda, de acordo com Sabino e Rocha (2004), o secretário na contemporaneidade passa a atuar como assessor, gestor, empreendedor e consultor, o que nos confirma uma aproximação com o papel desempenhado pelos administradores nas empresas. Em nossa compreensão, essa aproximação se traduz, pois, nos imaginários referentes, inclusive, à representação icônica de ambas as profissões.

Assim sendo, voltando à nossa capa, não há como saber se a figura feminina se trata de uma secretária ou de uma administradora, haja vista que, em nossas representações, ambas as profissões guardam semelhanças em termos imagéticos, conforme anteriormente o dissemos.

O componente lingüístico, neste exemplar, não esclarece a ambigüidade, ou seja, não subsidia nossa compreensão acerca da imagem, diferentemente do que observamos nas publicações até agora analisadas. Nestas, de alguma forma, a frase de chamada direciona nosso entendimento, mas aqui o fato é que os dizeres da capa podem se relacionar tanto à profissão de secretário quanto à de administrador: “Segurança da informação x ética corporativa”.

Contudo, é possível pensarmos que, em virtude de a *Excelência* ser uma publicação voltada para profissionais de secretariado, a personagem estampada represente uma secretária (ou uma secretária executiva). Mas, voltamos a ressaltar: não podemos ratificar essa suposição, pois o aporte verbal não nos possibilita uma ancoragem para as conclusões acerca da representação da imagem.

Nesse ponto é relevante destacarmos a aproximação que a revista faz da figura do secretário com a do administrador. A nosso ver, ao lançar mão disso o exemplar busca engrandecer o primeiro grupo, posto que lhe confere *status*, poder. É que em nossos imaginários estes são atributos ligados a chefes – administradores – e atrelá-los a secretários corrobora para criar uma imagem de valorização da profissão.

Com relação aos *ethé*, identificamos, inicialmente, o de credibilidade, no tocante à revista e à Federação. Isso porque o branco com o qual o título da publicação é grafado nos remete às idéias de confiabilidade e verdade, qualidades esperadas, em nossos imaginários, desse tipo de fonte de informação. A temática da edição,

³⁹ MARTINS, Cibele Barsalini *et alii*. A Importância da Educação para a Evolução do Profissional em Secretariado Executivo no Mercado de Trabalho Globalizado. 2006. Artigo científico classificado em terceiro lugar para apresentação no XV CONSECO: Florianópolis/SC, 2006. Disponível em: http://www.fenassec.com.br/pdf/artigos_trab_cientificos_xvconsec_3lugar.pdf. Acesso em 02-12-2011

“Segurança da informação x ética corporativa”, também nos aponta para a constituição de outro *ethos*. Em nosso ponto de vista, abordar esse assunto cria uma imagem de ambientação da Fenassec com as demandas do mundo corporativo. Com isso, ela se mostra filiada a só tempo às instituições e ao secretário, fazendo *link* entre dois mundos: o institucional e o profissional.

Podemos falar também de um *ethos* de formalidade, dada a vestimenta da personagem. O blazer cinza, por metonímia, nos remete a um *tailleur* ou a um terninho, indumentárias femininas apropriadas para o trabalho em escritórios. Essa cor, neutra, relaciona-se a uma idéia de sobriedade, o que colabora com a construção de uma imagem de profissional da figura feminina.

A camisa de tecido, por dentro do blazer, corrobora para essa formalidade. Notadamente com relação à sua cor, rosa, é interessante notarmos que ela está associada, em nossos imaginários sociodiscursivos, ao feminino. Tal cor se configura, pois, ao que nos parece, como uma forma de marcar o gênero feminino no espaço andrógino da roupa corporativa.

Podemos depreender que há a construção de um *ethos* de profissional ética nesta capa da revista. No contexto empresarial a ética se traduz em conduta exemplar, de forma não danosa nem à corporação nem à sociedade, respeitando-se as normas institucionais. Em nossa compreensão, a relação entre ética e ética corporativa (conforme a frase da capa), se dá no sentido de a ética da empresa ser vislumbrada como uma ética coletiva, que considera os comportamentos – éticos – individuais de seus membros (o que inclui, portanto, a secretária).

No que tange ao azul, da tela do *laptop*, trata-se, segundo nossos imaginários, de uma cor fria, a qual remete a segurança, confiança, lealdade⁴⁰. Ilustrar a tela com tal coloração, tendo a frase de chamada sobre ela, faz-se pertinente, pois, com a alusão à “segurança da informação”. Entendemos, com isso, a construção de um *ethos* de confiabilidade. No que se refere ao profissional de secretariado, esta se relaciona com a discricção, um predicado requerido do secretário desde a antigüidade. Etimologicamente, inclusive, a palavra secretário faz referência a secreto, guardador de segredos. É possível dizermos que esse *ethos* de confiabilidade, assim como o de profissional ética, ancora-se nos imaginários concernentes a uma atuação profissional comprometida com as condutas e com os valores preconizados pelas empresas na atualidade.

⁴⁰ <http://www.mundoeducacao.com.br/artes/significado-das-cores.htm>. Acesso em 02-12-2011

Enfim, identificamos também os *ethé* de jovialidade, boa aparência e modernidade, este último, dadas as figuras do *laptop* e do que julgamos ser um celular em cena. No que diz respeito à imagem da secretária, poderíamos falar, ainda, em certa autonomia, já que o caráter de mobilidade dos equipamentos com os quais ela figura trabalhando torna possível realizar tarefas em outros locais, e não somente em um determinado posto de trabalho.

Verificamos, novamente, que os imaginários acerca do gênero predominantemente feminino no secretariado são reafirmados neste exemplar.

Como efeito patêmico visado, destacamos o de gerar nos leitores da publicação uma motivação para o conhecimento do assunto apresentado, visto que é concernente não apenas à conquista, como também à manutenção de uma colocação no mercado de trabalho. Entendemos a frase de chamada da capa como convidativa para a leitura do exemplar.

3.1.11.3. Organização Enunciativa

Configurada na dimensão lingüística apenas com o enunciado-tema, a capa XI tem a particularidade de trazer o estrato verbal inserido na imagem como se fosse um elemento desta. Os dizeres estão alocados na tela do *notebook*, nela enquadrados de forma harmônica, ou seja, sem um destaque de cor, formato e tamanho das letras, remetendo-nos a uma espécie de texto formal digitado.

O ato delocutivo em cena caracteriza a asserção assim configurada: “Segurança da informação x ética corporativa”. A nosso ver, o diálogo entre verbal e icônico nesta edição se dá na associação que se pode estabelecer entre o *notebook* e o termo “informação” (afinal, aquele é o meio em que se trabalham os dados das organizações), e entre o cenário (um ambiente empresarial) e a palavra “corporativa”, associações estas que ancoram nossa compreensão acerca do porquê daquela imagem naquela capa.

Entendemos, ainda, haver uma alusão a um atributo valorizado no mercado de trabalho, a ética, mas uma ética para a empresa, reduzida à confidencialidade no que tange aos interesses das organizações.

3.1.12. Análise da Capa XII

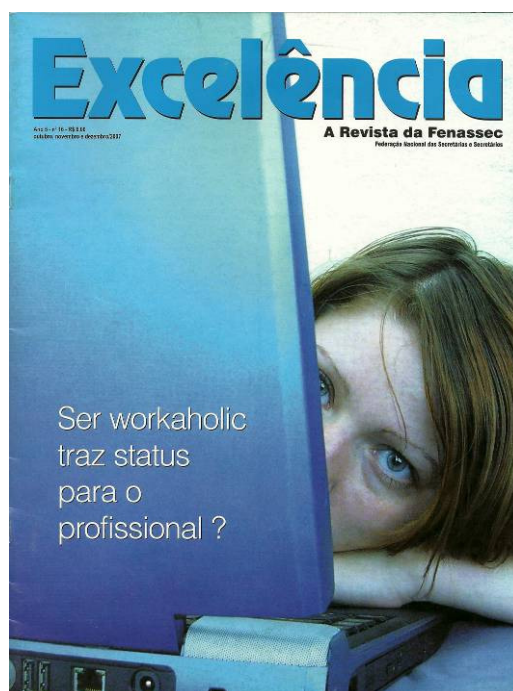


Figura 16: Capa XII

3.1.12.1. Dimensão Técnica

Nesta edição observamos uma predominância das tonalidades branca, constituindo o fundo da imagem, e azul, colorindo o *laptop* em cena e a alcinha da revista. É possível notarmos ainda os tons cinza e preto, respectivamente, na mesa e no teclado do equipamento.

No que diz respeito à luminosidade, esta parece advir do canto esquerdo superior, mesmo porque a cor do *laptop* figura clareada em determinado ponto, sendo marcadas duas nuances – clara e escura – na composição cromática daquele.

A nosso ver duas molduras integram este exemplar. A primeira é a delimitada pelo contorno da capa; a segunda, por sua vez, é a moldada pelo *laptop*, com a função de marcar o espaço da personagem, focalizando-a.

3.1.12.2. Dimensão Discursiva

Como modo de organização discursivo dominante temos o descritivo, visto que a imagem ilustra o enunciado-tema da revista.

Esta capa traz a particularidade de mostrar apenas o rosto da figura feminina que a estampa, de modo que não podemos asseverar se tal figura representa uma secretária ou uma profissional de outra área. Ademais, a temática da edição (o assunto *workaholic*⁴¹) pode se referir a qualquer indivíduo do mundo corporativo moderno. No entanto, em virtude de tal imagem ser veiculada em uma publicação para o secretariado, pode-se depreender que a mulher em evidência represente um membro dessa categoria.

É relevante enfatizarmos que, assim como na capa I, o azul nesta publicação nos remete a uma cor fria, em alusão aos imaginários sociodiscursivos acerca do profissional *workaholic*: este é caracterizado pelo estado de abatimento, prostração, esgotamento e exaustão decorrentes do trabalho excessivo, o que se corrobora pelo aspecto físico com o qual a protagonista em cena é apresentada. É possível visualizarmos apenas parte do rosto da personagem, estando evidenciados seus olhos, mas o modo como estes se apresentam, além do fato de a mulher aparecer deitada, direciona nossas interpretações acerca do estado em que ela se encontra. Isso se confirma, ainda, pelo azul referindo-se às noções de nostalgia e melancolia, conforme Pastoreau (2005), sendo pertinente, pois, seu uso nesta imagem.

Neste número da revista, há a construção de um *ethos* de secretária trabalhadora, dedicada ao emprego. É possível dizermos que tal *ethos* se ancora nos imaginários de que trabalhar muito seja algo valorizado, desejável para as empresas hoje. Entendemos que abordar a temática do labor excessivo talvez seja um alerta para que a secretária não se torne uma *workaholic*. Em outras palavras, a *Excelência* busca colocar em xeque se de fato a dedicação descomedida à realização de tarefas agrega valor ao profissional, se realmente o faz se destacar, ser reconhecido nas organizações. No que se refere ao *laptop*, entendemos que sua imagem corrobora para essa representação de trabalhadora, em virtude dele ser a ferramenta com a qual a profissional opera. Cabe destacar que os dizeres inseridos na figura do *laptop* como se fossem um elemento desta fazem com que a mulher, do lado oposto, seja o que se evidencia na capa.

⁴¹ Expressão que designa um indivíduo viciado em trabalho. Informação obtida na página eletrônica: <http://www.rhportal.com.br/workaholic.htm>. Acesso em 14-02-2012.

No que se refere ao gênero, mais uma vez a profissão é categorizada como eminentemente feminina. Não obstante, revista e Federação constroem de si um *ethos* de atentas em trazer uma reflexão acerca de uma situação passível de acontecer a qualquer profissional, notadamente, ao de secretariado.

O principal efeito patêmico visado, acreditamos, é causar certo incômodo no Tui, no sentido de despertar uma ponderação sobre o assunto. Há, nesse caso, uma injunção para que o potencial leitor avalie se trabalhar demasiadamente (o que *a priori* seria apreciado pelas empresas, conforme nossos imaginários) de fato vale a pena. Em nossa compreensão, há, assim, uma persuasão para que se compre e leia a revista, ainda porque a frase de chamada figura em forma de pergunta, como que convidativa para se tomar ciência da resposta.

3.1.12.3. Organização Enunciativa

Esta capa traz apenas o enunciado-tema, expresso sob os dizeres “Ser workaholic traz status para o profissional?”, num ato delocutivo. Apesar de ser veiculado em formato interrogativo, não traz um implicamento do Tui: a questão é colocada em terceira pessoa gramatical – “o profissional” –, ele, de quem se fala.

A associação entre lingüístico e icônico neste exemplar se dá pelo fato de o termo *workaholic* apontar o motivo daquela configuração imagética da capa. É mostrada, nesse ínterim, uma conseqüência de ser viciado em trabalho.

3.1.13. Análise da Capa XIII



Figura 17: Capa XIII

3.1.13.1. Dimensão Técnica

Na capa XIII destacam-se os tons cinza escuro, na composição do fundo da imagem; preto, na coloração da roupa da protagonista e da agenda que ela segura; além do branco, realçando os papéis que integram não só o instrumento de trabalho em cena como também o nome da revista (situado, especificamente neste exemplar, na parte inferior da página). É curioso notarmos que essa profusão de tons sóbrios, como o cinza e o preto, nos remete à idéia de autoridade, a qual se relaciona, a nosso ver, à institucionalização evocada pela proposta de criação do Conselho de Secretariado. Outro ponto interessante observado é que este é o único exemplar por nós analisado que traz uma personagem ruiva estampando-o. Em nosso entendimento, valer-se dessa variação do vermelho pode coadunar com a imagem de mudança que o termo “luta” carrega, tal qual averiguamos na capa II.

No que diz tange à luminosidade, em nosso entendimento, ela parece incidir do canto superior direito, pois o rosto da figura feminina apresenta-se como clarificado por um foco de luz. Tanto o semblante da personagem como a agenda em suas mãos são destacados nesta edição.

Podemos depreender que três molduras compõem a configuração icônica deste exemplar. A primeira é a delimitada pelo entorno da capa; já a segunda é a delineada pela agenda (notadamente pela frente desta). A terceira, por sua vez, é a definida pelo que podemos denominar de “verso” da agenda, sob o qual, inclusive, tem lugar o bloco de papel, como parte dela. A função das duas últimas molduras seria desenhar a ferramenta de marcação de compromissos, representando uma das atribuições da secretária.

3.1.13.2. Dimensão Discursiva

O modo de organização discursivo em ênfase aqui é o descritivo, já que a imagem ilustra a temática da publicação.

Nesta capa podemos visualizar, além do rosto da protagonista, parte da vestimenta com o qual ela é trajada. A nosso ver, trata-se de um blazer ou de uma camisa de tecido preta, o que, juntamente com a agenda, nos leva a depreender que é uma secretária a estampar a edição. Em nossos imaginários, qualquer uma das duas indumentárias assinala o vestuário dessa profissional, haja vista que ambas remetem à formalidade típica do ambiente corporativo. Já a agenda representa um instrumento de trabalho característico de uma secretária, mesmo porque, conforme a lei de regulamentação da profissão, registrar compromissos é uma das atribuições da profissional – especificamente da Técnica em Secretariado, com formação em nível de segundo grau⁴².

O preto nesta imagem ancora a construção de um *ethos* de elegância, além de trazer uma idéia de autoridade, a qual é corroborada pelos dizeres: “Conselho de Secretariado: a luta pela criação nos gabinetes ministeriais”. Tal conselho é uma instituição que em nossa sociedade sinaliza comando, poder, soberania. É possível

⁴² Conforme lei 7.377/85, complementada pela 9.261/96. Disponível no site: http://fenassec.com.br/b_osecretariado_lei_regulamentacao.html#lei. Acesso em 15-02-2012.

estabelecermos, ainda, uma associação entre a agenda, na composição da imagem, e o termo verbal “gabinetes ministeriais”. Estes dizem respeito a órgãos públicos, que, em nossos imaginários, são comumente atrelados a algo marcado como arcaico, obsoleto, desatualizado, tal como a agenda impressa nas empresas da atualidade. Essa nossa associação se baseia, pois, no fato de que como instrumento de trabalho neste número não foi estampado um *laptop* ou um celular, por exemplo, equipamentos modernos que, inclusive, também trazem aquela ferramenta dentre seus aplicativos.

A agenda tradicional nos leva a inferir que trata-se da representação de uma secretária e não de uma secretária executiva, posto que agendar atividades é uma tarefa concernente à primeira. Ancorados nessa observação podemos postular a construção de um *ethos* de tecnicista, de secretária executora de tarefas que não relacionadas a tomada de decisões. É curioso notarmos aqui outra relação com “gabinetes ministeriais”, agora com secretárias técnicas: em nosso entendimento são refletidos nessa aproximação os imaginários de “engessamento” relativos às instituições governamentais, como se predicados ligados a modernidade e a atributos gerenciais de eficácia, valorizados no mundo empresarial, não fizessem parte do primeiro setor.

O cinza ao fundo da imagem nos remete à sobriedade, numa referência ao contexto institucional, e o fato de uma mulher representar um profissional de secretariado corrobora a concepção dessa carreira como majoritariamente feminina. Associados à figura feminina podemos elencar os *ethé* de jovialidade e boa aparência.

No que se refere à Fenassec, esta institui de si os *ethé* de engajada nas causas da classe, empenhada, atuante e responsável por batalhar pelos interesses da categoria que representa – dado, inclusive, o uso do componente lingüístico “luta”. Com relação à revista, esta constrói de si um *ethos* de cumpridora do seu papel de informar, de dar ciência das notícias ao leitor e de divulgar assuntos que dizem respeito às ações da Federação.

É curioso apenas destacarmos que esta é a única capa por nós analisada que traz o nome da publicação na parte inferior da página. Em todas as outras, o termo *Excelência* e os demais elementos de identificação do exemplar figuram na parte de cima da folha. É possível deprendermos que o objetivo disso seja destacar tanto a mulher da imagem como os dizeres que integram a capa, principalmente porque ambos, estando na linha de visão do Tud, ficam mais notórios. Possivelmente, no caso do foco nos dizeres, o propósito seja evidenciar a atuação a Federação, a qual mostra se esforçar para atender as demandas da profissão de secretariado no Brasil.

Em nossa compreensão, o principal efeito patêmico visado é o de despertar o interesse do Tud em tomar conhecimento das ações da Federação, principalmente porque tais ações são concernentes à ocupação que o possível leitor exerce. Nesse sentido, ele é persuadido a adquirir e ler a edição.

3.1.13.3. Organização Enunciativa

Esta edição traz apenas o enunciado-tema: “Conselho de Secretariado: a luta pela criação nos gabinetes ministeriais”, configurando-se com um ato delocutivo em asserção, pois nem locutor nem interlocutor são implicados no dizer.

Entendemos que o componente lingüístico nesta publicação aponta para a compreensão acerca do texto icônico: é representada uma profissional que, em tese, estaria assistida pelo Conselho, daí a relevância de figurar na capa.

3.1.14. Análise da Capa XIV



Figura 18: Capa XIV

3.1.14.1. Dimensão Técnica

As cores que compõem este exemplar são a azul marinho – que, por sinal, se destaca tanto pela extensão que ocupa na página como pelo contraste com o fundo da imagem – e a cinza – a qual, em nuance clara, está presente no *palmtop*, na composição da cena e nas letras que descrevem o nome da publicação (aqui, em uma gradação um pouco diferente, como se tendesse a um branco). Notamos, ainda, a cor branca, da pele da mão da personagem.

Quanto à luminosidade, esta parece incidir do canto direito superior em direção à mão que opera o equipamento eletrônico, conferindo destaque a essa parte do corpo, assim como ao aparelho. Colabora para tal destaque a clareza da imagem nestes dois pontos que ressaltamos, ao contrário da personagem, que figura embaçada, fora de foco (aliás, nem mesmo o rosto aparece, somente é possível vermos o tronco do protagonista).

Podemos postular a existência de três molduras abstratas nesta edição. A primeira é delimitada pelo contorno da capa. As outras podem ser vistas no *palmtop*: uma, demarcando o equipamento; outra, delineando sua tela. A função destas duas seria configurar o desenho do aparelho, corroborando para o reconhecimento deste por parte do leitor.

3.1.14.2. Dimensão Discursiva

O modo de organização discursivo dominante é, novamente, o descritivo, posto que a imagem presta-se a explicar a matéria da publicação.

A partir da visualização da mão que opera o equipamento em cena, concluímos que a personagem desta capa é um homem. Podemos postular que tal homem representa um Secretário Executivo, haja vista a frase que estampa o exemplar: “A tecnologia a serviço do Secretariado Executivo”. Esses dizeres direcionam nossa compreensão, dirimindo possíveis ambigüidades com relação à representação da figura masculina na edição. Cabe apenas destacarmos que uma possibilidade seria vislumbrar tal figura como um estudante (homem) da graduação, e os dizeres, nesse caso, não esclareceriam a dúvida, pois o termo citado é “Secretariado”, e não “Secretário”. Contudo, a vestimenta da personagem, formal, clarifica o entendimento: em nossas representações tal traje é característico de profissionais, não de estudantes.

A indumentária da figura masculina ancora a construção de um *ethos* de formalidade: embora a imagem esteja um pouco desfocada, entendemos tratar-se de um terno. A cor azul marinho pode apresentar vários significados. Cabe ressaltarmos que, segundo Guimarães (2004), uma cor nem sempre terá o mesmo significado: o contexto cultural, a situação e a intenção de comunicação influenciam e determinam os efeitos de sentido que ela trará em determinada imagem. Assim sendo, postula esse autor, não há um significado rígido para as cores, visto que uma mesma cor pode ser associada a várias acepções. Entendemos, dessa forma, que nesta situação de comunicação a cor azul marinho denota “autoridade”. A nosso ver, essa autoridade está relacionada ao domínio da tecnologia, uma vez que, além do homem, o *palmtop* é o único elemento que se pode visualizar em cena. Ademais, a própria temática da edição aponta este senão outro efeito de sentido.

A coloração cinza, ao fundo da imagem, compondo o cenário, nos remete ao ambiente moderado, reservado de uma empresa, o que nos leva a entender que a figura masculina está no ambiente de trabalho. Embora em um entretom diferente, essa mesma cor figura na alcunha *Excelência*, colaborando para a construção de um *ethos* de sobriedade da revista e da Federação. Cabe pontuar também o *ethos* de atualizada que ela estabelece, dada a temática da edição, que trata dos usos empresariais e profissionais da tecnologia.

Por um lado, é interessante observarmos que este é o primeiro exemplar que traz um aparelho da tecnologia moderna que não o *laptop* (ou o celular, como vimos anteriormente) estampando-o. Ainda, a representação do domínio dessa tecnologia está aqui associada à figura masculina. É possível dizermos que isso reflete nossos imaginários sociodiscursivos, nos quais as inovações tecnológicas são vislumbradas como concernentes ao universo masculino.

Por outro lado, evidenciamos também que o rosto da personagem não aparece em cena, o que pode trazer à tona mais um imaginário acerca da tecnologia: é como se ela viesse para substituir a figura humana. Contribui para depreendermos isso o fato de a frase da capa registrar “a serviço do Secretariado Executivo”, não do “Secretário Executivo”.

Podemos falar também na constituição de um *ethos* de modernidade, dada a figura do *palmtop* e entendemos, ainda, uma tentativa de desconstrução dos imaginários acerca do gênero predominantemente feminino na profissão.

Como efeito patêmico visado, enfatizamos o de despertar nos leitores da revista um interesse para a matéria apresentada, uma vez que ela trata da formação de uma competência bastante requerida no mercado de trabalho na atualidade: o domínio das novas tecnologias. Provavelmente, é isso o que motivará a aquisição e leitura da revista.

3.1.14.3. Organização Enunciativa

O enunciado-tema é o único componente verbal desta capa, configurando-se como ato delocutivo numa asserção apresentada do seguinte modo: “A tecnologia a serviço do Secretariado Executivo”.

Podemos entender a tecnologia aqui como concernente ao domínio dos recursos tecnológicos, particularmente associada ao profissional de nível superior – foi empregado “Secretariado Executivo”, e não “Secretariado”, que se refere a indivíduos com formação em cursos técnicos ou no Ensino Médio. Destacamos, mais uma vez, o fato de a frase da capa trazer “a serviço do Secretariado Executivo”, no lugar de “Secretário Executivo”: uma menção à área e, paralelamente, um apagamento do profissional.

Como vitrine da publicação, a capa parece indicar, por aqueles dizeres, que no exemplar serão apresentados modernos instrumentos de trabalho, o que se confirma pela imagem do *palmtop* em cena.

3.1.15. Análise da Capa XV



Figura 19: Capa XV

3.1.15.1. Dimensão Técnica

Neste exemplar percebemos uma predominância do chamado efeito sépia, que mostra a imagem num aspecto envelhecido. Entendemos ter sido pertinente a utilização desse efeito dada a própria temática da edição, expressa na frase de chamada “Federação Nacional das Secretárias e Secretários: 20 anos”. Há, pois, uma alusão a uma historicidade, que coaduna justamente com esse aspecto com o qual a capa é ilustrada.

Os tons que podemos identificar nas duas fotografias coloridas que integram a imagem são o verde claro, o preto, o vermelho, o branco, o azul e o marrom. Nas demais, podemos falar em branco e preto, com um efeito de envelhecimento, dada a aparência das fotos. No caso do nome da revista, este é grafado na cor branca, mas, ao que nos parece, também figura como se desgastado pelo tempo.

No que tange à luminosidade, a nosso ver ela incide sobre a foto em que várias mulheres figuram de mãos dadas. É como se a iluminação partisse do canto inferior esquerdo da página, ressaltando essa fotografia.

É interessante ressaltarmos que os outros retratos que aparecem na ilustração também podem ser visualizados de forma nítida, clara pelo Tui, uma vez que nenhum deles aparece como se desfocado, embaciado. A nosso ver, essa configuração da capa valoriza os vários momentos pelos quais a profissão passou. É como se a Fenassec buscasse tornar explícito um registro histórico do secretariado no país.

Este número da revista tem a particularidade de apresentar seis molduras. A primeira seria a demarcada pelo entorno da capa, com a função de encerrar sua descrição. As outras cinco seriam as que caracterizam cada um das fotografias trazidas para ilustrar a publicação. A função dessas molduras seria assinalar, individualizar foto a foto de modo a se instaurar uma narrativa: ao que nos parece, as fotografias contam uma história.

3.1.15.2. Dimensão Discursiva

Constatamos neste exemplar o modo de organização discursivo descritivo, pois a imagem presta-se a explicar a matéria central da publicação. Entendemos, contudo, que figura também o modo de organização narrativo, posto que há uma certa seqüência de acontecimentos sendo retratada, com um “passado *versus* presente” com relação às fotos.

Optamos por trabalhar fotografia a fotografia a fim de construirmos nossas inferências acerca das imagens. Partiremos, assim, da esquerda para a direita da página e de cima para baixo, iniciando nossas análises pelos retratos que remetem ao passado para, depois, abordarmos os que dizem respeito ao presente.

A primeira fotografia traz várias pessoas (predominante do sexo feminino) em um local que parece um auditório, com um homem à frente de pé, atrás de uma mesa, segurando um papel nas mãos como se o estivesse lendo. É possível depreendermos, associando tal configuração à temática da edição, que essa cena refere-se a uma reunião de uma categoria profissional. Uma hipótese seria que essa fotografia representa como se iniciou a mobilização para a criação de uma entidade representativa do profissional de secretariado, ou seja, como foram os primeiros encontros da classe até chegarem à

fundação da Fenassec. A nosso ver, há a construção de um *ethos* de união e empenho, relacionado tanto à Federação como aos seus membros. Esse *ethos*, em nosso entendimento, ancora-se no imaginário de participação maciça (pelo menos em tese) de profissionais em uma reunião da entidade, a fim de que as demandas possam ser levantadas e trabalhadas em conjunto.

Na fotografia que traz uma mulher operando uma máquina de escrever, podemos depreender haver ali a representação de uma secretária de décadas passadas. A máquina de escrever foi por muitos anos o principal instrumento de trabalho desta, sendo, pois, pertinente mostrá-la nessa caracterização da profissional da área. Com relação à figura feminina nesta fotografia, é interessante notarmos que ela não é tão jovem, aparentando ser uma pessoa de uma idade mais madura. Isso traz à tona uma diferença em relação à representação que temos das secretárias até agora analisadas. Estas, caracterizando as secretárias da atualidade, são assinaladas pela jovialidade. No caso da secretária “do passado”, há, pois, a construção de um *ethos* de maturidade. Evidenciamos também uma imagem de boa aparência sendo veiculada. Notamos, ainda, o uso de brincos, colar, relógio e anel, mas o que nos chamou a atenção foi a vestimenta dessa personagem: uma blusa de tecido, e não um blazer, que aponta para um terninho ou *tailleur* (aquela peça foi observada por nós em todas as caracterizações de secretárias das edições anteriores). Em nossa compreensão, à profissional daquela época era atribuído um predicado de feminilidade, o que se respaldava justamente no imaginário de profissão exercida por mulheres. Os trajes atuais, ao contrário, talvez se relacionem menos com essa feminilidade, mesmo porque o terninho, por exemplo, tão utilizado pelas secretárias nas empresas de hoje, faz alusão a uma indumentária do sexo masculino – o terno.

No que tange à outra imagem em aspecto envelhecido, que parece estar cortada, há um grupo de pessoas sentadas em um local que nos remete a um auditório. Podemos entender como mais uma reunião de representação da categoria.

Analisaremos, agora, os retratos coloridos, mas, antes, voltamos a destacar o contraste sépia/colorido na capa: ele nos remete a uma idéia de antigo/atual. O efeito sépia marcaria o momento passado; já o colorido, o momento presente. A disposição desta capa faz alusão, assim, a um imaginário de história da evolução do ofício de secretariar e da federação que representa os profissionais da área.

Na foto em que figuram várias mulheres de mãos dadas e erguidas, há a construção de um *ethos* de união bem-sucedida de profissionais que atuam na Fenassec. Podemos entender aqui uma alusão ao imaginário de que um grupo que desenvolve

trabalho conjunto, visando, no caso, beneficiar toda a categoria, obtém êxito em seu empreendimento. Em outras palavras, há a representação da comemoração de uma conquista, a qual advém, em nossos imaginários acerca de entidades representativas de classe, do trabalho de todas as pessoas nelas envolvidas e da luta por uma causa da categoria profissional. Assim, é construída uma imagem de mulheres engajadas em uma causa.

Nossa dedução acerca do papel das mulheres nesta fotografia fundamenta-se na vestimenta com que figuram: com exceção de uma, todas as outras personagens estão trajadas com blusas e calças iguais (apenas outra mulher é que destoa, com a calça em tom azul). Em nossos imaginários, não se trata da representação de secretárias, visto que a indumentária destas é marcada pela formalidade. A roupa com a qual as mulheres estão vestidas nesta publicação, ao contrário, é assinalada pela informalidade e, relacionando essa característica ao assunto da edição, podemos concluir que sejam, logo, profissionais que trabalham na Federação.

Podemos falar, ainda, na construção de uma imagem de luta, participação e engajamento da Fenassec, além de um *ethos* de federação eficiente: apesar de poucas pessoas nela atuarem, há alcance de resultados. Uma observação importante é que, dentre as figuras representantes da classe, nenhuma é do sexo masculino. Nesse sentido, temos reforçado o imaginário de profissão eminentemente feminina.

A última fotografia é de uma mulher operando um *laptop*. Podemos postular que trata-se da representação de uma secretária da contemporaneidade, em oposição à representação da secretária de décadas passadas, a qual aparece na fotografia com efeito sépia. Da profissional da atualidade é construído um *ethos* de formalidade, tal qual da primeira, mas aqui parece haver uma aproximação com o vestuário masculino. Como o dissemos, o blazer pode nos remeter ao terninho, que traz muitas semelhanças com o terno. A feminilidade fica, pois, como uma característica da secretária do passado, sendo substituída agora pela imagem de profissionalismo e competência. Podemos entender aqui uma tentativa de desconstrução de um imaginário relacionado à “fragilidade feminina”, o que pode ser corroborado pela roupa, em tom escuro, da secretária moderna: o preto traz à tona a idéia de autoridade e respeito. Averiguamos também a construção de um *ethos* de autonomia, dado o caráter de mobilidade do *notebook* (diferentemente da máquina de escrever, sempre presa em um posto de trabalho), além dos *ethé* de modernidade, jovialidade e boa aparência (este último tem sido verificado em todas as imagens por nós analisadas). Por fim, comparando as duas

imagens de secretária (passado *versus* presente), identificamos nas duas o *ethos* de tecnicista. Apenas a tecnologia dos equipamentos de trabalho mudou: *laptop* ou máquina de escrever, o tipo de atividade desempenhada ainda é mostrado como o mesmo.

Acreditamos que o efeito patêmico visado seja atrair os possíveis leitores para se inteirarem da história da Federação, das lutas e conquistas, a fim de que delas eles se sintam partícipes. O público é, assim, convidado a compartilhar dessa construção histórica da federação, apresentada pelas fotos que compõem a capa, posto que a Fenassec é sua entidade representativa, o que possivelmente motivará a aquisição e leitura do exemplar.

3.1.15.3. Organização Enunciativa

Nesta capa podemos evidenciar os três tipos de enunciado na configuração verbal. Todos indicam uma asserção e se apresentam como delocutivos.

A edição traz como enunciado-tema os dizeres “20 anos”, sinalizando que as imagens veiculadas na capa tratam-se de registros de momentos que marcaram duas décadas de história da profissão de Secretariado e da Fenassec. O enunciado-explicativo, “Federação Nacional de Secretárias e Secretários”, corrobora essa interpretação, esclarecendo o enunciado-tema e, por conseqüência, a razão daquelas fotografias: elas ilustram um processo de construção da própria Federação e de desenvolvimento da carreira secretarial.

O enunciativo-informativo, por sua vez, é veiculado como “Edição Especial”. Alocado no canto superior esquerdo da capa, relaciona as outras matérias a serem abordadas na publicação ao termo “especial”, de modo que caracteriza os assuntos daquele número como exclusivos (haja vista a ocasião de festejo).

Os dizeres subsidiam, pois, a nossa compreensão acerca das imagens e a capa divulga não só a revista *Excelência*, como também a federação representativa dos secretários.

3.1.16. Análise da Capa XVI

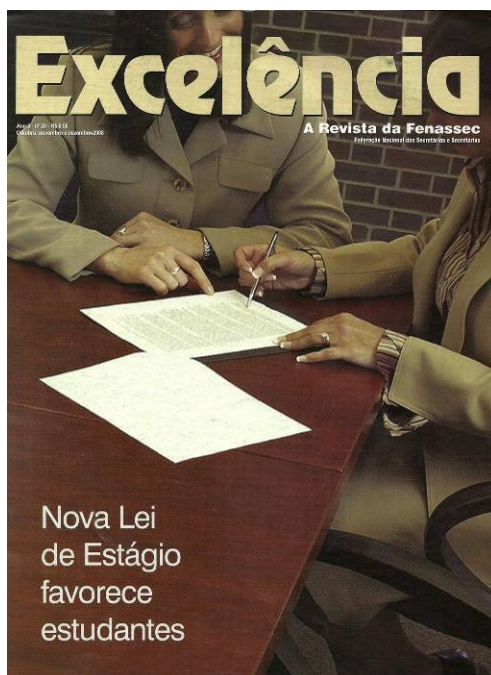


Figura 20: Capa XVI

3.1.16.1. Dimensão Técnica

Nesta capa identificamos, em evidência, as cores bege – das vestimentas das personagens e da nomenclatura da revista – e marrom, da mesa onde as protagonistas parecem trabalhar. Observamos, ainda, a tonalidade branca, que colore os papéis alocados sobre a mesa.

No que diz respeito à luminosidade, esta parece centrar-se estes papéis que figuram em cena, conferindo-lhes realce.

Já com relação às molduras, entendemos haver quatro no exemplar. A primeira seria a do contorno da capa. A segunda seria a delimitada pela mesa, de modo a ressaltar o local onde as duas personagens estampadas trabalham. A terceira e a quarta molduras seriam as que delineiam os papéis sobre o móvel. A função destas duas últimas seria encerrar o desenho dos papéis: em tamanho A4, parecem tratar-se de algum documento

ou de algo que traga muita informação, dada, inclusive, a quantidade de escritos que pode ser visualizada.

3.1.16.2. Dimensão Discursiva

Nesta edição o modo de organização discursivo descritivo é predominante, pois a imagem ilustra o assunto da revista.

Poderíamos pensar tratar-se de duas secretárias em cena, dadas as vestimentas formais que as caracterizam e o fato de as personagens figurarem na revista da Fenassec. Contudo, o componente lingüístico nos leva a descartar essa hipótese. Ao que entendemos, aqui são representadas duas professoras, ou, talvez, uma professora e uma coordenadora de curso. Isso porque a frase de chamada estampada na publicação, “Nova Lei de Estágio favorece estudantes”, associada ao componente imagético (o qual traz um indumento mais comum para um profissional que para um estudante), direciona nossa compreensão.

É interessante observar, contudo, que as professoras são assinaladas com o mesmo traje que caracteriza as secretárias, conforme temos averiguado nos exemplares. A personagem do lado direito usa um *tailleur* (é possível vermos a saia, pela posição da cadeira), já a outra usa um blazer, que nos remete a esta última indumentária ou a um terninho. Podemos entender uma aproximação, feita pela revista, da representação icônica da profissional de Secretariado/Secretariado Executivo com a da docente desses cursos. É possível dizermos, assim, que o *ethos* de formalidade, muito marcante no que se refere à secretária, se estenda para a construção da imagem da professora dessa área. Podemos falar também em um *ethos* de boa aparência: ambas as personagens aparecem de unas feitas, utilizando anéis e relógio. Contudo, não é possível falarmos em jovialidade, uma vez que não conseguimos ver muito bem os rostos das duas personagens.

É admissível falarmos, ainda, na construção de uma imagem de engajamento do docente em Secretariado/Secretariado Executivo, o qual, nesta capa, é mostrado como atento para uma temática tão concernente ao desenvolvimento profissional dos estudantes. Ao que nos parece, as duas personagens estão ou tomando conhecimento da

nova lei ou trabalhando, por exemplo, procedendo a alterações em algum documento que normalize essa atividade discente.

No que se tange ao gênero, é curioso notar que mais uma vez o feminino impera nos exemplares da revista. O interessante é que esta edição, especificamente, traz professores, os quais, principalmente no âmbito universitário, usualmente são do sexo masculino. Entendemos assim, como dissemos acima, uma extensão da imagem da profissional de Secretariado (feminina) com a de professora de cursos de Secretariado. Chamou-nos a atenção, ademais, a cor da vestimenta das duas mulheres: bege, com a qual ainda não vimos nenhuma secretária ser caracterizada em nossa amostragem. Tal tonalidade nos remete a uma idéia de igualdade, podendo ser relacionada à coloração de um uniforme. A esse respeito, Soulages (2010, p.130) pondera que "le port de l'uniforme s'est progressivement effacé pour laisser place à la simple tenue de travail".⁴³ De acordo com o autor, o que se observa na atualidade é uma mudança no vestuário no contexto das organizações, de modo que os tradicionais uniformes têm sido substituídos por vestimentas que favoreçam o desempenho das atividades laborativas, demonstrando uma valorização do bem-estar do indivíduo frente ao coletivo. Por esse motivo, é que, em nossa compreensão, apenas em uma edição foi observado algo que pudesse nos remeter a um uniforme: em nossas práticas sociais este tem perdido representatividade como marcador da identidade profissional.

Em nossa compreensão, ao fazer alusão a um assuntos relacionado a educandos, a revista recorre à questão de mostrar a capacitação como predicado inerente ao (futuro) profissional. Dessa forma, a Fenassec (e a *Excelência*) constrói de si um *ethos* de engajada em matérias relacionadas ao âmbito acadêmico, não apenas à esfera profissional ou corporativa.

A nosso ver, o efeito patêmico visado é atrair os possíveis leitores para se atualizarem com relação às novas diretrizes para estágios. Novamente, em nossa compreensão, há uma tentativa de agregar ao Tud da publicação universitários e docentes, ao tratar de uma temática bem direcionada ao universo acadêmico. O fato de ter sido mencionado que a lei "favorece" estudantes já aponta para um benefício, um efeito positivo, o que captar esse Tud para comprar e ler o exemplar.

⁴³ O uso de uniformes foi gradualmente eliminado para dar lugar a roupas de trabalho simples [tradução nossa]

3.1.16.3. Organização Enunciativa

O enunciado-tema é o único dizer veiculado na capa deste exemplar. Como ato delocutivo, é expresso na asserção: “Nova Lei de Estágio favorece estudantes”, o que nos leva a depreender, dado o emprego do verbo “favorece”, uma relação com a modalidade “opinião-convicção”, definida por Charaudeau (2009, p.92).

O enunciado direciona nossa compreensão na medida em que, por fazer referência a “estudantes”, leva-nos a postular que as personagens em cena sejam docentes, ao considerarmos, é claro, a dimensão imagética: a vestimenta das protagonistas não nos remete a discentes, mas a professoras (ou a uma professora e uma coordenadora de curso, por exemplo). Isso porque, em nossos imaginários, alunos seriam trajados com roupas marcadas pela informalidade, diferentemente do que observamos nesta capa.

Considerações Finais

Neste capítulo buscamos mostrar os resultados de nossa análise dos artefatos verbo-icônicos da composição das capas. Procuramos apreender os efeitos de sentido produzidos pelas imagens, especialmente, através da investigação das vestimentas e das cores presentes no estrato imagético. Partindo dessa averiguação, buscamos trabalhar nos imaginários sociodiscursivos e nos *ethé* veiculados pela revista – foco de nosso estudo. Além disso, examinamos a organização enunciativa do componente verbal das capas, a fim de melhor compreendermos o posicionamento do Euc em relação a seu projeto de fala. Em nosso entendimento, essa organização, ao trazer os atos locutivos, não só estabelece uma relação com o elemento icônico da capa, como também é inerente à construção do próprio gênero. Ainda, pode ser associada à instituição dos *ethé* e à intenção de comunicação do locutor.

A partir da análise empreendida, evidenciamos regularidades de algumas marcas, tanto imagéticas como textuais. No tocante às primeiras, observamos, notadamente na questão do vestuário, a recorrência da formalidade como característica do indumentária do profissional de secretariado. Como aspectos cromáticos, constatamos uma

predominância de cores sóbrias sendo retratadas. Os *ethé* e imaginários sociodiscursivos apresentaram certa variação, pois averiguamos alguns que fazem alusão a aspectos atuais e outros, ao contrário, que remetem a concepções passadas acerca do ofício. Já no que se refere aos componentes verbais, salientamos que a relevância destes na composição das capas se dá no sentido de convergirem para a compreensão do artefato imagético, de modo a corroborar na produção de efeitos de sentido diversos.

Tendo isso em vista, procederemos à formulação das conclusões deste estudo, próximo assunto de que trataremos.

CONCLUSÃO

Nosso objetivo principal neste trabalho foi identificar os imaginários sociodiscursivos e os *ethé* da profissão secretária veiculados nas capas da revista *Excelência* no período de 2005 a 2008. Ao mesmo tempo, intentamos analisar as dimensões técnica, situacional e discursiva das imagens que compunham tais capas, buscando, ainda, examinar o artefato lingüístico do gênero em questão – especialmente no que se referia aos atos locutivos –, haja vista o caráter de hibridismo com o qual tal gênero é assinalado.

Para a realização do estudo partimos da hipótese de que, por se tratar de publicação da federação representativa da classe profissional, a *Excelência* buscaria veicular imaginários e imagens (*ethé*) pautados em uma concepção de secretária que não reafirmasse uma visão estereotipada acerca da profissão, visão esta difundida socialmente a partir da inserção da mulher no ofício.

Por meio das nossas análises, evidenciamos que, por um lado, a revista constrói imagens da secretária ancoradas em imaginários contemporâneos do mundo corporativo e da profissão; entretanto, por outro – e no geral –, o periódico reforça concepções cristalizadas sobre a profissional, o que nos levou a concluir que nossa hipótese foi refutada. Uma demonstração que temos disso é a veiculação, em algumas capas, dos *ethé* de eficiência, competência, competitividade, versatilidade, sabedoria, produtividade, dentre outros relacionados a profissionalismo, na lógica mercantilista atual. Em outras, ao contrário, constatamos os *ethé* de submissão, subserviência, simpatia, elegância, enfim, atributos associados a uma aceção da carreira pautada em imaginários sessentistas, por exemplo. Podemos pensar, assim, em um anacronismo, ou seja, no fato de se utilizarem padrões de pensamento (imaginários sociodiscursivos) hegemônicos em uma época ao representar fatos de outra. Essa nossa reflexão parte da observação de que, se uma imagem de secretária ainda está sendo veiculada, ela não pode ser considerada típica de épocas anteriores. Ao que nos parece, há, assim, uma fase de transição nas hegemonias de imaginários sobre a profissão, mesmo porque, segundo Bakhtin (1992), a realidade é constitutivamente contraditória, dialógica, o que legitima coexistirem diversos imaginários em uma mesma sociedade, em uma mesma época. No caso da secretária, entendemos, pois, haver imaginários e imagens que tendem a se enfraquecer, assim como alguns que tendem a se fortalecer.

A profissão foi representada como um cargo categoricamente feminino, o que nos leva a postular uma reafirmação dos imaginários sociodiscursivos relacionados ao gênero. Conforme notamos, dos dezesseis exemplares analisados, apenas dois, ou seja,

12,5% do total trouxeram imagens que de fato nos levaram a concluir que secretários (homens) protagonizavam as edições – em outras três capas observamos figuras masculinas estampando-as, mas que não necessariamente indicavam tratarem-se destes profissionais; e em outro número evidenciamos a representação de um homem, todavia como estudante dessa área. É curioso verificarmos que esse indicador (12,5%) se aproxima de uma estatística que anteriormente citamos no trabalho: dos quase 800 mil profissionais de secretariado em São Paulo, 10% são homens. Isso corrobora nosso entendimento inicial de que uma capa de revista nos auxiliaria a visualizar essa questão do gênero, uma vez que por meio dela é possível averiguar como os imaginários são veiculados, de que modo são reforçados ou negados. Conforme postula Mendes (2011), os imaginários são verbo-icônicos e, nesse caso que explanamos, ancoram-se também no saber de conhecimento.

É interessante pontuar que o *ethos* de boa aparência foi observado em todas as capas analisadas que trouxeram pessoas representando profissionais de secretariado (ou secretariado executivo). Do mesmo modo, o *ethos* de beleza foi recorrente em nossas investigações. Em nossa compreensão, a beleza está relacionada a alguns modelos, fundados em determinados imaginários, os quais são reforçados nas capas. Nesse sentido, constatamos que personagens da revista que nos remetiam a secretárias tinham todas como características um corpo em forma – isto é, nem magro nem gordo –, bons dentes – alinhados e claros –, cabelos arrumados e vestuário adequado, padrões estes que se por lado são requeridos pelas organizações, por outro se relacionam com a caracterização da profissional dos anos 60, quando os atributos estéticos eram um critério para se empregar essa funcionária. Ainda a esse respeito é possível deprendermos o padrão de beleza que a revista constrói: de onze publicações que trouxeram personagens sinalizando secretárias, sete, isto é, aproximadamente 64%, das mulheres representadas foram loiras e jovens.

Outro *ethos* identificado que também nos remete à secretária vislumbrada outrora é o de tecnicista. Num viés a revista busca criar um *ethos* de modernidade, ao veicular instrumentos de trabalho de certa forma avançados em termos tecnológicos, como celulares e *laptops*; em outro, contudo, percebemos que talvez apenas a tecnologia dos equipamentos tenha mudado: o tipo de atividade realizada ainda é mostrado como o mesmo, quais sejam: atender telefone e digitar (apenas). Talvez possamos falar em uma “pseudotransformação” da imagem da secretária na atualidade. Nosso questionamento

nesse sentido é: mudar as ferramentas de trabalho seria suficiente para construir um novo conceito de uma profissão? Entendemos que é como se a publicação atualizasse a ocupação (seu próprio nome, *Excelência*, evoca a idéia de um perfil “superior”), mas não criasse uma nova acepção da mesma. Seria uma questão a se refletir em próximos trabalhos.

Um item no qual a revista busca desconstruir uma visão estereotipada da carreira pode ser relacionado à vestimenta das personagens. O traje, na dimensão técnica das imagens de profissionais de secretariado, figurou em 100% dos casos como um vestuário formal. Acreditamos que isso, inclusive, tenha sido importante para marcar uma diferença entre a representação de um profissional e a de estudante da área: em uma das capas que analisamos, os protagonistas eram discentes, marcados pela informalidade no indumento. Entendemos, assim, a relevância que a roupa tem na construção dos *ethé*: da mesma maneira que o artefato verbal do discurso, o não-verbal ancora a constituição das imagens etótica e icônica, consoante sinaliza Maingueneau (2008) na conceituação de corporalidade. Há, desse modo, um *ethos* de formalidade sendo construído, numa busca de negar uma concepção de profissão doméstica e maternal, tal como figurava o secretariado até anos 80. Um ponto que também chamou nossa atenção foi que nenhuma das capas por nós analisadas mostrou o uso da saia na composição do vestuário das personagens mulheres – a saia na altura dos joelhos, inclusive, recebe em nossa sociedade a denominação de “saia secretária”. É possível, pois, depreendermos a tentativa de desconstrução de uma idéia de feminilidade associada à profissão.

No que tange à materialidade lingüística, comprovamos que ela norteia a interpretação da materialidade icônica: o(s) enunciados(s) direciona(m) a compreensão acerca das imagens veiculadas nas capas, sendo, inclusive, impossível trabalhar com um componente sem adentrar no outro. No que se refere à organização enunciativa do artefato verbal, abordá-la nos auxiliou a melhor entender o posicionamento do Euc em relação a seu dizer. A nosso ver, essa organização, ao trazer os atos locutivos, não só estabelece uma relação com o componente icônico da capa, como também é inerente à construção do próprio gênero. Ainda, pode ser associada à instituição dos *ethé* e à intenção de comunicação do locutor. Evidenciamos, assim, em todas as revistas, o emprego dos atos delocutivos, nos quais, conforme Machado (2001), o locutor não assume responsabilidade sobre seu projeto de fala: é como se ele deixasse o discurso estabelecer-se como tal. Isso pode contribuir, pois, para a construção de um *ethos* de

credibilidade da revista, haja vista o afastamento dela e do interlocutor no dizer (seria aquela questão de uma pretensa neutralidade socioculturalmente instituída como qualidade dos meios de comunicação sérios, confiáveis). A *Excelência*, assim, constrói de si uma imagem de porta voz de uma classe e da sociedade, e seu posicionamento não é instituído, mesmo porque não há nenhum ato elocutivo veiculado (embora saibamos que outros elementos podem denotar essa inclusão no dizer, mas esse não foi o foco de nossas análises).

Como modos de organização do discurso predominantes, identificamos, nas imagens, o narrativo e descritivo e, nos dizeres, o enunciativo. Contudo, em nosso entendimento, todos figuram com uma finalidade argumentativa – segundo Charaudeau (2009). Isso porque, conforme esclarece Puzzo (2009b), a capa de revista, em sua composição verbal e visual, visa não só informar o potencial leitor sobre as matérias tratadas na publicação, mas também persuadi-lo, exercer influência sobre ele. Nesse sentido, a capa presta-se a dar ciência ao interlocutor acerca do(s) assunto(s) da edição e, além disso, faz uma publicidade – finalidade argumentativa – do produto revista, ao buscar atrair a atenção do público para ler/adquirir o exemplar.

No que se refere ao aspecto cromático das capas, depreendemos que a acepção da cor é cultural. Essa nossa afirmação pauta-se não só no que observamos a partir de nossas investigações, como também no que assinala Monnerat (2011): o significado das cores varia de acordo com a cultura das sociedades, caracterizada pela dinamicidade e variabilidade no tempo. Assim sendo, podemos dizer que se essas mesmas imagens das capas forem veiculadas em outra civilização, provavelmente produzirão outros (novos) efeitos de sentido. Constatamos, igualmente, que uma mesma tonalidade pode suscitar várias interpretações dependendo da intenção e da situação de comunicação na qual o discurso icônico em que figura está inserido. Desse modo, postulamos, dada nossa filiação à Teoria Semiolingüística, que o significado das cores é **situacional**. Isso pode ser confirmado pelo que evidenciamos nas análises: a cor branca, por exemplo, fora atrelada ao significado de paz em uma edição; já em outra, apontou para as idéias de medo e ansiedade.

Uma questão que nos instigou relaciona-se às múltiplas possibilidades de interpretação no que se referiu às personagens veiculadas nas capas. Em muitos exemplares, as protagonistas estampadas nos remeteram a várias hipóteses: podíamos supor que ali representavam uma recepcionista, ou uma administradora, ou uma secretária ou uma secretária executiva, por exemplo. A vestimenta, no caso, apesar de

apontar para uma constituição do que denominamos de **identidade imagética** da secretária, não determina, em última instância, a identificação dessa profissional. Podemos falar, nesse viés, em condições de significação: assim como as palavras, as imagens – do mesmo modo que as cores, consoante Guimarães (2000) – são polissêmicas. Dito de outra forma, na perspectiva da Análise do Discurso, a linguagem (neste caso, icônica) é opaca, não transparente, sendo os imaginários que ela veicula indícios para a construção de efeitos de sentido potenciais.

Assim sendo, concluímos que o que atestou a probabilidade de as imagens das personagens serem de secretárias foi o fato de a publicação ter como enunciadora a Federação representativa da classe, ou seja, o lugar social do dizer legitima determinadas construções interpretativas. Pudemos perceber, ainda, que não há, em nossos imaginários sociodiscursivos, uma distinção imagética entre as figuras de uma secretária e de uma secretária executiva. Além disso, o fato de a *Excelência* por vezes aproximar a imagem dessa profissão de outra, como no caso da administradora, pode ter como finalidade conferir *status* ao secretariado, revalorizar o ofício, tendo em vista que, em nossos imaginários, a figura do administrador está atrelada às idéias de prestígio social e autoridade.

No que se refere às temáticas das edições que analisamos, é interessante notar a recorrência de assuntos voltados ao exercício profissional. Um tema que evidenciamos, por exemplo, em três capas relacionou-se à empregabilidade. Ao que entendemos, o foco da publicação parece ser fornecer informações que contribuam para tornar a secretária mais competitiva no mercado de trabalho, levando-nos a indagar se a revista não estaria buscando construir um “novo” perfil profissional. Assim, ao vislumbrar criar esse “novo” perfil, ela parte do pressuposto de que socialmente vigora um “antigo”, o que nos leva a depreender a busca em transformar a maneira de significar a ocupação. Para tanto, a revista tenta impulsionar novas práticas discursivas, como forma de redimensionar as construções sociais acerca da profissão. A nosso ver, todavia, essa transformação é limitada, pois a revista acaba por reforçar algumas das imagens que almeja (direta ou indiretamente) desconstruir, tais como os aspectos tecnicista, feminino e estético associados ao exercício da profissão. Dessa forma, há uma ruptura relativamente “ilusória” no que concerne a certos imaginários, restringindo-se a publicação, basicamente, a uma atualização do ofício para os moldes de mercado contemporâneos, trazendo, portanto, o antigo sob “novas roupagens”.

Uma questão importante decorre da constatação de uma baixa ocorrência com relação ao número de pessoas negras ou afro-descendentes ilustrando a revista. Evidenciamos indivíduos dessas etnias em apenas duas capas, 12,5% do total, sendo em um desses exemplares estampado um estudante, não um profissional da área. Portanto, como profissional de secretariado negro, a representação foi de 6,25% das capas. Se por um lado esse indicador pode apontar para uma representatividade ainda pequena das etnias negra e afro-descendente na profissão, por outro lado pode sinalizar uma tendência crescente de inclusão dessas etnias na ocupação, pressupondo-se que sua representatividade talvez tenha sido ainda menor em décadas anteriores. Uma mostra dessa idéia de inclusão é o fato de um afro-descendente representar, em uma capa da revista, um aluno do curso de Secretariado Executivo. Aliás, de todas as publicações que analisamos, apenas uma referiu-se à classe discente, justamente a que trouxe indivíduos afro-descendentes ilustrando-a. Isso nos leva a entender uma projeção destes como novos/futuros profissionais da área. Essa percepção pode apontar o desenvolvimento de pesquisas futuras, tais como estudos comparativos que avaliem a possível tendência à inserção dessas etnias na carreira secretarial.

Finalmente, voltando à motivação inicial para a realização deste estudo, o que procurei foi refletir sobre as imagens socialmente instituídas acerca da profissão de secretariado na atualidade. O que me levou a fazer esta pesquisa foi uma questão que, conforme explanei, sempre me instigou e que até hoje, como docente de uma graduação em Secretariado Executivo, ainda percebo-a afligindo os estudantes da área. Buscando assim, entender a configuração discursiva da ocupação, notadamente a partir dos aspectos verbo-icônicos da revista da entidade representativa da profissão, acredito que eu tenha ao menos lançado algumas possibilidades para que se reflita sobre a maneira como o ofício ainda é representado nos dias atuais. Além disso, espero também ter contribuído para os estudos em Análise do Discurso, especialmente com artefatos imagéticos. A grade de análise de imagens de que nos valem mostrou-se uma proposta teórico-metodológica pertinente e eficaz para o levantamento e a análise de vários aspectos do componente icônico. Dessa forma, entendo que ela pode fundamentar a realização de vários outros trabalhos com imagens, para além do estudo da materialidade lingüística. Ela se configura, portanto, como um caminho para se pensar outros (novos) objetos de pesquisa.

REFERÊNCIAS

AMOSSY, R. (org.) *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2008.

AMOSSY, R. & HERSCHBERG-PIERROT, A. *Stéréotypes et Clichés: langue, discours, société*. Paris: Armand Colin, 2005.

AUMONT, Jacques. *A Imagem*. Campinas: Papyrus, 1993.

BAKHTIN, M. (Volochinov). *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1992.

BOLZAN, Robson Lopes e MASSARUTTI, Neusa Maria Orthmeyer. *Desafios e preconceitos enfrentados por estudantes e profissionais de secretariado executivo, destacando o preconceito pelo sexo masculino*. 2010. Artigo científico classificado em terceiro lugar para apresentação no XVII CONSEC: Fortaleza/CE, 2010. Disponível em: http://www.fenassec.com.br/pdf/xxvii_oral_3_lugar.pdf. Acesso em 02-12-2011

BRANDINI, Valéria. Moda, cultura de consumo e modernidade no século XIX. In: *Revista Signos do Consumo*, v.1, nº 1, JAN-JUL 2009,74-101. ISSN: 1984-5057. Disponível em <http://www.usp.br/signosdoconsumo/artigos/05-MODA-CONSUMO-E-A-MODERNIDADE-v1n1-74-100.pdf>. Acesso em 15-02-2012.

CHARAUDEAU, Patrick. *Linguagem e Discurso: modos de organização*. São Paulo: Contexto, 2009.

CHARAUDEAU, Patrick. O *ethos*, uma estratégia do discurso político. In: *Discurso Político*. São Paulo: Contexto, 2008a, p. 113-184.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2008b.

CHARAUDEAU, P. Ato locutivo. In: _____, P.; MAINGUENEAU, D. *Dicionário de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2008c, p.309-310.

CHARAUDEAU, P. Modo de organização do discurso. In: _____, P.; MAINGUENEAU, D. *Dicionário de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2008d, p.337-338.

CHARAUDEAU, Patrick. Les stéréotypes, c'est bien, les imaginaires, c'est mieux. In: BOYER, H. *Stéréotypage, stéréotypes: fonctionnements ordinaires et mises en scène*. Langue(s), discours. Vol. 4. Paris: Harmattan, 2007. p 49-63.

CHARAUDEAU, Patrick. Visadas discursivas, gêneros situacionais e construção textual. In: MACHADO, I.L.; MELLO, R. (Orgs) *Gêneros: Reflexões em Análise do Discurso*. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2004. p.14-41.

DÉCIA, Ana Cristina Muniz. *A Information Literacy na Formação do Neo-Secretário Executivo: um Estudo de caso da Graduação em Secretariado/UFBA*. Dissertação de Mestrado. UFBA: Salvador/BA, 2005.

GARRIDO, B. S. Diálogos entre texto e imagem nas capas da revista UNESP Ciência: uma análise multimodal. In: *Revista Linguagem*, ed. 18, 2011, p. 1-13. ISSN 1983-6988. Disponível em <http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao18/artigos/029.pdf>. Acesso em 08-02-2012.

GUIMARÃES, Eduardo. *A cor como informação: a construção biofísica, lingüística e cultural da simbologia das cores*. São Paulo: Annablume, 2000.

HOLLANDER, Anne. *O sexo e as roupas: A evolução do traje moderno*. Trad. Alexandre Tort. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

KARWOSKI, Acir Mário. *Ethos como argumento retórico na linguagem publicitária*. In: *Gláuks*, v.8, n.1, 2008, p. 108-134.

LIMA, Helcira. *Seminário de Tópicos Variáveis em Análise do Discurso: Emoções e Discurso*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2010. Notas de aula.

LIMA, Helcira. *Na tessitura do Processo Penal: argumentação no Tribunal do Júri*. 2006. 259 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

MACHADO, Ida Lúcia. *Teorias sobre o discurso*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2010. Notas de aula.

MACHADO, Ida Lúcia. Emoções, Ironia e AD: breve estudo de um discurso literário. In: MACHADO, Ida Lúcia (orgs.); MENDES, Emília; MENEZES, William. *As emoções no discurso*, volume I – Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. p. 169-181

MACHADO, Ida Lúcia. Breves considerações sobre índices de modalização e práticas de leitura. In: *Revista Calígrama*. Belo Horizonte: FALE/UFMG. v.6, jul. 2001, p. 63-77.

MAINGUENEAU, D. *Ethos*, cenografia, incorporação. In: AMOSSY, R. (org.) *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2008.

MAINGUENEAU, D. *Análise de Textos de Comunicação*. São Paulo: Cortez Editora, 2002.

MARCONI, M. A. e LAKATOS, E. M. *Técnicas de Pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2008.

MARTINS, Cibele Barsalini *et alii*. *A Importância da Educação para a Evolução do Profissional em Secretariado Executivo no Mercado de Trabalho Globalizado*. 2006. Artigo científico classificado em terceiro lugar para apresentação no XV CONSEC: Florianópolis/SC, 2006. Disponível em: http://www.fenassec.com.br/pdf/artigos_trab_cientificos_xvconsec_3lugar.pdf. Acesso em 02-12-2011.

MEDEIROS, João Bosco e HERNANDES, Sonia. *Manual da Secretária*. 9ª ed. São Paulo: Editora Atlas, 2004.

MENDES, Emília. Análise do Discurso e análise de imagens: desafios teóricos. In: *IX Congresso Internacional da Associação Latino-americana de Estudos do Discurso: vozes, sentidos e identidades*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2011. Apresentação em Seminário Temático em 03 nov. 2011.

MENDES, Emília. Publicidade e imagem: uma proposta de estudo. In: GOUVÊA, Lucia H. M. & GOMES, Regina S. (orgs.) *Anais do II Fórum Internacional de análise do discurso: discurso, texto e enunciação*. Rio de Janeiro, UFRJ, 2010a. p. 90-100 - ISBN 9788587043986. Livro eletrônico. www.letras.ufrj.br/ciadrio. Acesso em 21-3-2010.

MENDES, Emília. *Seminário de Tópicos Variáveis em Análise do Discurso: Ethos, imagem icônica e discurso*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2010b. Notas de aula.

MENDES, Emília. Entrevistas forjadas: a representação de um “outro” como um “eu”. In: *Vertentes*, São João del-Rei: UFSJ, n° 32, p. 191-199, jul./dez. 2008. Disponível em: http://intranet.ufsj.edu.br/rep_sysweb/File/vertentes/Vertentes_32/emilia_mendes.pdf. Acesso em 22-01-2012.

MENDES, Emília. O conceito de ficcionalidade e sua relação com a Teoria Semiolingüística. In: MACHADO, Ida Lúcia *et alii*. *Movimentos de um percurso em análise do discurso*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2005, p. 133-148.

MENDES, Emília. *Contribuições ao estudo do conceito de ficcionalidade e de suas configurações discursivas*. 2004. 267f. Tese (Doutorado em Letras: Estudos Lingüísticos). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

MONNERAT, Rosane Santos Mauro. Discurso e Imagem em capas de revistas brasileiras: ideologia e sedução. In: MELLO, Renato de; SOUZA, Wander Emediato de & MACHADO, Ida Lúcia. (orgs.) *Anais do IX Congresso Internacional da Associação Latino-americana de Estudos do Discurso: vozes, sentidos e identidades*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2011, p.1-16. ISBN: 9788577580989 [recurso eletrônico – CD-ROM]

MONNERAT, Rosane Santos Mauro. “A felicidade do homem é: eu quero; a felicidade da mulher é: ele quer”: machismo e feminismo – visões de mundo e construção de identidades. In: MACHADO, Ida Lúcia; MELLO, Renato de (orgs.). *Análise do discurso hoje*, volume 3. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

MOSCOVICI, Serge. *Representações Sociais: Investigações em psicologia social*. 5ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

NATALENSE, Liana. *A secretária do futuro*. Rio de Janeiro: Qualitymark, 1998.

PASTOUREAU, Michel. *Les couleurs de notre temps*. Paris : Christine Bonneton Editeur, 2005. ISBN : 2-86253-304-1.

PLANTIN, Christian. As razões das emoções. In: MENDES, Emília; MACHADO, Ida Lúcia (orgs.) *As emoções no discurso*, volume II - Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010. p.57-80.

PROCÓPIO, Mariana Ramalho. *O "ethos" do homem do campo nos quadrinhos de Chico Bento*. 2008. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). UFMG: Belo Horizonte/MG, 2008.

PUZZO, Miriam Bauab. A linguagem verbo-visual das capas de revista e os implícitos na constituição de sentido. In: *Revista Intercâmbio*, volume XX. São Paulo, LAEL/PUC-SP, 2009a. p.125-138 - ISSN 1806-275x. Disponível em: http://www.pucsp.br/pos/lael/intercambio/pdf/XX/8%20Miriam_Puzzo.pdf. Acesso em 21-01-2012.

PUZZO, Miriam Bauab. Gêneros discursivos: capas de revistas. In: *Revista Caminhos em Lingüística Aplicada*, volume 1. São Paulo, UNITAU, 2009b. p.63-71. Disponível em: www.unitau.br/caminhosla. Acesso em 26-01-2012.

SABINO, Rosimeire Ferraz e ROCHA, Fábio Gomes. *Secretariado: do escriba ao web writer*. Rio de Janeiro: Brasport, 2004.

SANTOS, Eliana Cristina Pereira. Imagético e discursivo: uma análise da capa da revista Nova Escola. In: *Revista Linguagem*, ed.11, 2009. ISSN 1983-6988. Disponível em <http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao11/artigo07.pdf>. Acesso em 22-01-2012.

SOULAGES, Jean-Claude. Le vêtement de travail entre l'uniforme et la parure. In: *Colloque de la Mode: S'habiller pour travailler*. Lyon: Université de la Mode – Université Lumière Lyon 2. 30 et 31 mars 2010. p.130-135.

SOUSA, Ana Carolina Cardoso. *Responsabilidade Social e Desenvolvimento Sustentável: A incorporação dos Conceitos à Estratégia Empresarial*. 2006. Dissertação (Mestrado em Planejamento Estratégico). UFRJ: Rio de Janeiro/RJ, 2006. Disponível em: <http://www.ppe.ufrj.br/ppe/production/tesis/sousacc.pdf>. Acesso em 21-11-2011.

http://www.fenassec.com.br/respeito_hotel.htm. Acesso em 24 de agosto de 2009.

<http://www.fenassec.com.br/chlorophylla.htm>. Acesso em 24 de agosto de 2009.

FENASSEC. www.fenassec.com.br. Acesso em 24-8-2009 e em 23-02-2011.

<http://www.betedelia.com.br/artigo15.htm>. Acesso em 14-9-2009 e em 03-8-2011.

<http://www.mundoeducacao.com.br/artes/significado-das-cores.htm>. Acesso em 30-11-2011.

<http://www.tci.art.br/cor/efeito.htm>. Acesso em 30-11-2011.

<http://www.infoescola.com/psicologia/significado-das-cores/>. Acesso em 30-11-2011.

<http://portal.inep.gov.br/enade>. Acesso em 30-11-2011.

<http://www.sindsemg.com.br/historia.htm>. Acesso em 01-12-2011.

<http://www.fashionbubbles.com/historia-da-moda/o-terninho-classicos-da-moda/>.
Acesso em 20-01-2012 e 15-02-2012.

<http://pt.scribd.com/doc/36702240/Elementos-graficos-e-editoriais-de-pagina>. Acesso
em 08-02-2012

<http://www.slideshare.net/helenajacob/aula-capa-2010>. Acesso em 08-02-2012.

<http://www.contratuh.com.br/>. Acesso em 09-02-2012.

<http://www.contec.org.br/>. Acesso em 09-02-2012.

<http://www.webartz.com.br/design-e-inspiracoes/aplicacao-das-cores-na-publicidade/>.
Acesso em 11-02-2012.

<http://www.rhportal.com.br/workaholic.htm>. Acesso em 14-02-2012.

http://fenassec.com.br/b_osecretariado_lei_regulamentacao.html#lei. Acesso em 15-02-
2012 e em 21-02-2012.

http://www.fenassec.com.br/h_execelencia_assine.html. Acesso em 21-02-2012.

<http://www.brasilprofissoes.com.br/profissoes/recepcionista>. Acesso em 22-02-2012.

ANEXOS

LEI E REGULAMENTAÇÃO

Registro Profissional

Todo profissional de secretariado, inclusive com registros como Assessora, assistente, auxiliar administrativo, deve ter seu registro junto à antiga DRT - Delegacia Regional do Trabalho, atual SRTE-Superintendência Regional do Trabalho e Emprego. Veja se você está enquadrada na Lei 7.377/85, complementada pela Lei 9.261/96 e se informe no seu sindicato estadual como tirar o registro.

Lei de Regulamentação da Profissão

Lei 7377, de 30/09/85 e Lei 9261, de 10/01/96

Dispõe sobre o exercício da profissão de secretário e dá outras providências

O Presidente da República.

Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art.1º. O exercício da profissão de secretário é regulado pela presente Lei.

Art.2º. Para os efeitos desta Lei, é considerado:

I - Secretário Executivo

a) o profissional diplomado no Brasil por curso superior de Secretariado, reconhecido na forma de Lei, ou diplomado no exterior por curso de Secretariado, cujo diploma seja revalidado no Brasil, na forma de Lei.

b) o portador de qualquer diploma de nível superior que, na data de vigência desta Lei, houver comprovado, através de declarações de empregadores, o exercício efetivo, durante pelo menos trinta e seis meses, das atribuições mencionados no Art.4º. desta Lei.

II - Técnico em Secretariado

a) o profissional portador de certificado de conclusão de curso de Secretariado em nível de 2º. grau

b) portador de certificado de conclusão do 2º. grau que, na data de início da vigência desta Lei, houver comprovado, através de declarações de empregadores, o exercício efetivo, durante pelo menos trinta e seis meses, das atribuições mencionados no Art.5º. desta Lei.

Art. 3º. É assegurado o direito ao exercício da profissão aos que, embora não habilitados nos termos do artigo anterior, contém pelo menos cinco anos ininterruptos ou dez anos intercalados de exercício de atividades próprias de secretaria na data de vigência desta Lei.

Art.4º. São atribuições do Secretário Executivo:

- I - planejamento, organização e direção de serviços de secretaria;
- II - assistência e assessoramento direto a executivos;
- III - coleta de informações para a consecução de objetivos e metas de empresas;
- IV - redação de textos profissionais especializados, inclusive em idioma estrangeiro;
- V - interpretação e sintetização de textos e documentos;
- VI - taquigrafia de ditados, discursos, conferências, palestras de explanações, inclusive em idioma estrangeiro;
- VII - versão e tradução em idioma estrangeiro, para atender às necessidades de comunicação da empresa;
- VIII - registro e distribuição de expediente e outras tarefas correlatas;
- IX - orientação da avaliação e seleção da correspondência para fins de encaminhamento a chefia;
- X - conhecimentos protocolares.

Art.5º. São atribuições do Técnico em Secretariado:

- I - organização e manutenção dos arquivos da secretaria;
- II - classificação, registro e distribuição de correspondência;
- III - redação e datilografia de correspondência ou documentos de rotina, inclusive em idioma estrangeiro;
- IV - execução de serviços típicos de escritório, tais como recepção, registro de compromissos, informações e atendimento telefônico.

Art.6º. O exercício da profissão de Secretário requer prévio registro na Delegacia Regional do Trabalho do Ministério do Trabalho e far-se-á mediante a apresentação de documento comprobatório de conclusão dos cursos previstos nos incisos I e II do Art.2º. desta Lei e da Carteira de Trabalho e Previdência Social - CTPS.

Parágrafo Único - No caso dos profissionais incluídos no Art.3º., a prova da atuação será feita por meio de anotações na Carteira de Trabalho e Previdência Social e através de declarações das empresas nas quais os profissionais tenham desenvolvido suas respectivas atividades, discriminando as atribuições a serem confrontadas com os elencos especificados nos Arts.4º. e 5º.

Art.7º. Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Art.8º. Revogam-se as disposições em contrário.

José Sarney

Almir Pazzianotto

Fernando Henrique Cardoso

Paulo Paiva

Disponível em: http://fenassec.com.br/b_osecretariado_lei_regulamentacao.html#lei.

Acesso em 15-02-2012 e em 21-02-2012.

Capa I – Assédio Moral. Fonte: Revista Fenassec, nº 5, ano 3, 2005.



Excelência

Ano 3 - Nº 05
Dez/2004, jan e fev/2005
R\$ 6,00

A Revista da Fenassec
Federação Nacional das Secretárias e Secretários

Assédio Moral

a humilhação permanente
no ambiente de trabalho

Conheça os níveis de
atuação do profissional
de secretariado

Diretrizes Curriculares
Nacionais vão orientar
projetos pedagógicos

Capa III – 20 anos de regulamentação da profissão. Fonte: Revista Fenassec, nº 7, ano 3, 2005.



Capa IV – A política econômica e o desemprego no Brasil. Fonte: Revista Fenassec, nº 8, ano 3, 2005.



Excelência

Ano 3 - Nº 08 - R\$ 6,00
Outubro, novembro e dezembro/2005

A Revista da Fenassec
Federação Nacional das Secretárias e Secretários

A política
econômica
e o desemprego
no Brasil

Capa V – Autodesenvolvimento é responsabilidade sua! Fonte: Revista Fenassec, nº 9, ano 4, 2006.



Excelência

Ano 4 - Nº 09 - R\$ 6,00
Janeiro, fevereiro e março/2006

A Revista da Fenassec
Federação Nacional das Secretárias e Secretários

Autodesenvolvimento
é responsabilidade
SUA!

Conheça a opinião de Luciane Bacellar, secretária executiva com MBA em Gestão e Desenvolvimento de Pessoas pela FGV, sobre autodesenvolvimento.

Capa VI – Empregabilidade. Fonte: Revista Fenassec, nº 10, ano 4, 2006.



Empregabilidade

As dicas de um headhunter que fazem um profissional ser disputado pelas empresas de grande porte no mercado de trabalho

Capa VII – Sucesso profissional. Fonte: Revista Fenassec, nº 11, ano 4, 2006.



Capa VIII – Homens no secretariado. Fonte: Revista Fenassec, nº 12, ano 4, 2006.



Capa IX – Secretárias socialmente responsáveis. Fonte: Revista Fenassec, nº 13, ano 5, 2007.



Secretárias
socialmente
responsáveis

Capa X – O desempenho positivo do Secretariado Executivo no Enade. Fonte:
Revista Fenassec, nº 14, ano 5, 2007.

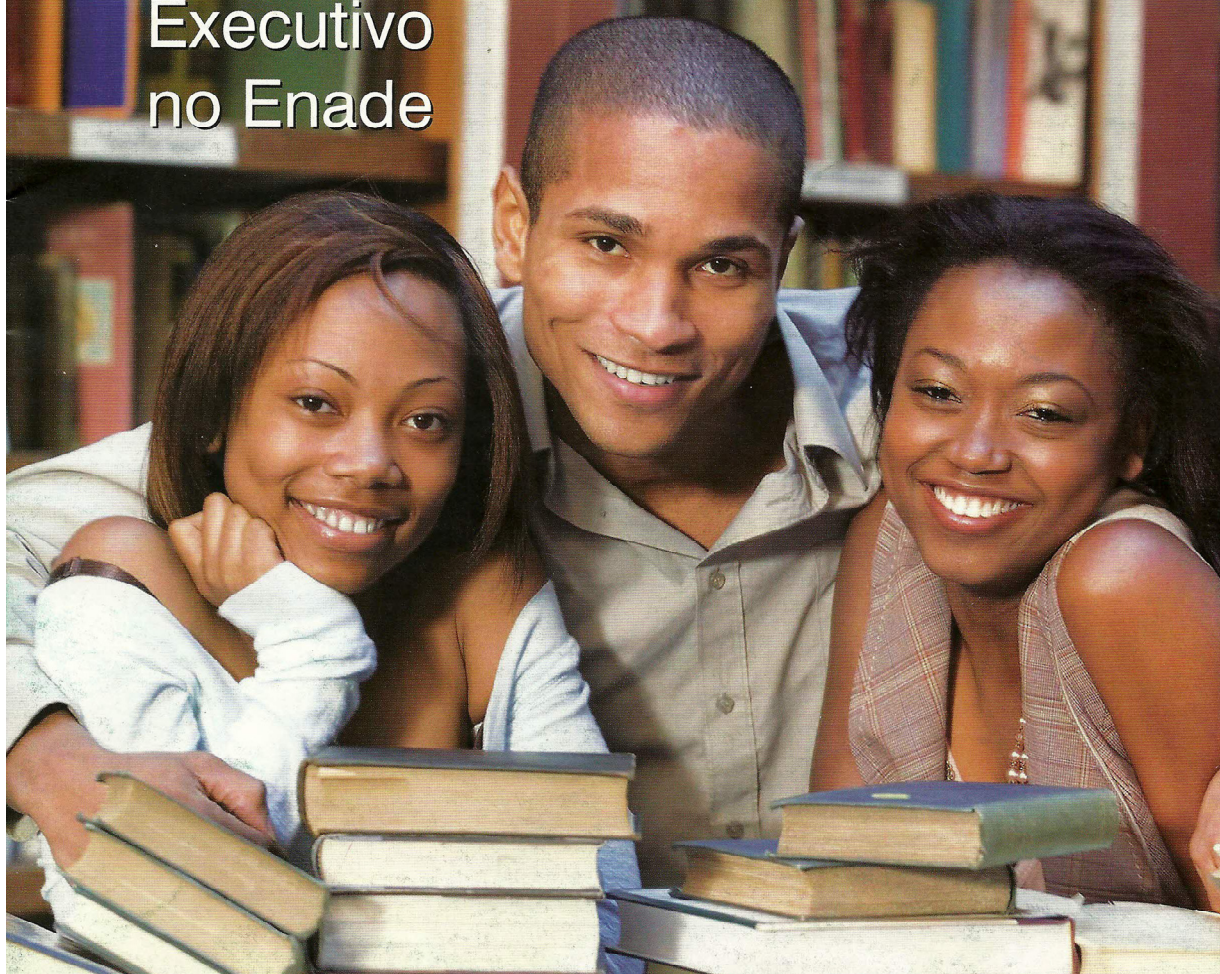
Excelência

Ano 5 - Nº 14 - R\$ 6,00
Abril, maio e junho/2007

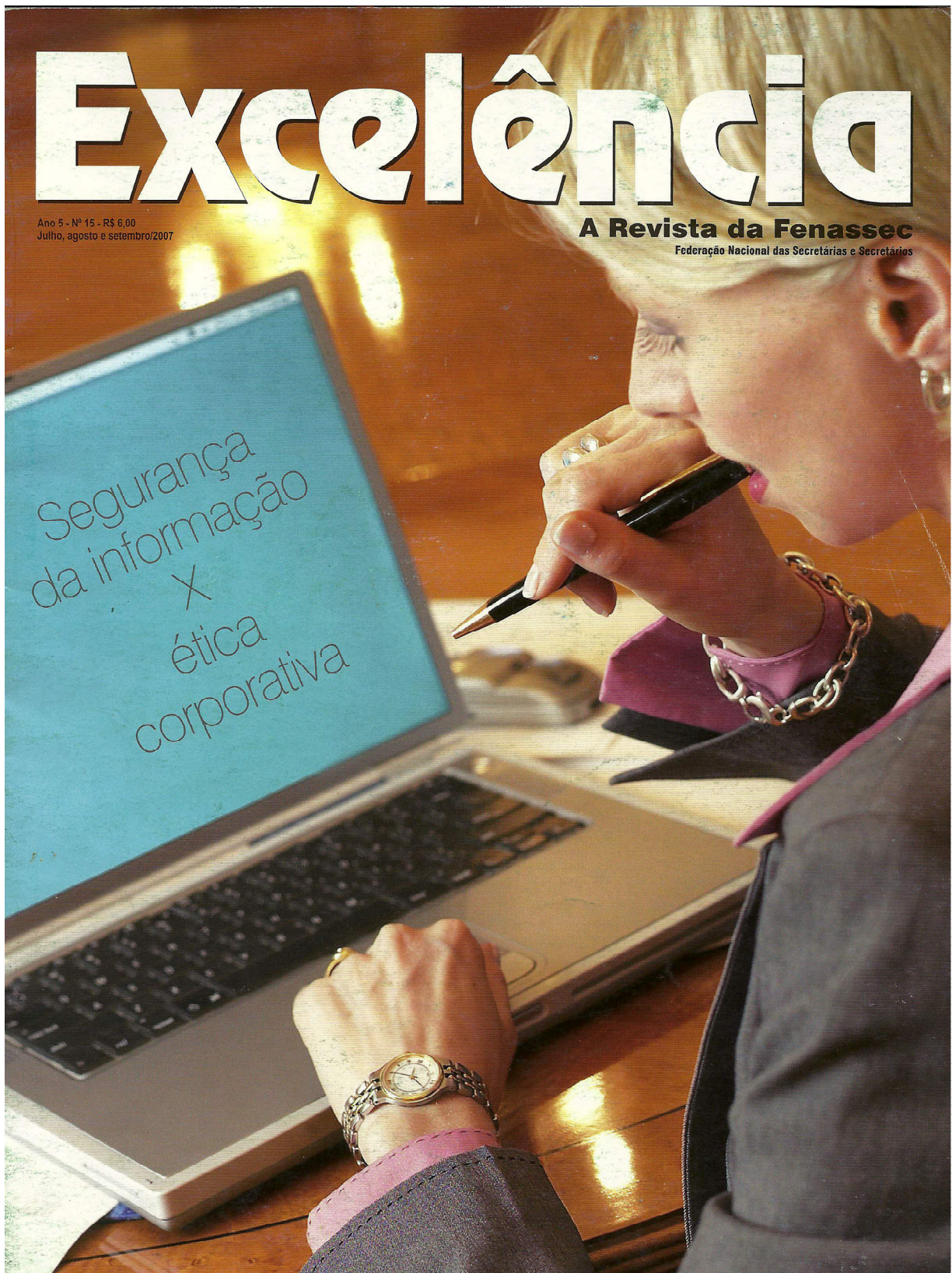
A Revista da Fenassec

Federação Nacional das Secretárias e Secretários

O desempenho
positivo do
Secretariado
Executivo
no Enade



Capa XI – Segurança da informação X ética corporativa. Fonte: Revista Fenassec, nº 15, ano 5, 2007.



Capa XII – Ser workaholic traz status para o profissional? Fonte: Revista Fenassec, nº 16, ano 5, 2007.



Ser workaholic
traz status
para o
profissional ?

Capa XIII – Conselho de secretariado: a luta pela criação nos gabinetes ministeriais. Fonte: Revista Fenassec, nº 17, ano 6, 2008.

Conselho de
Secretariado:
a luta pela
criação nos
gabinetes
ministeriais

Excelência

Ano 6 - nº 17 - R\$ 6,00
janeiro, fevereiro, março/2008

A Revista da Fenassec
Federação Nacional das Secretárias e Secretários

Capa XIV – A tecnologia a serviço do Secretariado Executivo. Fonte: Revista Fenassec, nº 18, ano 6, 2008.



A tecnologia
a serviço do
Secretariado
Executivo

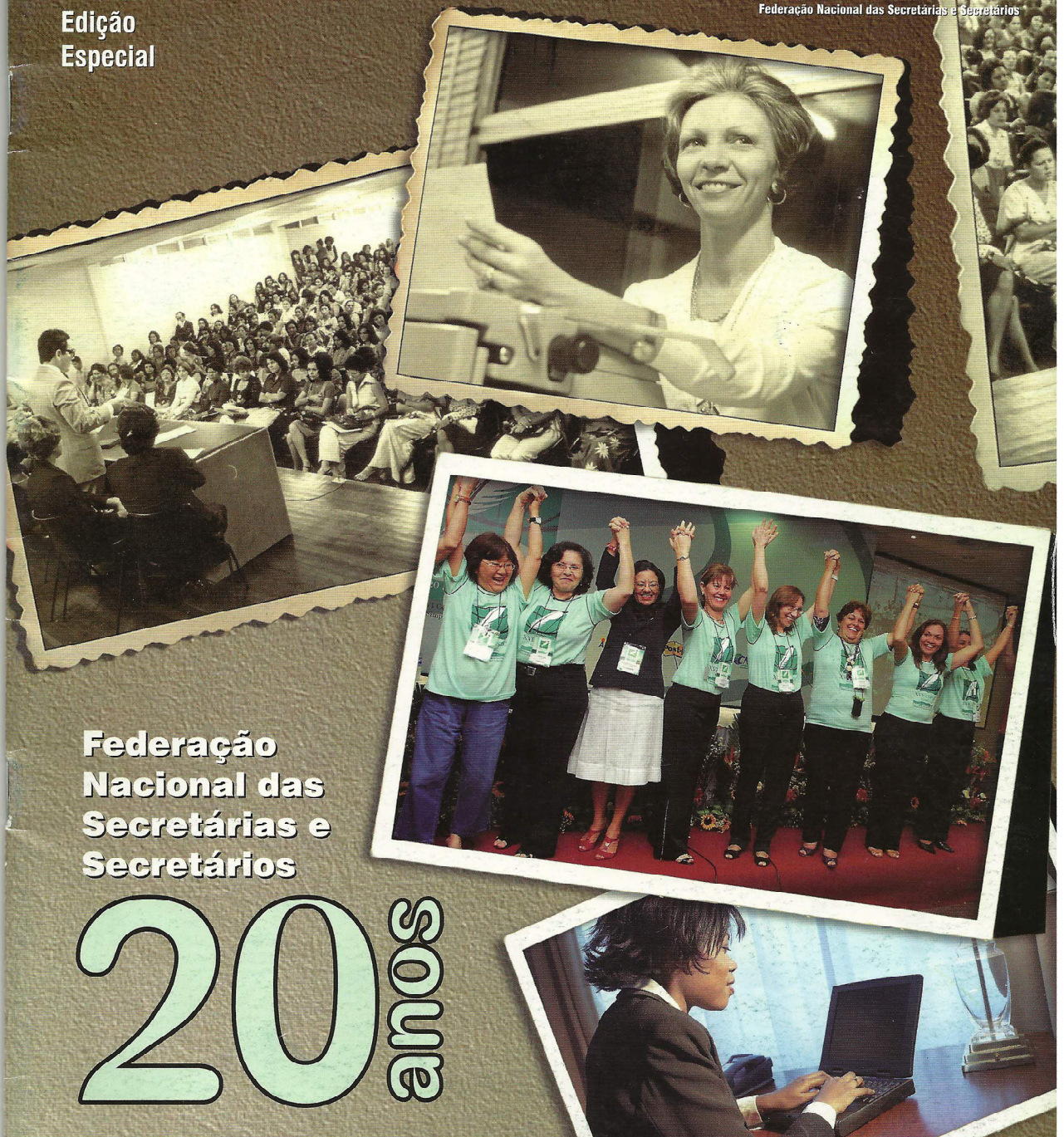
Capa XV – Federação Nacional das secretárias e secretários – 20 anos. Fonte:
Revista Fenassec, nº 19, ano 6, 2008.

Excelência

Ano 6 - nº 19 - R\$ 10,00
Julho, agosto e setembro/2008

**Edição
Especial**

A Revista da Fenassec
Federação Nacional das Secretárias e Secretários



**Federação
Nacional das
Secretárias e
Secretários**

20 anos

Capa XVI – Nova lei de estágios favorece estudantes. Fonte: Revista Fenassec, nº 20, ano 6, 2008.

